

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – FFC

CAIO NUNES DA CRUZ

**A ESTRATÉGIA DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO:
UM ESTUDO DOS ESCRITOS DE PRISÃO DE ABDULLAH ÖCALAN
(1999 – 2005)**

Marília – SP

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – FFC

CAIO NUNES DA CRUZ

**A ESTRATÉGIA DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO:
UM ESTUDO DOS ESCRITOS DE PRISÃO DE ABDULLAH ÖCALAN
(1999 – 2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Orientador: Dr. Leandro de Oliveira Galastri.

Marília – SP

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

C957e Cruz, Caio Nunes da
A Estratégia do Confederalismo Democrático : Um estudo dos escritos de prisão de Abdullah Öcalan (1999-2005) / Caio Nunes da Cruz. -- Marília, 2022
133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Leandro de Oliveira Galastri

1. Abdullah Öcalan. 2. Confederalismo Democrático. 3. Movimento de Libertação Curdo. 4. Partido dos Trabalhadores do Curdistão. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – FFC

CAIO NUNES DA CRUZ

**A ESTRATÉGIA DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO:
UM ESTUDO DOS ESCRITOS DE PRISÃO DE ABDULLAH ÖCALAN
(1999 – 2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Banca examinadora:

Professor Doutor Leandro de Oliveira Galastri (Orientador)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC

Professor Doutor Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC

Professor Doutor Bruno Lima Rocha Beaklini
UNIFIN -
Faculdade São Francisco de Assis

Marília, 20 de Dezembro de 2021.

Dedico este trabalho

À Joaquim Nunes da Cruz (in memoriam)

À Magdalena Ortega Nunes (in memoriam)

À Roseli Maria Colombo

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Leandro de Oliveira Galastri, por me acompanhar no desenvolvimento desse trabalho, sempre oferecendo importantes lições teóricas e metodológicas, nas orientações e nas disciplinas ofertadas e pelo constante apoio, empatia e compreensão diante das minhas próprias dificuldades nesse percurso. Para muitos, o trabalho de orientação recai numa racionalidade puramente instrumental, agradeço ao professor por ir além.

Aos membros da banca examinadora: Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha, que se tornou um importante interlocutor, especialmente em sua disciplina ofertada na pós graduação, e suas sempre relevantes considerações sobre o meu trabalho escrito, desde sua participação em minha banca de defesa do bacharelado até o presente trabalho; Bruno Lima Rocha Beaklini, por ter aceitado participar da banca de qualificação e defesa deste trabalho, e que demonstrando um domínio do campo de estudos trouxe importantes questionamentos que foram fundamentais para este trabalho. Agradeço a ambos pela disposição e empatia.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Unesp de Marília, em especial ao professor Rodrigo Fernando Passos, pelas discussões e trabalhos realizados no grupo de pesquisa “Marxismo, Estado, Política e Relações Internacionais”.

Neste biênico pandêmico (2020-2021), foi fundamental a relação e o trabalho que desenvolvi junto aos colegas dos grupos de estudo e pesquisa que mesmo não vinculados a academia, propiciaram um espaço privilegiado para o desenvolvimento de muitas ideias que aparecem nesse trabalho, e que serão desenvolvidas futuramente.

Assim, deixo meu agradecimento aos colegas do GEMLES (Grupo de Estudos em Municipalismo Libertário e Ecologia Social), um espaço que propiciou discussões de alto rigor sobre a obra e o pensamento de Murray Bookchin, o que permitiu expandir a minha compreensão sobre esse autor, num espaço em que coletivamente buscamos unir a crítica racional a uma sensibilidade ecológica que se tornou então central para minha visão de mundo. Entre tantos os colegas do grupo agradeço especialmente a Pedro Espindola por ter me acompanhado nessa empreitada intelectual.

Deixo meus agradecimentos também aos colegas do GEHA (Grupo de Estudos da História do Anarquismo), grupo de estudo vinculado a Biblioteca Terra Livre, de São Paulo.

Foi nesse grupo, em que tive a possibilidade de aprofundar meus estudos sobre a história do movimento operário revolucionário, onde seguimos um itinerário de estudos, que privilegiando a análise histórica sobre as organizações sociais de massa, evitamos reducionismos teóricos e ideológicos, o que nos permitiu traçar um panorama amplo e rigoroso sobre o desenvolvimento histórico dos mais de 150 anos de socialismo, tornando evidente o entrelaçamento do anarquismo (em suas múltiplas estratégias) com a nossa história. Isso representou um salto qualitativo em meus próprios conhecimentos e posições políticas. Agradeço especialmente aos colegas Karina Goto, Adriano Skoda, Vitor Ahagon, Davi Paulino, Mayumi Horibe, Paola De Ávila, pelo trabalho e companheirismo!

Agradeço aos demais companheiros pesquisadores sobre a questão curda que tive o prazer de conhecer nesse período e pelas nossas trocas de materiais, conversas e discussões sobre o tema. Florencia Guarsche, Vitor Maia, Ana Camila e Ana Clara Simões, obrigado!

Aos colegas da pós graduação em Ciências Sociais da Unesp de Marília, por sobrevivermos as disciplinas, e em especial aqueles que trabalharam mais próximo a mim na construção do IV e V Seminário Discente: Daniela Lira, João Ferraz, Carolina Carvalho e Thaís Linhares.

A Mariana Granado por ter aberto sua casa a mim e ter compartilhado seu escritório sempre que precisei, como na qualificação e defesa desse trabalho. A Jordana Machado por ter sempre me escutado, me lido, e sempre ter a sensibilidade correta em suas respostas, ao saber que as palavras nunca voltam vazias, manteve suas palavras duras, mas com ternura. Me salvou quando eu precisei.

Aos meus companheiros de vida: Larissa Cristina, Elias Guilherme, Felipe Diaz, José Máximo, Adilson Ramos, Valeska Thamires, Karen Rodrigues, Juliana Morgani, Luana Batista, Franciele Vaz e Eduardo Barreto; A Vitor Carvalho e Jean Britto pelas conversas e bares! Ao meu companheiro de empreitadas e projetos Brenno Demarchi! A Izabela Vaz e Flaviana Gomes pelas novas amizades! A Richard Vambasters, por ter me auxiliado em muitas das traduções para esse trabalho!!!

Aos meus amigos mais antigos, Iago Cedran e Pedro Henrique, que me provam a cada dia o significado real da palavra amizade. Estiveram comigo nos meus piores momentos, e não me deixaram cair, e continuam ao meu lado para os momentos de alegria.

A Juliana Munhoz Moreno, por cada novo dia em que eu posso te conhecer um pouco mais e sorrir ao seu lado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Esse trabalho foi majoritariamente produzido no biênio pandêmico de 2020-2021 do novo coronavírus (COVID-19), é um produto desse período, um momento da história humana que levou milhões de vidas a morte (da qual, como sabemos, milhões podiam também ter sido evitadas).

Esse trabalho foi escrito junto ao medo, o medo da minha própria morte, o medo da morte dos meus amigos e familiares, esse medo paralisou a minha mente, em muitos momentos paralisou a minha própria mão ao escrever, ao digitar, nesses dois últimos anos as minhas condições materiais de existência se transformaram rapidamente, e com essa transformação meus medos também mudaram de forma e junto a ansiedade se somaram períodos em que as pulsões de morte quase sobrepujaram meu desejo pela vida.

Em momentos, essa própria pesquisa se tornou o objeto de muita angustia, de ansiedade, aumentando a minha própria impostura, em outros momentos, serviu como um norte, visto que, conhecer a história dos curdos e estudar o pensamento de Abdullah Öcalan, é entender que a existência é a luta por uma vida livre e por um novo mundo. Eu não resolvi essa contradição em mim, e essa dissertação também reflete isso, longe de oferecer um produto pronto, ela é a representação desse período, e como na vida, deixa muitas perguntas abertas. Espero que ela sirva como um elo na construção dessa nova corrente que são os estudos sobre a questão curda no Brasil, e que como um elo, que seja forte. Os erros e limitações são meus, mas os acertos também.

As minhas angustias diminuem a medida em que vejo no meu cotidiano o apoio mutuo e a solidariedade nos fortalecendo contra um mundo em colapso. Produzindo, ainda que devagar, ainda que de lábio em lábio, de passo a passo, de pouco a pouco, a construção de alternativas reais para nosso futuro, que começam a se estruturar e se desenvolver a partir do aqui e agora. Os Curdos nos encham de esperança pelo exemplo, pois mesmo com cidades destruídas pela guerra, eles, como bem disse Buenaventura Durruti, não temem as ruínas e estão construindo um novo mundo nesse momento!

“Além da história nós não somos nada.”.

Abdullah Öcalan (2007, p. 285)

RESUMO

Este trabalho visa apresentar como a teoria revolucionária do Confederalismo Democrático construída por Abdullah Öcalan, em seus anos iniciais na prisão da ilha de Imrali, na Turquia, se transformou em um novo paradigma teórico para o Movimento de Libertação Curdo e sua principal organização, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão. Argumentamos que os conceitos de poder dual e política prefigurativa são conceitos chaves para a compreensão do programa do Confederalismo Democrático no Curdistão e Oriente Médio, e buscamos, a partir da análise imanente dos escritos de prisão de Abdullah Öcalan, elaborados entre os anos de 1999 e 2005 compreender o desenvolvimento do paradigma do Confederalismo Democrático.

Palavras Chave: Abdullah Öcalan; Confederalismo Democrático; Movimento de Libertação Curdo; Partido dos Trabalhadores do Curdistão.

ABSTRACT

This work aims to present how the revolutionary theory of Democratic Confederalism built by Abdullah Öcalan, in his early years in the prison on the island of Imrali, in Turkey, turned into a new theoretical paradigm for the Kurdish Liberation Movement and its main organization, the Party of Kurdistan Workers. We argue that the concepts of dual power and prefigurative politics are key concepts for understanding the program of Democratic Confederalism in Kurdistan and the Middle East, and we seek, from the immanent analysis of Abdullah Öcalan's prison writings, elaborated between the years of 1999 and 2005 to understand the development of the Democratic Confederalism paradigm.

Keywords: Abdullah Öcalan; Democratic Confederalism; Kurdish Liberation Movement; Kurdistan Workers' Party.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – DA GUERRA POPULAR A UMA SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA.....	20
1.1 A BUSCA POR UMA SOLUÇÃO POLÍTICA PARA A QUESTÃO CURDA.....	20
1.2 - LESLIE LIPSON E A CIVILIZAÇÃO DEMOCRÁTICA.....	30
CAPÍTULO 2 – DA AUTONOMIA DEMOCRÁTICA AO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO.....	47
2.1 - A APELAÇÃO A CORTE EUROPEIA DE DIREITOS HUMANOS.....	47
2.2. A AUTONOMIA DEMOCRÁTICA EM BAKUR.....	57
2.3. O ESTUDO E A BUSCA DE UM DIALOGO COM MURRAY BOOKCHIN....	61
2.4. A DECLARAÇÃO DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO E A UNIÃO DAS COMUNIDADES DO CURDISTÃO.....	68
CAPÍTULO 3 – CONFEDERALISMO, PODER DUAL E POLITICA PREFIGURATIVA.....	72
3.1 – CONFEDERALISMO.....	72
3.2 – PODER DUAL.....	87
3.3 – POLÍTICA PREFIGURATIVA.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	106
APÊNDICE A – MURRAY BOOKCHIN E ABDULLAH ÖCALAN – CORRESPONDÊNCIA (2004).....	111
APÊNDICE B - DECLARAÇÃO DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO NO CURDISTÃO (2005).....	123

LISTA DE ABREVIATURAS

AIT - Associação Internacional Dos Trabalhadores
AKP – Partido da Justiça e Desenvolvimento
ARGK – Exército de Libertação Popular do Curdistão
CEDH – Corte Europeia Dos Direitos Humanos
CNT – Confederação Nacional Do Trabalho
FLPP – Frente de Luta Popular Palestina
FPLP – Frente Popular pela Libertação da Palestina
FPLP-CG – Frente Popular pela Libertação da Palestina – Comando Geral
HEP – Partido do Povo Trabalhador
ISE – Instituto de Ecologia Social
IWW – Trabalhadores Industriais do Mundo
KADEK – Congresso pela Liberdade e Democracia no Curdistão
KCK – União das Comunidades do Curdistão
KDP – Partido Democrático do Curdistão
KKK – União das Associações do Curdistão
KONGRA-GEL – Congresso Popular do Curdistão
MIT – Organização Nacional de Inteligência da Turquia
OHAL - Governo Da Região Do Estado De Emergência
ÖZDEP – Partido da Democracia e da Liberdade
PKK – Partido dos Trabalhadores do Curdistão
PUK – União Patriótica do Curdistão
PYD – Partido da União Democrática
SPW – Partido Socialista dos Trabalhadores
YPG – Unidades de defesa do Povo
YPJ – Unidades de defesa da Mulher

INTRODUÇÃO

Biji Biji Kurdistan.

(Viva o Curdistão!)

Liberdade para Abdullah Öcalan!

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o desenvolvimento da estratégia do Confederalismo Democrático. Buscamos assim contribuir com os estudos no Brasil sobre a questão curda, e em especial, os estudos sobre a especificidade da teoria que orienta as principais organizações do Movimento de Libertação Curdo, atuantes nos Estados da Turquia, Síria, Irã e Iraque, e que vem, desde a primavera árabe, exercendo um papel significativo na geopolítica do oriente médio. Buscando compreender a especificidade da questão curda, e da teoria do Confederalismo Democrático, por meio dos textos de Abdullah Öcalan, procuramos aprofundar o conhecimento produzido pelas ciências sociais no ocidente sobre este tema, nos afastando de uma visão orientalista e criminalizadora, visto que a maior parte dos estudos sobre o Movimento de Libertação Curdo são estudos realizados pelas perspectivas da criminologia, do terrorismo, e da contrainsurgência. (JONGENDER; AKKAYA, 2013)

Com a libertação em 2015 da cidade de Kobanê do controle do Estado Islâmico, pelas Forças de Defesa do Povo (YPG) e Forças de Defesa da Mulher (YPJ), braços armados do Partido da União Democrática (PYD), na região de Rojava, no Norte da Síria, o ocidente “descobriu” um conflito centenário no oriente médio: A Questão Curda. Por meio das centenas de manchetes que ocuparam os principais veículos de mídia do ocidente, se levantaram questionamentos sobre quem eram aquelas organizações, com mulheres na vanguarda, que estavam enfrentando o Daesh e retomando o controle de cidades e vilarejos no norte da Síria.

Ainda hoje, esses questionamentos estão envoltos em certo senso comum, por parte da mídia, do conjunto das organizações de esquerda e mesmo por parte dos cientistas sociais do Ocidente.

A vitória das forças curdas em Kobanê “revelou” um conflito que já dura décadas: a luta pela autodeterminação do povo curdo. No caso Sírio, não foi em 2015, mas já em 2011,

com o início da guerra civil no país, como decorrência da chamada “Primavera Árabe”, que os curdos em suas organizações políticas iniciaram a tomada do controle da região chamada Curdistão Ocidental, Rojava, ao expulsar as forças do exército Sírio, que já não podia manter um fronte extra no norte do país, devido as lutas contra os rebeldes do chamado “Exército Livre da Síria”. Com a completa expulsão das forças Baathistas, no verão de 2012 se dá início a um processo revolucionário na região, protagonizado pelas organizações curdas, coordenadas sobre um programa comum: o confederalismo democrático.

Sequestrado em 1999 por agentes de uma coalização entre EUA, Israel e Turquia, o então presidente do comitê central do Partido Dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, é preso no Quênia após anos de fuga da criminalização imposta pelo Estado Turco ao PKK e seus dirigentes, considerados terroristas. Sendo um dos fundadores do PKK, em 1978 na Turquia e se constituindo em principal referência teórica e prática da organização, Öcalan era o nome mais cobiçado pelas forças repressivas turcas. A notícia de sua prisão alcançou a mídia ocidental e em pouco tempo foi sentenciado à morte pela Turquia. A sentença de morte, entretanto, foi convertida em prisão perpétua, devido ao pedido de ingresso da Turquia na União Europeia, que requisitava a suspensão da pena de morte como um todo. Sentenciado a prisão perpétua, Abdullah Öcalan foi aprisionado na prisão de segurança máxima da ilha de Imrali, no mar da Mármara, norte da Turquia.

Idealizado por Abdullah Öcalan, o Confederalismo Democrático foi constituído a partir de um processo de autocrítica realizado pelo autor na prisão. Uma autocrítica referente a experiência dos mais de 30 anos de luta do PKK na Turquia e de suas bases e premissas teóricas, o “marxismo-leninismo” (ÖCALAN, 2008). Em contato com a obra de autores de diversas matizes, tais como Michael Foucault, Immanuel Wallerstein, Walter Benjamin, André Gunder Frunk, e em especial, o anarquista americano Murray Bookchin, “Serok Apo” iniciou um projeto de reformulação da teoria revolucionária necessária para a libertação do povo curdo e dos demais povos do Oriente Médio (YARKIN, 2015). Tal teoria, gestada nos anos iniciais de prisão de Abdullah Öcalan, passou a ser o novo referencial do Partido dos Trabalhadores do Curdistão e do Movimento de Libertação Curdo.

Fundado em Ankara por jovens estudantes curdos, oriundos da esquerda revolucionária Turca, o PKK surgiu pela necessidade de se construir uma organização que levasse a fim a libertação do povo curdo. Influenciados pela onda de movimentos de libertação nacional e anticoloniais que surgiram após a Revolução Russa, a organização funda

seu programa sobre uma análise fortemente orientada pelo “marxismo russo”, em sua vertente estalinista, e principalmente o maoísmo (MATIM, 2017). O “caminho” da revolução curda seria construído através da estratégia da Guerra Popular, resultando em um “Curdistão Independente, Unido e Democrático” (VÁSQUEZ, 2016). Assim, o Partido se constituiu nos moldes do centralismo democrático, tendo como órgãos executivos máximos o Comitê Central e Comitê Executivo, o Congresso do Partido como a instância de decisão máxima coletiva, e acima de todos, um Secretário Geral, posição ocupada por Abdullah Öcalan desde 1978 (JONGENDER; AKKAYA, 2013). Em uma estratégia em duas etapas, dá criação de uma ditadura do proletariado com um Estado nacional independente à uma sociedade sem classes:

A Luta de Libertação Nacional do Curdistão, que é conduzido pelo PKK, é um segmento inseparável da revolução socialista mundial, fortalecido pelos países socialistas, movimentos de libertação nacional, e os movimentos da classe trabalhadora. (PKK, 1978 Apud YARKIN, 2015, p. 32, Tradução nossa).

Na estratégia da Guerra Popular, Abdullah Öcalan identificava o caminho ideal para a libertação do povo curdo na Turquia. Entendendo a questão curda como “contradição principal” que se expressa como uma “contradição nacional”, o PKK deveria desenvolver sua revolução na luta contra todos os setores nacionais aliados da burguesia turca e do imperialismo mundial (YARKIN, 2015). Nisso, os primeiros empreendimentos armados do partido são contra senhores feudais curdos, que mantinham a população camponesa curda no campo em relações de subalternidade (VÁSQUEZ, 2016). Assim, o PKK teria como objetivo promover a unidade entre camponeses pobres e operários, além de promover entre os intelectuais e a juventude os ideais de libertação curda.

Um golpe de estado em 1980 levou os dirigentes do PKK a buscarem refúgio na Síria, e com a permissão do regime Sírio, se instalaram na região do Vale da Beca, no acampamento de *Ain Al- Hilweh*, no Líbano. Nesta antiga base de operações da Frente Democrática pela Libertação da Palestina de Nayef Hawatmeh, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão começou a organizar as suas guerrilhas, e contou neste processo com forte apoio do Fatah, do Partido Comunista Libanês, e dos partidos palestinos FPLP-CG, FPLP e FPLPP, o que os levou a combaterem em 1982 junto a estas frentes contra a invasão de Israel no Líbano (VÁSQUEZ, 2016). Em 1984, como resolução de seu II Congresso, o PKK inicia um conflito armado contra o Estado Turco, com o ataque, em 15 de agosto, às delegacias de Semdinli e Eruh (ÖCALAN, 2008).

Este conflito, com alguns momentos de cessar fogo unilateral por parte dos curdos, continua até os dias de hoje, com o PKK enfrentando forte repressão pelas forças do Estado Turco.

Com o fim da União Soviética e o fortalecimento da ofensiva neoliberal em escala mundial como a ideologia da nova reestruturação produtiva do capital, muitas das organizações do mundo do trabalho perderam sua principal referência e apoio geopolítico (YARKIN, 2015). O movimento de libertação curdo, como um todo, estava em crise. Nos anos anteriores a Guerra do Golfo, as organizações curdas no Iraque enfrentaram brutal repressão pelas forças do Partido *Baath* de Saddam Hussein, que deu início em 1986 a Campanha de *An-Fal*, que mobilizou ataques à vilas e cidades de maioria curda com bombardeios e uso de gás mostarda, levando à morte centenas de milhares de curdos e demais etnias não árabes da região.

Na Turquia, o PKK se viu no início dos anos 90 em grave situação estratégica, pois o conflito armado com a Turquia só aumentava o número de civis mortos, e não havia um avanço real em seu programa, nem concessão por parte do Estado. Essa situação levou o Partido a um processo de reformulação de sua tática e estratégia para além da luta armada.

Em busca de uma solução política para a questão curda, Abdullah Öcalan passa a projetar uma proposta que passe pela democratização da sociedade e do Estado Turco. Segundo Yarkin, já “em 1993, Öcalan proclamou que o seu objetivo não era se separar da Turquia, e que eles requisitavam uma negociação política com o estado Turco pelos direitos civis democráticos do povo Curdo.” (2015, p. 33, Tradução nossa).

No 5º Congresso do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, em 1995, há o primeiro passo para a superação das antigas referências. Em suas resoluções, o congresso faz sua primeira crítica ao período da U.R.S.S, denominando a “influência soviética como uma fase de ‘socialismo primitivo e brutal’ e propõe um novo período na luta socialista” (MARTÍNEZ, 2016, p. 57). Como mudanças organizacionais, o Comitê Central é substituído por uma Assembleia do Partido, e a bandeira, que antes carregava a foice e o martelo sobre uma estrela, passou a carregar uma estrela vermelha com o emblema de uma tocha (MARTÍNEZ, 2016).

Segundo Cemil Bayik, um dos fundadores e atual líder do PKK:

Em 1999, ele [Abdullah Öcalan], apresentou sua visão de uma solução política para a questão curda em um contexto de democratização da Turquia e transformação do PKK em uma organização puramente política. Mas antes de suas ideias poderem ser amplamente discutidas ele foi capturado no Quênia e sequestrado para a Turquia. (2011, p. 16, Tradução nossa).

A prisão de Öcalan, então, representou um momento de ruptura para o movimento de libertação curdo, e permitiu a este um aprofundamento radical rumo às transformações teóricas já em curso. Será entre 1999 e 2005, que Öcalan consolidará seu novo paradigma teórico, e o novo corpo organizacional do movimento de libertação curdo. (MARTINEZ, 2016).

A partir de 2002, Öcalan inicia na prisão um estudo das obras de Bookchin, em especial, dos livros *Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchies (1982)*, *Urbanization without cities (1992)* e *Remaking Society (1990)*. Segundo Jongender e Akkaya (2013), em diversos momentos entre 2002 e 2006, Abdullah Öcalan citará em seus escritos a influência e a importância que atribui da obra de Bookchin em sua nova concepção teórica. Em diversos momentos recomenda, na reunião com seus advogados, que a leitura dos livros de Bookchin deva ser realizada por todos aqueles envolvidos no movimento de libertação curdo: “Nós solucionaremos a questão curda através de autoridades locais. [...] Para as municipalidades, eu sugiro que Bookchin deva ser lido e suas ideias sejam praticadas”. (ÖCALAN, Apud JONGENDER; AKKAYA, 2013, p. 176, Tradução nossa).

Em 2004, Öcalan, através de seus advogados, contata Bookchin desejando iniciar um diálogo com o autor, o enviando um manuscrito de seus novos escritos e pedindo sua crítica. Já debilitado, com 83 anos, Bookchin nega o convite, e deseja sorte ao movimento de libertação curdo em sua luta pela construção de uma sociedade livre (Biehl, 2012). Com a morte de Murray Bookchin, em 2006, o PKK em seu congresso anual faz uma homenagem a e o saúda como um “dos maiores cientistas sociais do século XX”:

Ele "nos apresentou ao pensamento da ecologia social" e "ajudou a desenvolver a teoria socialista para que ela avançasse em bases mais firmes". Ele mostrou como tornar um novo sistema democrático uma realidade. “Ele propôs o conceito de confederalismo”, um modelo que acreditamos ser criativo e realizável.” A assembleia continuou: a tese de Bookchin sobre o estado, poder e hierarquia será implementada e realizada através de nossa luta ... Nós colocaremos em prática essa promessa, como a primeira sociedade que estabelece um confederalismo democrático tangível. (BIEHL, 2012, p. 186, Tradução nossa).

A influência das obras e das ideias de Murray Bookchin sobre as de Abdullah Öcalan são notáveis, sendo o confederalismo democrático, em muitos aspectos, fortemente influenciado pelas noções de “municipalismo libertário”, “confederalismo” e “poder dual”, conceitos centrais da obras de Bookchin e dos quais Öcalan dá continuidade (ÖCALAN, 2004; BIEHL, 2012; JONGENDER E AKKAYA, 2013; YARKIN, 2015; MARTÍNEZ, 2016). Segundo Janet Biehl, “Ele [Abdullah Öcalan] nomeou essa versão curda do Municipalismo Libertário de Confederalismo Democrático. (2012, p. 184, Tradução nossa).

Para Abdullah Öcalan (2016, p. 35), o Confederalismo Democrático se caracteriza como um “paradigma contrastante das pessoas oprimidas”, sendo “um paradigma social sem Estado, [...] é o modelo cultural e organizacional de uma nação democrática”. Isto é, uma forma de organização social no qual as pessoas, e não o Estado, são os responsáveis pela administração democrática da totalidade da sociedade. Em suas palavras, o Confederalismo Democrático “pode ser chamado de administração política não-estatal ou democracia sem Estado.” (2016, p. 26).

Assim, o Confederalismo Democrático privilegia a gestão democrática da sociedade pelo conjunto dos cidadãos em oposição a gestão burocratizada dos Estados Nacionais. Essa gestão, segundo Öcalan, deve ser feita de forma federativa, através de assembleias e conselhos populares. Esses conselhos devem ser organizados em níveis locais, regionais e nacionais, numa estrutura federativa que vá do bairro até a confederação, favorecendo a participação popular, assim, “a política se torna parte da vida cotidiana” (2016, p. 30) dos povos do Oriente Médio, que no seu cotidiano podem realizar um processo de democratização da sociedade, ao passo que decidem, em todos os níveis federados, a melhor forma de satisfazer as suas necessidades e carências.

Esta deve ser, para Abdullah Öcalan, a nova orientação do PKK e do Movimento de Libertação Curdo, pois, para ele, continuar na luta por um Estado Nacional não traz nenhuma liberdade para o povo curdo, visto que “ a fundação de um Estado-Nação curdo independente não faz sentido para os curdos” (2016, p. 25) , pois “o apelo por um Estado-Nação independente vem dos interesses das classes dominantes e dos interesses da burguesia, mas não reflete os interesses do povo”. (2016, p. 25).

Abdullah Öcalan publicizou suas novas concepções teóricas na forma dos seus textos de defesa como apelo a Corte Europeia de Direitos Humanos, na tentativa de seu julgamento

ser refeito, visto que foi condenado a prisão perpétua pela Turquia. Nesses textos, longe de serem escritos como apenas documentos estritamente jurídicos, Öcalan viu a oportunidade de expor suas ideias, visto que esses documentos sofreriam menos censura por parte das autoridades turcas. Öcalan escreveu esses textos como uma tentativa de expor a história do povo curdo e do PKK de uma maneira aberta e honesta, longe dos sensacionalismos do Ocidente e das narrativas criminalizadoras do movimento de libertação curdo. Em suas palavras:

Nesta apelação eu tentei mostrar de uma maneira aberta e honesta quem os Curdos são, o que o PKK é, e o que nós queremos, e quais as responsabilidades e deveres resultantes disso. Eu também escrevi isto em nome de milhares de desconhecidos mortos e daqueles que não foram capazes de expressar seus pensamentos finais. Eu queria que a realidade fosse vista e os choros do povo Curdo fossem escutados. (ÖCALAN, 2011, p 235, Tradução nossa).

Para além de seu caráter jurídico, os textos de defesa de Abdullah Öcalan constituem importante documento histórico para se compreender, não somente a história de luta do povo curdo, mas o pensamento do próprio autor, visto que é neles, pela primeira vez, que Öcalan publiciza suas novas concepções teóricas. Segundo Martinez (2016, p. 57), “os documentos de defesa elaborados pelo líder do PKK são documentos de análise histórica e política onde começa a se desenvolver os novos paradigmas do movimento de libertação curda”.

A importância desses textos para o movimento de libertação curdo também é ressaltado por Cemil Bayik: “Os Escritos de Prisão de Öcalan também tiveram uma grande influência no Movimento de Libertação Curdo. Sem eles, a mudança ideológica e organizacional talvez não tivesse acontecido”. (2011, p. 17, Tradução nossa).

Não somente Bayik considera o valor dos textos fundamental para o movimento de libertação curdo e para o PKK como uma autocrítica dos 35 anos de experiência do partido, mas também frente as influências teóricas de Abdullah Öcalan, “A sua submissão à Corte Europeia de Direitos Humanos também serviu como uma cesura, que o permitiu refletir sobre seus conceitos políticos, sobre o chamado socialismo real e os princípios ideológicos de Marx, Engels, e Lenin” (2011, p. 16, Tradução nossa).

Estes documentos foram publicados em inglês posteriormente pela organização Iniciativa Internacional Pela Liberdade de Abdullah Öcalan. A primeira publicação sai ainda em 1999, reunindo o texto de defesa de Öcalan no julgamento de Imrali, foi publicado com o título de *Declaration on Democratic Solution of the Kurdish Question - The Defence Arguments that the Head of the PKK Abdullah Öcalan Presented at The Trail of the Century*.

Posteriormente, foram publicados em 3 volumes, com o nome de *Prisons Writings*, sendo os 2 primeiros volumes *Roots of Civilization* e *The PKK and the Kurdish Question in the 21^o Century*, referentes aos textos de defesa de Abdullah Öcalan à Corte Europeia de Direitos Humanos.

Nesta pesquisa, temos como fonte principal os textos de defesa de Abdullah Öcalan, escritos como apelo à Corte Europeia de Direitos Humanos, entre os anos de 1999 e 2005. Os textos foram originalmente escritos em turco e foram posteriormente traduzidos e publicados em inglês pela organização “Iniciativa Internacional pela liberdade de Abdullah Öcalan”, denominados, *Declaration on Democratic Solution of the Kurdish Question - The Defence Arguments that the Head of the PKK Abdullah Öcalan Presented at The Trail of the Century e Prison Writings*, sendo os dois primeiros volumes, *Roots of Civilization* e *The PKK and the Kurdish Question in the 21^o Century* os referentes ao recorte temporal de nossa pesquisa. Trabalharemos então com a tradução em inglês destes textos. Utilizaremos para a análise sistemática dos textos, o método de leitura imanente (LESSA, 2007, 2014), pelo qual nos dedicaremos à decomposição dos textos, buscando identificar os argumentos principais referentes ao nosso objetivo, ou seja, aqueles argumentos que definem a noção de poder dual na estratégia do Confederalismo Democrático. Buscamos assim, compreender a lógica interna dos argumentos do texto, bem como as determinações históricas e conjunturais na qual esses escritos foram produzidos.

Sendo esta pesquisa um estudo de tipo exploratório, é fundamental para o levantamento de um novo conhecimento sobre este tema, o estudo imanente dos textos de Abdullah Öcalan, para que possamos compreender a especificidade de sua teoria e pensamento, superando possíveis sentidos comuns que decorrem de análises interpretativas. E para além, compreender as determinações históricas que permitiram ao autor, em sua prisão, apreender a essência das contradições concretas que o levaram a reflexão e a escrita desses textos. Assim, teremos um conhecimento mais rigoroso sobre a importância que Abdullah Öcalan tem enquanto intelectual orgânico do Movimento de Libertação Curdo.

No primeiro capítulo desse trabalho, nos dedicamos a estudar o desenvolvimento das posições de Abdullah Öcalan em relação a guerra popular iniciada em 1984 pelo PKK contra a Turquia. A partir de comentadores, situamos as condições históricas da época, em especial, compreendendo os efeitos do Estado de Emergência no sudeste da Turquia (Bakur), e no

crescente conflito militar entre o PKK e a Turquia. Buscamos as primeiras declarações de Öcalan em direção a uma possível solução política da questão curda. Nesse contexto, foi fundamental o processo de abertura de diálogo por parte do presidente Turgut Özal, o que possibilitou a partir dos anos 90 um diálogo direto entre o Estado Turco e o PKK, permitindo Abdullah Öcalan a explorar essa possibilidade, e inciar um cessar fogo a partir de 1993 e os seguidos, até o ano de 1998, quando Öcalan sai da Síria em busca de um novo asilo político, processo que o levará a prisão, em 15 de fevereiro de 1999. Buscamos então analisar os principais argumentos de Abdullah Öcalan expostos durante seu julgamento em Imrali, como foram publicados na sua Declaração para uma Solução Democrática da Questão Curda. Exploramos a influência teórica do cientista político Leslie Lipson nas teses da Declaração, em especial em seu conceito de democracia e como Öcalan se utiliza das ideias de Lipson para desenvolver sua posição política, e defender a construção de uma República Democrática da Turquia.

Para o segundo capítulo desse trabalho, nos dedicaremos a estudar o período posterior a condenação de Abdullah Öcalan no julgamento de Imrali em 1999. Buscamos compreender seu pensamento a partir dos seus escritos de prisão, produzidos e submetidos em 2001 como uma apelação a Corte Europeia de Direitos Humanos para a revisão de seu julgamento diante das inúmeras irregularidades ocorridas no processo de sua prisão e durante o julgamento. Esses escritos foram publicados sob o título de *Prison Writings*, em especial, os dois primeiros volumes, *Roots of Civilization* e *The PKK and the Kurdish Question in the 21^o Century*. Nesses escritos, Abdullah Öcalan dá continuidade as suas reflexões expostas em sua Declaração (1999), mas é possível observamos uma inflexão em seu pensamento, em especial, sobre a apreciação do Estado. Se na Declaração, a tese da unidade democrática entre os povos curdos e turcos se realiza na República Democrática, com as garantias constitucionais e mecanismos de um sistema de governo democrático, a partir desses textos, Öcalan se torna mais crítico do Estado, e passa a defender a noção de “autonomia democrática”, como uma política eficaz para o povo curdo na Turquia construir uma alternativa que garanta sua autodeterminação, mas que não seja necessário a ruptura territorial com a soberania nacional da Turquia. Nesse capítulo, também nos dedicamos a compreender a influência do pensamento de Murray Bookchin sobre a obra de Öcalan, buscando as aproximações do autor com a obra do anarquista norte americano e como o pensamento de Bookchin, em especial como sua noção de municipalismo libertário ou comunalismo, influencia a visão de Öcalan em suas noções estratégicas, nos dedicaremos também a examinar a correspondência de

Öcalan, intermediada por seus advogados, com Murray Bookchin, no ano de 2004, para compreendemos como o próprio Öcalan se posicionava diante da obra de Bookchin. Em 2005, com a publicação da Declaração do Confederalismo Democrático, e da constituição da União das Comunidades Curdas (KCK), podemos visualizar claramente um novo paradigma teórico e estratégico do Movimento de Libertação Curdo, paradigma esse, que é um desenvolvimento, com suas continuidades e permanências, do pensamento de Abdullah Öcalan elaborado no carcere a partir de 1999.

Para o terceiro capítulo desse trabalho, após expostas as principais teses do pensamento de Öcalan produzido no carcere de acordo com nosso recorte temporal, nos dedicaremos a um trabalho mais interpretativo sobre as concepções estratégicas do Confederalismo Democrático. Em especial, nos dedicaremos a propor uma interpretação do Confederalismo Democrático como um sistema de poder dual e uma forma de política prefigurativa. Para o desenvolvimento desses referenciais, nos basearemos nos trabalhos do cientista político americano Carl Borggs Jr, que introduziu nos anos 70 a noção de “política prefigurativa” (BORGGS, 1977), como uma forma de compreendermos na estratégia política, em especial no campo do socialismo, a relação entre o novo e velho, entre quais instituições destruir, e quais construir. A partir da noção de política prefigurativa, podemos compreender que o desenvolvimento de novas instituições sociais devem se iniciar já na atual sociedade, e que essas instituições, e as relações sociais que nela se reproduzem, devem prefigurar o objetivo finalista futuro, até que no momento de transição ou ruptura revolucionária, essas novas instituições sejam capazes de assumir completamente o papel das instituições da sociedade que busca superar. O desenvolvimento dessas instituições seguindo uma política prefigurativa leva a um inevitável conflito com as instituições existentes. É nesse sentido que a noção de poder dual nos ajuda a compreendemos as relações de conflito ou aproximação entre dois poderes sociais antagônicos. (BIEHL, 2012; BOOKCHIN, 1990; LÊNIN, 2008).

CAPÍTULO 1 – DA GUERRA POPULAR A UMA SOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

1.1 A Busca por uma Solução Política para a Questão Curda

As primeiras tentativas de encontrar uma solução política para a questão curda surgiram em um momento de escalada do conflito militar entre o PKK e o Estado Turco. Desde o início da guerra popular em 1984, os conflitos armados se intensificavam a cada ano, em especial na região sudeste da Turquia, onde um grande número de unidades guerrilheiras já estavam bem organizadas e realizando operações nas províncias de maioria curda. Com os conflitos ao sul do país, e o aumento do apoio popular crescente na região norte, a posição oficial do Estado Turco mudou rapidamente. Se nos anos iniciais do conflito as forças do PKK eram consideradas apenas como “um punhado de bandidos”, como disse a época o primeiro ministro Turgut Özal, com o tempo, a posição do Estado Turco mudou radicalmente. Segundo Adem Uzun: “Quando finalmente reconheceu, em 1987, que estava enfrentando uma luta que tinha amplo apoio dos curdos, a Turquia decretou estado de emergência”. (2019, p. 166). O Estado de emergência foi o mecanismo encontrado pelo Estado Turco para legalizar a política de extermínio e aniquilação do povo curdo; na região das províncias de maioria curda no sudeste do país foi criado a Região de OHAL (*Olağanüstü Hâl Bölge Valiliği*), ou Governo da Região em Estado de Emergência, que transferiu os poderes municipais locais para um “super” governador militar, de fato, era a delegação do conflito turco-curdo das mãos do Estado para As Forças Armadas Turcas. Segundo Uzun:

Com autoridade suprema, os governadores travaram uma guerra cruel que incluía táticas especiais como execuções extralegais e o emprego de paramilitares, os ‘guardas de vilarejo’. A Turquia também buscou aliados estrangeiros para a sua guerra suja, usando métodos de contrainsurgência aprendidos no exterior contra os curdos. (2019, p. 166).

O Estado de Emergência foi uma clara expressão de terrorismo do Estado Turco. Com a questão curda se tornando um problema exclusivo dos militares, os conflitos armados se transformaram em terror, a população curda em geral, e não apenas o PKK, se tornaram alvos. Na OHAL, “os poderes do governador-geral eram amplos, incluindo evacuação de vilarejos e pastagem quando julgado necessário” (MCDOWALL Apud MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019. p. 71). Na política do choque e terror, a tortura se tornou um mecanismo comum. Segundo Yildiz & Breau:

tempos depois, julgamentos da Corte Europeia de Direitos Humanos corroboraram os relatos, responsabilizando as forças de segurança turcas por torturar civis, execução extrajudicial de não combatentes, rapto e desaparecimento forçado e destruição de vilarejos, propriedades e plantações curdas (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019. p. 71).

Em 1987, mesmo com a continuidade do estado de emergência em Bakur, a política nacional da Turquia dá tímidos passos em direção a transformações “democráticas”. O primeiro ministro Turgut Özal foi um ator político fundamental para esse processo e para a abertura de um possível diálogo entre o Estado Turco e o PKK nos anos seguintes. As primeiras mudanças vieram a contragosto. Pressionado pela antiga elite política que estava alijada da política institucional pelo golpe militar de 1982, Özal realizou um referendo constitucional no mês de setembro daquele ano, com o objetivo de modificar o artigo da constituição que impedia a participação política dos partidos banidos. A maioria da população votou a favor da modificação. Nesse mesmo ano, pouco tempo antes do referendo, Özal solicitou a entrada da Turquia como membro da União Europeia (na época, chamada de Comunidade Europeia), um processo, que desde o início, tinha a resolução da questão curda como uma das “preocupações” tanto da UE quanto do Conselho da Europa, em relação a aceitação definitiva da Turquia. Essas preocupações entretanto, não impediram que a Turquia, em janeiro de 1988, assinasse a convenção contra as torturas do Conselho da Europa, em um momento em que a população curda sofria, sob sanção legal, as mais diversas e possíveis violações aos direitos humanos. As ações de Özal lhe garantiram a vitória política nas eleições de 1989, deixando de ser primeiro ministro, se tornou presidente da Turquia. (UZUN, 2019).

Apenas após um ano do início do Estado de Emergência, o PKK faz sua primeira manifestação pública em busca de negociação. No início de 1988, Abdullah Öcalan em diversas mensagens a imprensa indicava a sua vontade em negociar: “Em uma entrevista concedida no vale do Beka para o jornal de Istambul *Milliyet*, ele [Abdullah Öcalan] “ofereceu um cessar-fogo com o governo turco em troca do reconhecimento do PKK”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76). A entrevista repercutiu muito na época, e causou opiniões diversas, se por um lado, a declaração de Öcalan conseguiu dar voz pública ao “inimigo número um da Turquia”, o que segundo Zurcher (2017, p. 307-308), ajudou a humanizar a figura de “dêmonio” que estava atrelada a ele, o representando como um líder político, “um homem de brilho e sangue que torcia para o time de futebol Galatasaray”, por outro lado, as mensagens de Öcalan sobre o desejo de negociar foram interpretadas também como uma possível coação de seus anfitriões sírios, temerosa a época de que uma nova incursão militar no Vale do Beka estava sendo preparada. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019).

Ainda que essas primeiras mensagens já demonstrem o interesse de Abdullah Öcalan por criar um canal de diálogo com o governo turco para a negociação, é a partir de 1990 que esse diálogo ganha contornos mais sólidos. Turgut Özal, agora presidente do país, conjuntamente ao processo de liberalização da política turca, vinha desde finais de 88 também demonstrando uma tímida abertura em relação a questão curda e outros temas considerados tabus na sociedade turca, como a questão do genocídio armênio. Em uma entrevista a jornalistas, Özal declarou:

O que acontece se nos comprometermos com os armênios e acabarmos com essa questão? E se nós reconhecermos oficialmente o genocídio armênio de 1915 e confessarmos nosso passado? Vamos tomar a iniciativa e descobrir a verdade. Vamos pagar o preço político e econômico, se necessário for. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 73).

Assumindo uma postura que desagradava diretamente ao núcleo duro dos militares e nacionalistas turcos, as ações de Özal na presidência criaram as condições para que setores favoráveis do governo e do estado a uma solução política da questão curda se aglutinassem de maneira mais consistente. O PKK, ao perceber esses movimentos também se preparou para um possível diálogo.

A guerra no sudeste entretanto continuava. A reação não tardou a vir. No ano de 1990, um grande movimento popular, majoritariamente civil, se opôs as ações do governo Turco, e milhares de pessoas tomaram as ruas em manifestações públicas contra a violência estatal e demandando seus direitos; Familiares de mártires do PKK recolhiam os cadáveres e organizavam funerários públicos e protestos em massa. As celebrações do Newroz, que estavam oficialmente proibidas no país, eram comemoradas publicamente ano a ano, mobilizando milhares de pessoas as ruas, em uma clara demonstração da força da cultura curda. Os atos de desobediência civil enfrentavam até mesmo a repressão aberta das forças armadas. Nesse ano, houve um aumento exponencial do número de civis mortos, só em março de 1990, foram mortos mais de 100 civis. Os curdos entretanto, resistiram. E no escalonamento do conflito, as guerrilhas do PKK recebiam cada vez mais apoio da população civil. (MCDOWALL, 1996, UZUN, 2019). Nesse período, o Estado Turco adotou uma política de censura ainda mais restrita para impedir que o desenvolvimento do movimento curdo alcançasse a opinião pública para além do sudeste, e reforçou e expandiu os poderes do governador geral na OHAL: “o governo presenteou o governador-geral com poderes para reordenar, quando considerasse necessário, pessoas para lugares que o Ministro do Interior determinasse”. (MCDOWALL Apud MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 74). Isso

significou a liberação de uma política de migrações forçadas no país, similar as migrações forçadas que foram realizadas no início do século no Império Otomano, que levaram ao Genocídio Armênio. O efeito foi devastador sobre a população civil em Bakur: “O Estado Turco tentou isolar os guerrilheiros ao forçar os curdos a migrar. Entre 2 mil e 4 mil vilarejos foram evacuados pelas forças de segurança desde o início do conflito armado. Cerca de 3 ou 3,5 milhões de deslocados internos.” (UZUN, 2019, p. 167).

Diante das evacuações forçadas dos vilarejos no sudeste nesse ano, Öcalan alerta para uma escalada no conflito, mas pela primeira vez enfatiza seu desejo de reconstruir a unidade entre turcos e curdos no país: “Não há questão de separatismo na Turquia. Meu povo precisa da Turquia. Nós não podemos nos separar por pelo menos 40 anos”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76). Segundo o historiador McDowall, é nesse período que uma perspectiva curda começa a ganhar a voz na política de Estado, por um lado, temos o desenvolvimento de partidos políticos pró curdos, como o Partido do Povo Trabalhador (HEP) e o Partido da Democracia e da Liberdade (ÖZDEP), mas também por parte dos partidos de esquerda que vinham minizando a questão “do sudeste”, como o Partido Social Democrata, que surpreendentemente, em julho de 1990 lança um relatório sobre a situação do Estado de Emergência em Bakur recomendando “liberdade de expressão de identidade e liberdade de expressão linguística; abolição dos guardas de vilarejo, do governo-geral e do estado de emergência; e um programa amplo de desenvolvimento regional”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 75). Outras declarações vindas de políticos de renome ganham destaque em 1991, Mesut Yilmaz, que ocupou o cargo de primeiro ministro deixado por Özal após esse se eleger presidente, declarou que “a língua curda deveria se tornar a segunda língua oficial do país”. Demirel, após ser eleito novamente como primeiro ministro, declarou que “era seu desejo reconhecer os direitos culturais curdos e fornecer investimentos extra para as províncias subdesenvolvidas do sudeste e que relatos sobre violações de direitos humanos seriam investigados”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 75).

Em 1991, como consequência dos conflitos entre o governo de Sadam Hussein e as organizações curdas do Iraque (sob a influência dos EUA), uma nova crise humanitária forçou a migração de milhares de curdos do norte do Iraque para as fronteiras turcas. Se em 1988, a primeira onda de migrações decorrentes da guerra entre Iraque e Irã fora gigantesca, essa segunda onda foi ainda maior: “cerca de 500 mil curdos foram até a fronteira com a Turquia. Os campos de refugiados na Turquia eram horríveis, e inapropriados para a habitação humana... quartelões faziam lembrar unidades penitenciárias ...[e] o movimento dos

refugiados era estritamente controlado”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 75). É nesse momento que Ancara fortalece suas relações com os dois principais partidos curdos do Iraque, o KDP e o PUK, o que em um primeiro momento causou um incomodo nos circulos militares e de extrema direita do país, mas que foram fundamentais para se criar uma alternativa a influência do PKK posteriormente. No ambito interno, e principalmente no sudeste, a Turquia está em chamas.. Os conflitos e a repressão só aumentaram na região de Bakur, levando a partir desse período a uma série de revoltas da população curda contra as forças de repressão turca, revoltas que ficaram conhecidas por *Serhildan*, uma verdadeira intifada curda. (MARCUS Apud VÁSQUEZ, 2017).

As possibilidades para a negociação enfim se realizaram no final de 1991 e inicio de 1992, quando o presidente Turgut Özal, se posicionou publicamente a favor de uma solução política para a questão curda, e em especial, por uma negociação direta com o PKK, defendendo “anistia para os guerrilheiros e reconhecimento do PKK como participante do sistema político turco”. (MCDOWALL, 1996, p. 431 Apud MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76). É nesse momento que avançam novas leis no país revogando a proibição da lingua curda em publicações, transmissões e escolas. Nesse contexto, Abdullah Öcalan, em uma entrevista ao jornalista Ismet Imset, quando questionado sobre a situação dos curdos no Iraque, e se ele aceitaria uma solução federal para a questão curda na Turquia, respondeu positivamente: “Inquestionavelmente, isso é o que nós procuramos”¹. (MCDOWALL, 2007, p. 432, tradução nossa). A resposta de Öcalan foi lida e respondida pelo próprio presidente Özal, que indicou que “ele estaria disposto a falar sobre um sistema federalista somente para se opor a ele”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76). A resposta de Özal serviu de pretexto para Öcalan, que agarrou a oportunidade: “Dentro de um mês ele ofereceu um cessar-fogo e se colocou a disposição para negociar em troca do governo libertar todos os presos do PKK, cessar sua ‘guerra secreta’ no Curdistão, permitir liberdade política na Turquia e anunciar sua aderência ao cessar fogo”. (MCDOWALL, 1996, p. 430 Apud MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76).

No dia 20 de Março de 1993, em uma coletiva de imprensa que ocorreu na cidade libanesa de Bar Elias, o PKK declara um Cessar-Fogo unilateral diante a guerra no sudeste do inicio das festividades do Newroz até o dia 16 de abril. O PKK assumiria apenas o seu direito a autodefesa se atacado. Surpreendentemente, nesse periodo ambos os lados cessaram as hostilidades. (UZUN, 2019). Em uma nova coletiva, Adbullah Öcalan declara sua vontade de

¹*Unquestionably this is what we seek.*

renovar o cessar fogo indefinidamente: “não haveria razão para não prolongarmos nosso cessar-fogo... Eu pessoalmente adoraria voltar desarmado para o sudeste e engajar em uma atividade política”. (ÖCALAN Apud MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 76). Ao final, no dia 16, o PKK renova a continuidade do cessar-fogo, e em uma comitiva de imprensa, Abdullah Öcalan expõe sua visão para a negociação e para uma solução política para a questão curda, assim como suas demandas e exigências para o governo turco:

Antes de mais nada, este processo de cessar-fogo trouxe consequências históricas; o cessar-fogo deu início a uma nova era. O que cabe a nós, é aprofundar este processo. O povo curdo está passando pelo seu período histórico mais difícil. O povo curdo tem sido submetido a uma perseguição que resultou em mais do que genocídio. Nós nunca pegamos em armas à toa. Tudo o que fizemos foi abrir uma estrada para que nossa nação pudesse se desenvolver livremente. Mas não tínhamos outros meios de luta disponíveis; esta é a razão do porquê pegamos em armas e trouxemos a luta para este estágio. A questão curda é, no fundo, uma questão turco-curdo. Nossa luta alcançou o ponto de aceitação da identidade curda pelo povo turco; se tornou necessário reconhecer a existência curda e reconhecer o problema [...] (ÖCALAN Apud, UZUN, 2019, p. 168-169).

O início de uma nova era significava para Öcalan a transição de uma solução pelas armas, para uma solução política, institucional. Entretanto, o Estado Turco e os militares deveriam se comprometer a buscar a paz em comum acordo com o PKK. Existiam demandas fundamentais para que um cessar fogo contínuo continuasse:

Todos nós apoiamos o desenvolvimento desse processo. Nós anunciamos que a partir de determinadas condições o cessar-fogo pode se tornar permanente. Tais condições são as seguintes: em primeiro lugar o cessar-fogo não pode ser unilateral. Todas as operações militares devem ser suspensas. A intensa perseguição do povo, prisões e assassinatos extrajudiciais devem parar. Se as operações militares continuarem, seja por três dias ou três meses, nós não teremos alternativas além da autodefesa. Este é o primeiro ponto que gostaria de abordar. O governo tem alguns pedidos para os guerrilheiros que vem das montanhas. Nossas forças nas montanhas já asumiram todos os riscos possíveis em nome de nossa ambição política. Eles estão lá em apoio a nossa existência nacional e por uma solução honrosa. Se essas ambições forem alcançadas, se nossos requerimentos básicos forem completamente atendidos, então o problema da guerrilha será solucionado de forma muito fácil. Neste sentido, não há problemas com a guerrilha. Em segundo lugar, nós temos algumas demandas imediatas em relação ao processo do de cessar-fogo. Eu falei da suspensão de todas as operações militares. Isso não somente cabe aos guerrilheiros, mas também as pessoas de uma forma geral. O terceiro ponto é uma anistia geral. Nós não nos entendemos como culpados e esperamos que todos os presos políticos sejam liberados. Claro, que nós esperamos que alguns direitos culturais sejam respeitados na prática. São direitos à imprensa livre, rádio curda, canal de TV, jornais, livros e etc. (ÖCALAN Apud, UZUN, 2019, p. 168-169).

A demanda por anistia geral para os quadros do PKK e das guerrilhas e a libertação dos presos políticos são condições fundamentais para a continuidade do cessar -fogo. Aliada a

essa anistia, Öcalan demandava pelo fim dos ataques em Bakur, o fim do Estado de Emergência, e todas as atividades militares sobre os curdos. Deveriam também cessar os ataques informais, tanto aqueles que secretamente estavam sob orientação do Estado, como no caso de milícias, como também a animosidade por parte de civis turcos sobre os curdos. Os Guardas de Vilarejo, força auxiliar na repressão, deveriam entregar suas armas, e não seriam “tocados” pelos quadros do PKK. Quando Öcalan enfatiza a anistia geral, e os objetivos do PKK de se tornar uma força política legal, a demanda pelos direitos de livre expressão da cultura curda em todas as suas manifestações se torna um ponto central das demandas em direção a um reconhecimento institucional e legal da identidade curda:

E também, a língua curda deve ser respeitada. Nós queremos que as pessoas que foram desalojadas de seus vilarejos tenham a permissão para retornar e sejam recompensadas. Queremos que o estado de emergência seja suspenso e que os guardas de vilarejo sejam extintos. Para pavimentar o caminho para uma solução nós declaramos uma anistia geral para os guardas de vilarejo. Isto significa que se eles abandonarem suas armas, nós não tocaremos neles. Todas as organizações curdas devem ser legalizadas. Nós exigimos o direito à associação política e de organização. Em resumo, estas são nossas expectativas que garantirão uma atmosfera mais calma, mais pacífica.

O passo seguinte a ser dado é o reconhecimento constitucional da identidade curda. Todos os pontos mencionados acima pavimentam o caminho para uma federação democrática. Gostaríamos que tais debates fossem realizados com respeito mútuo. (ÖCALAN Apud, UZUN, 2019, p. 168-169).

Nesse momento, podemos perceber claramente que Abdullah Öcalan fez a sua opção por uma solução política, e a partir desse momento, se dedicará a convencer o restante do partido desse caminho, para ele, a única via capaz de oferecer uma solução real para a questão curda na Turquia.

Com a renovação imediata do cessar-fogo pelo PKK, o Estado também dá sua resposta. Em 17 de Abril de 1993, o presidente Turgut Özal morre inesperadamente, em condições suspeitas. Oficialmente, na época é divulgada a versão de que sofreu um ataque cardíaco, mas desde essa época, muitos suspeitavam de que Özal fora assassinado, pela ingestão de um veneno, com fins a impedir um desenvolvimento da negociação entre o PKK e o Estado Turco. Com a morte de Özal, Demirel retornou a presidência do país, Tansu Çiller se tornou primeira-ministra. “Çiller deixou claro desde o início que ela não tinha a menor intenção de interferir nos planos das forças armadas de eliminar o PKK no sudeste”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 78). Segundo Uzun (2019, p. 170): “Após sua morte [Özal], as forças militares turcas reiniciaram suas operações militares contra os guerrilheiros; então o

PKK matou 33 soldados [turcos]. E as negociações pararam.”. Entretanto, mesmo com o retorno do conflito armado, Abdullah Öcalan se manteve convicto da necessidade de buscar uma solução política. Segundo Cruz (2018, p. 53):

Para Öcalan, esta época representou a primeira abertura para a busca da paz. Entretanto, a morte de Özal, as posições políticas dos líderes dos demais movimentos curdos no Iraque e Irã, e a insubordinação de membros mais radicais do PKK, que diante do cessar fogo, mantiveram a luta armada, levaram a uma intensificação dos conflitos. Como nos diz: “esta época representou a maior oportunidade para uma solução pacífica da questão até então, e ela foi perdida”. (ÖCALAN, 2008, p. 28).

Abdullah Öcalan seguiu defendendo o cessar-fogo. O PKK, desde o primeiro cessar fogo em 1993, declarou mais três vezes o cessar-fogo até o fim da década, todos unilaterais. (1995, 1996, 1999). As declarações de cessar-fogo do PKK eram interpretados como um sinal de fraqueza pelo Estado Turco. A Turquia assim deu continuidade a política de negação e aniquilação dos curdos. Continuando a guerra no sudeste, escalonando a violência dos ataques militares, utilizando paramilitares para travar operações informais, deslocando dezenas de milhares de pessoas de suas casas, se aliando a organizações curdas rivais. Em 1994 “O Estado decidiu enviar nada menos do que 300 mil soldados para o sudeste, numa tentativa de arrasar com o PKK de uma vez por todas.”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 80). Em 1995 a Turquia finalmente se utiliza de sua parceria com o KDP e PUK no Iraque, em agosto desse ano se inicia uma guerra entre o PKK e o KDP nas montanhas de Quandil, na fronteira entre Iraque e Turquia. Öcalan considera o ataque do KDP como fatricida. Segundo Uzun: “Esta guerra terminou com um cessar-fogo mútuo no dia 11 de dezembro de 1995. Öcalan não quis limitar o cessar fogo às duas organizações curdas, e [...] declarou que o cessar fogo também buscava por fim as operações do Estado turco.” (2019, p. 170).

O Estado turco continuou a ignorar os cessar-fogos do PKK, e se utilizou de todos os meios necessários para por um fim a organização. Em 6 de Maio de 1996, houve uma tentativa de assassinato a Abdullah Öcalan, em sua casa na Síria, mas felizmente ele não se encontrava no momento. No dia 3 de Novembro do mesmo ano, após um acidente entre um carro e um caminhão em uma via próximo a Susurluk, província de Balikesir, vem a público a existência das relações entre o Estado Turco e grupos paramilitares de direito e fascistas. Entre as vítimas estavam o vice chefe do departamento da polícia de Istambul, um membro do parlamento, e Abdullah Çatli, líder da organização de direita Lobos Cinzentos e assassino

profissional contratado pelo Serviço de Inteligência Nacional da Turquia (MIT). O caso, conhecido como Incidente de Susurluk mostrou a opinião pública o que se já se conhecia em Bakur, que o Estado Turco travava uma guerra total de aniquilação no sudeste contra o PKK. Com o desenvolvimento do caso, revelou-se que a ordem para assassinar Abdullah Öcalan, partiu da primeira ministra Tansu Çiller, e a operação foi realizada pelo Departamento de Operações Especiais da Polícia Turca. O PKK retomou as atividades da guerrilha em retaliação. (UZUN, 2019).

Em 1 de Setembro de 1998, o PKK declarou um novo cessar-fogo. Nesse contexto, houve uma breve abertura para novas negociações, entretando, esse dialogo se manteve fora dos holofotes da opinião pública: “o primeiro-ministro turco Necmettin Erbakan e o comandante das forças armadas turcas haviam demandado uma declaração de cessar-fogo do PKK e o governo turco havia informado indiretamente o PKK sobre um mecanismo para administrar o processo de paz”. (UZUN, 2019, p. 170). Qualquer nova tentativa de conciliação foi bruscamente interrompida a partir do final de 98, quando Abdullah Öcalan é “convidado” a se retirar da Síria, e parte para outros países em busca de um novo asilo político, processo que resultara em sua prisão em 15 de Fevereiro de 1999, no Quênia. Esse processo ficou conhecido como “conspiração internacional”.

Desde o início dos anos 90, a Turquia encontrava formas de pressionar a Síria a retirar o asilo político de Abdullah Öcalan. Com o apoio internacional dos EUA e da União Europeia, a Turquia em 98 pressinou a saída de Öcalan definitivamente, “em 1998, o primeiro comandante-geral do exército, Atilla Ates, fez um discurso belicoso na fronteira com a Síria”. (UZUN, 2019, p. 171). A estadia de Öcalan para o governo Sírio se inicialmente representou uma possível salvaguarda contra a Turquia, no final dos anos 90, havia se transformado em um problema da política interna, e muitos desejavam que Öcalan saísse do país. Segundo Cruz (2018, p. 57):

O Estado Sírio, pressionado pelas ameaças constantes de guerra pelo governo da Turquia, iniciou em 1998 um ataque em massa contra o PKK, prendendo e matando militantes e simpatizantes do partido, obrigando as lideranças a fugir do país. Podemos ver a posição clara do governo sírio em relação ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão, nas palavras de Abdulhalim Haddam, primeiro-ministro da época: “Abdullah Öcalan influencia os curdos na Síria, Iraque e Irã. Nós queremos nos livrar dele. Em relação ao PKK nós [Governos da Turquia, Síria, Irã e Iraque] estamos todos alinhados.” (ÖCALAN, 2011, p. 228).

Por mais de quatro meses, Abdullah Öcalan esteve em busca de um novo asilo político, passando por países como Grécia, Rússia, Itália e Quênia. Onde todas as suas esperanças de conseguir um refúgio eram rapidamente descartadas. Nesse processo, evidenciou-se um certo mal estar com sua figura, nenhum país queria receber Abdullah Öcalan. Essa jornada se encerra em 15 de Fevereiro de 1999, quando Abdullah Öcalan, que está no Quênia, a espera de passaportes para a Europa prometidos pela Grécia, é sequestrado por soldados das Forças de Inteligência Turca, posto em um avião que vai direto para a ilha prisão de Imrali, localizada no Mar da Marmara, ao norte da Turquia.

O sequestro e a prisão de Öcalan ocorreram enquanto acontecia nas montanhas o 6º Congresso do PKK. De imediato, o cessar fogo foi interrompido, e uma onda de retaliação se iniciou tanto na Turquia, como na diáspora. Inúmeros movimentos populares foram às ruas demandar a liberdade de Öcalan, a sociedade civil mobilizada na Turquia e na Europa realizou marchas, protestos, greves de fome. De setores do PKK vieram as retaliações armadas. Um governador regional da Turquia foi assassinado, e um ataque a bomba deixou 13 pessoas mortas. Na Europa, foram realizados ataques contra a embaixada de Israel e da Grécia, consideradas como aliadas da Turquia na conspiração Internacional, em Berlim, 3 curdos foram mortos e 16 saíram feridos após um ataque ao consulado israelense. Nas Montanhas, Osman Öcalan, irmão de Abdullah e um dos líderes da Guerrilha, declarou que o Estado turco iria pagar um preço caro pela conspiração contra seu líder, e que nenhum representante turco estaria em paz. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019; GUNTHER, 2021).

Surpreendente a todos, a posição de Abdullah Öcalan foi a de oferecer uma colaboração. De imediato, ele se propôs a negociar com o Estado Turco. E como provas, ofereceu um novo cessar fogo, e pediu ao PKK que retirasse suas guerrilhas da Turquia. A posição de Öcalan, ainda que questionada por muitos quadros do partido, foi realizada, e o partido a partir de 1 de Setembro de 1999 retirou suas guerrilhas do território turco, e estabeleceu um novo cessar fogo. Nesse primeiro momento de sua prisão, devido a onda de manifestações e ataques do PKK, a Turquia ofereceu uma negociação com Öcalan, desde que ele conseguisse diminuir o efeito dos protestos e ações “para contornar a situação, o Estado turco recuro ligeiramente: se reuniu com Öcalan na prisão e disse que se ele ajudasse a diminuir os protestos, eles tomariam algumas medidas positivas”. (UZUN, 2019, p. 173). Para Öcalan, se tratava de impedir o desenvolvimento de um conflito turco-curdo. Para ele, como vimos, desde os anos 90, a solução está na unidade entre esses dois povos e não no conflito entre turcos e curdos.

Em seu julgamento em Imrali, Öcalan expõe pela primeira vez as teses para uma revisão da estratégia do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, em sua “Declaração Para uma Solução Democrática da Questão Curda”, ele apresenta a necessidade do PKK abandonar a estratégia da guerra popular e dos conflitos armados, e insistir em uma solução política e democrática, criada a partir da negociação entre o PKK e o Estado da Turquia. Para ele, é necessário abandonar o ideal independentista de um Curdistão separado da Turquia. O PKK deverá se transformar em uma força política legal, que irá representar o povo curdo na construção conjunta aos turcos, de uma República Democrática da Turquia. Esse processo demanda profundas transformações democráticas, um fortalecimento da sociedade civil, uma reforma profunda das estruturas de governo e do Estado. Öcalan busca recuperar a noção de unidade entre os povos curdos e turcos como fundadores da República da Turquia, durante a Guerra de Independência Nacional. Para Öcalan, a era da luta armada do PKK havia chegado ao fim, e era necessário insistir em uma solução política e democrática. (ÖCALAN, 1999; ÖZCAN, 2006; GUNTHER, 2021).

A Declaração, ou como também ficou conhecida, “Segundo Manifesto”, é um documento fundamental para compreendermos o pensamento de Öcalan, é a realização de suas reflexões desde o final dos anos 80 sobre a necessidade de transitar da guerra popular para uma solução política. Em suas teses, encontramos as conceituações teóricas necessárias para que essa revisão ocorresse. Nos dedicaremos agora a compreender melhor quais as bases teóricas que informam as teses de Öcalan em sua Declaração.

1.2 - Leslie Lipson e a Civilização Democrática

Em sua “Declaração”, Abdullah Öcalan faz uma explícita – e rara - referência a um autor que ele considera seu principal interlocutor na formulação das teses de seus argumentos de defesa. Em um texto produzido em condições tão limitadoras, encontramos citações diretas de páginas e páginas de um autor e um livro nos demonstra a importância dessas referências e a necessidade de nos atentarmos a elas para melhor compreendermos os argumentos que são construídos a partir de sua mobilização. Como vimos na seção anterior, a noção de “solução democrática” é uma ideia central desenvolvida na declaração. Öcalan diz claramente já na introdução de seu discurso: “o fio principal que costura a minha defesa,

mesmo que as vezes de maneira repetitiva, é o conceito de uma 'solução democrática'². (ÖCALAN, 1999, p. 4, tradução nossa). Essa noção entretanto, não foi originalmente criada por ele, de fato, ele destaca a importância e demarca sua principal influência em relação a essa noção: “O livro de Leslie Lipson "A Civilização Democrática" que acidentalmente chegou as minhas mãos, contribuiu para [meu entendimento dessa [detalhada abordagem]]³” (ÖCALAN, 1999, p. 4, tradução nossa). A influência de Lipson na declaração de Abdulla Öcalan é entretanto, mais profunda do que apenas as citações podem indicar, nesse sentido, é importante nos determos em compreendermos um pouco melhor a vida e a obra de Leslie Lipson, para assim localizarmos as suas contribuições ao quadro referencial teórico de Abdullah Öcalan nesse momento.

Leslie M. Lipson (1912-2000) foi um destacado professor e pesquisador em Ciência Política da Universidade da Califórnia, Berkley, nos EUA. Nascido na Inglaterra, se naturalizou americano em 1912 e se formou em Ciência Política nas universidades de Oxford e Chicago. Se especializou em teoria política e política comparada. A partir da sua experiência como docente na Nova Zelândia, publicou seu primeiro grande trabalho em 1848: “*The Politics of Equality: Adventures in New Zealand's Democracy.*”, que se tornou um clássico sobre a política do país e um das primeiras obras na qual Lipson se dedicou a discussão sobre a democracia, um tema que se dedicou durante o resto de sua vida. Em 1950 se tornou professor de Berkley onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1984. Em 1953, serviu como professor das Nações Unidas no Rio de Janeiro, fazendo com que o Brasil se tornasse um objeto comum em muitos de seus estudos. Entre suas principais obras, estão livros como “*The American Governor*” (1939) e “*The Politics of Equality and The Great Issues of Politics*” (1954). O livro que mais nos interessa saiu em 1964, “*The Democratic Civilization*”, um ambicioso estudo sobre o desenvolvimento geral dos sistemas democráticos na história da civilização.

Em A Civilização Democrática, Leslie Lipson desenvolve uma série de estudos sobre a democracia. Sua obra tem dois objetivos centrais, um, é apreciar e analisar o surgimento e desenvolvimento da democracia enquanto um sistema político e uma forma de governo; o segundo é a partir dessa apreciação derivar ou “sugerir uma teoria geral do processo político”.

²*the main thread that runs through my defence, even if repetitious at times, is the concept of a "democratic solution.*

³*Leslie Lipson's book The Democratic Civilisation which accidentally reached my hands, contributed to [my understanding of this [detailed approach].*

(LIPSON, 1966, v1: p. 16). Metodologicamente, ele se utiliza do método comparativo, trabalhando com uma ampla gama de governos democráticos em diversos países, entre eles a Grã Bretanha, os EUA, Suíça, Dinamarca, Canadá, Nova Zelândia, Brasil entre outros. Segundo ele, “para estudar um tema tão maciço, usei o método comparativo. [...] Um método comparativo projeta sua luz de muitos ângulos. Colocando lado a lado uma série de sistemas políticos, revela suas diferenças e semelhanças”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 25-27). Com uma amostra tão grande de países para a análise comparativa, Lipson parte de um referencial analítico sobre a ciência política que ele resume da seguinte forma: “A teoria política em torno da qual este livro foi escrito pode ser sucintamente resumida. Todo Estado consiste no entrosamento de três elementos: o contexto social, sua estrutura política e institucional e seus ideias filosóficos.” (LIPSON, 1966, v.1, p. 20). No que poderia resultar em apenas um estudo sobre direito institucional, o livro de Lipson entretanto, ao partir dessas premissas, oferece uma interessante visão sobre o surgimento da democracia, o seu desenvolvimento histórico, suas principais interpretações, assim como os diversos mecanismos de funcionamento do governo e do estado. É uma obra histórica e sociológica.

Essa compreensão interdependente entre contexto social, estrutura política e ideias filosóficas é um dos pontos fortes do livro de Lipson, uma compreensão que permitiu um aprofundamento maior na sua análise da democracia, em suas múltiplas determinações, sem recorrer a uma separação radical entre teoria e prática, de fato, ele se opõe a essa separação: “a dicotomia tão frequentemente empregada, entre pensamento e ação, entre teoria e prática, é falsa. Pensar é uma forma ação; e qualquer tipo de ação pressupõe ou implica um pensamento.”. (LIPSON, 1966, v.1, p.16). Nesse sentido, Lipson reconhece que esses três elementos interdependentes são centrais para a análise da política, sendo a sociedade, o ponto de partida, pois para ele “o Estado é uma parcela integrante da sociedade”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 20). Sendo o Estado parte integrante e inseparável da sociedade, é necessário compreendermos que o processo político funciona dentro de um processo social maior, de que a sociedade enquanto “soma total das relações, associações e instituições humanas” (LIPSON, 1966, v1: p. 20) é a matriz dos demais processos: “Logo, um estudioso da política deve, antes e acima de tudo, ser um estudioso da sociedade. Assim, de que maneira a sociedade se impõe ao Estado?” (LIPSON, 1966, v.1, p. 20).

Na relação entre sociedade e Estado, o processo político se constitui como uma convergência da multiplicidade de fatores e forças que estão em disputa na sociedade, “em sua relação com o resto da sociedade, o Estado serve de conduto através do qual as demais

forças fluem”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 22). Esse “fluir” do processo político está diretamente ligado ao contexto social: “Família e língua, raça e religião, economia e ecologia – eis os afluentes que convergem na corrente principal da política e, depois, transformam-se no complexo de forças do Estado.” (LIPSON, 1966, v.1, p.22). Assim, as estruturas políticas e institucionais que emergem da sociedade constituem os sistemas de governo: “as instituições através das quais os Governos funcionam, e as diretrizes políticas que seguem, constituem uma reação ao complexo social em que se situam”. (LIPSON, 1966, v.1, p.22). Segundo Lipson, o governo assim é compreendido como um intermediário e um mediador entre a sociedade e o Estado.

O contexto social e a estrutura governamental não são entretanto suficientes para compreendermos o processo político. Os ideais e princípios filosóficos são fundamentais pois “a filosofia não é distinta pois, do processo político, mas uma parte integrante do mesmo”. (LIPSON, 1966, v.1, p.24). Segundo Lipson:

O Estado, tal como existe, subjetivamente, na consciência mental e emocional dos cidadãos nele integrados, é mais do que um sistema de instituições e serviços, ou uma elite de políticos sedentos de poder, ou uma massa de estatísticas eleitorais. É também um conjunto de ideias e ideais. O *Homo Politicus* tem a necessidade intelectual de interpretar as estruturas que edifica, em termos que satisfaçam a razão, bem como a necessidade moral de justificá-las em sua consciência. (LIPSON, 1966, v.1, p. 23).

Para Lipson, as ideias filosóficas são responsáveis por consubstanciar nas instituições de governo e no Estado, a vontade do povo, de acordo com os princípios e visões de mundo da sociedade, visões, na maioria das vezes, antagônicas entre si, uma tendência com o objetivo de preservar e outra de progredir. Essas visões são representadas por filósofos, que desempenham um papel duplo no processo político, pois “fornecem, em parte, uma racionalidade coerente ao mundo do real, e em parte, apontam, como sinalizadores, para metas distantes e mais perfeitas, ainda não alcançadas”.(LIPSON, 1966, v.1, p. 24-25). Assim, as ideias filosóficas são fundamentais para os processos políticos, pois elas são ao mesmo tempo expressão dos valores e visões de mundo de uma sociedade, que legitimam e consolidam as instituições políticas, mas também desenvolvem o potencial societário de suas instituições, indicando novos caminhos, citando a metáfora de Lipson: “A filosofia esclarece a localização das casas a meio caminho em que residimos, indicando a direção a seguir para alcançar o fim da jornada”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 25).

Assim, com uma análise que une história, sociologia, direito e política, Leslie Lipson buscou, através da comparação, compreender o processo político democrático a partir da “fusão desses fatores – o contexto social, a estrutura governamental e os ideais filosóficos”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 25).

Em sua análise, Lipson não recai em uma concepção neutra do fazer científico, seu trabalho de fato está orientado por opções e escolhas valorativas: “Escrevo sobre Democracia porque creio nela”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 19). Essas escolhas entretanto, não recaem numa perda de rigor, um estudo sobre uma forma de governo que “no curso de vinte e quatro séculos, foi praticada em tantos Estados e que contribui para o progresso político da humanidade”, (1966, p. 19) deve evitar generalizações indevidas, sua abordagem histórica e sociológica permite uma apreciação melhor dessas diferenças, assim, é necessário diferenciar os critérios e condições do seu desenvolvimento e funcionamento: “a tela em que estou pintando este retrato da democracia, é, portanto, ampla, e suas cores são éticas” (LIPSON, 1966, v.1, p. 27).

Ao pintar este retrato, Lipson buscou compreender “a democracia como força civilizadora”, uma força que, apesar de suas múltiplas expressões históricas, se destaca como um sistema político único em relação aos demais por sua capacidade de resolver através de meios não violentos os conflitos sociais. Nesse sentido, “o objetivo que se procura na sociedade, é atingir um nível superior de civilização” (LIPSON, 1966, v.1, p. 17), “o propósito fundamental do Estado democrático é o de natureza moral. É contribuir através da atividade política para a civilização humana”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 17). Lipson sabe que nessa ampla gama de sistemas políticos, a democracia não é a principal: “Existem numerosos sistemas de governo; diversas filosofias do Estado. A democracia é um sistema e uma filosofia entre muitos.”, (LIPSON, 1966, v.1, p. 19). Sendo assim, a busca de Lipson pelos mecanismos da democracia estão alinhados a essa compreensão de sua superioridade enquanto forma de governo immanentemente civilizacional: “o propósito fundamental do Estado democrático é de natureza moral. É contribuir através da atividade política para a civilização humana.” (LIPSON, 1966, v.1, p. 27). Segundo Lipson:

Intitulei esta obra A Civilização Democrática porque acredito ter a forma democrática de Governo acarretado para a humanidade uma qualidade única. E esta foi conseguida através daquela união de características – sociais, políticas e filosóficas – [que] – sempre que combinadas com êxito [...] resultaram na civilização do Homem Democrático. (LIPSON, 1966, v.1, p. 27-28).

Quais são então, os critérios que Lipson conclui serem essenciais ao processo político democrático, e qual combinação garante a eficácia de um governo e Estado democrático?

Historicamente, seja em suas origens atenienses, ou na era das revoluções burguesas, Lipson entende que as democracias exitosas começaram com uma revolução e desenvolveram-se por evolução, que em especial as democracias modernas “amadurecidas” são um fenômeno recente e raro. Os critérios sociológicos, em especiais aqueles ligados a raça, religião e língua, permitem que em sociedades onde existam divisões marcadas por esses critérios, tais divisões sejam superadas e propiciem o desenvolvimento de um processo democrático quando “os dessemelhantes forem tratados como iguais ou se lhes for permitida uma assimilação voluntária”. (LIPSON, 1966, v.2, p. 720). Em relação aos fatores geopolíticos, Lipson marcou uma firme correlação entre a compatibilidade da democracia com o poderio marítimo, e sua divergência com o poderio terrestre em grande escala. Os fatores econômicos demonstram uma maior diversidade de condições para o surgimento e desenvolvimento da democracia. Segundo Lipson:

A democracia tanto pode florescer em sociedades agrárias como nas indústrias; nas áreas onde os recursos utilizáveis são escassos e em outras favorecidas pela abundância; em conjunto com um volume elevado ou baixo de atividade estatal. Dois aspectos da economia são cruciais para a democracia, a saber: a distribuição interna da riqueza que exista, seja muito ou pouca; e a subordinação do poder econômico a uma concepção política do interesse público. (LIPSON, 1966, v.2, p. 720).

Considerando esses fatores não como absolutos, mas como contingenciais, Lipson entende que existem pesos adicionais ao processo democrático, entre esses, a influência dos ideais filosóficos.

A filosofia no processo político democrático tem, como vimos, essa dupla tarefa, de consolidação e de transgressão de determinadas visões de mundo. Para Lipson, essa ambivalência da filosofia manifesta sua centralidade em relação aos demais elementos sociais e governamentais, pois são os ideais e princípios filosóficos que movem a humanidade a criar e transformar a realidade: “pois os ideais que os homens professadamente serviam tornaram-se características da realidade em que viviam.”. (LIPSON, 1966, v.2, p. 721). Portanto:

De todas as condições que produziram uma democracia, ou que se diz terem-na causado, nenhuma é mais importante do que o fator subjetivo, ou seja, a determinação consciente de que a sociedade deve incorporar os valores de um ideal democrático.

A importância que Lipson dá aos ideais filosóficos no processo político democrático está diretamente ligado a noção de que todo sistema político democrático parte e de

desenvolve a partir do povo, em um sentido mais amplo ou restrito, mas sempre a partir da compreensão de que é necessário que o povo desenvolva ideais e valores democráticos que enquanto princípios orientem sua ação no processo político. Segundo ele,

Nesse sentido, Rousseau teve razão em salientar a Vontade Geral como o princípio central da associação política. Para que uma democracia se realize na prática, deve prevalecer uma vontade favorável aos valores democráticos. Se isso não acontecer, todas as outras condições que poderíamos especificar – salvaguardas constitucionais, altos padrões de vida, liberdade de expressão, etc – não passam de pilares sem alicerces onde assentem. (LIPSON, 1966, v.2, p. 722).

Considerando a interdependência e reciprocidade desses três elementos, sociais, governamentais e filosóficos, Leslie Lipson sintetizou as principais características de um governo democrático como:

1. O povo deve possuir o poder fundamental, mediante o sufrágio universal adulto, cada cidadão tendo um voto apenas.
2. Um mínimo de dois partidos importantes deve oferecer uma escolha de candidatos e programas, em eleições honestas, realizadas a intervalos razoáveis.
3. A comunidade deve garantir as liberdades civis de cada um de seus membros. Incluem-se as liberdades de expressão, de publicação e associação como outros, bem como a proteção contra a prisão e encarceramento arbitrários, sem julgamento imparcial.
4. A política pública deve ser conduzida no interesse público e promover o bem-estar social e econômico para todos.
5. O Estado deve garantir o equilíbrio entre a liderança efetiva e a crítica responsável. Assim, os que ocupam cargos públicos devem ser continuamente confrontados pela oposição no Legislativo e todos os cidadãos podem recorrer a um Judiciário independente.
6. Deve ser possível modificar qualquer característica do sistema governamental por meios pacíficos, mediante processos devidamente acordados. (LIPSON, 1966, v.2, p. 351-352).

A unidade desses elementos e características dá uma qualidade única ao processo político democrático que Lipson considera como significativos de uma perspectiva civilizacional progressista, em especial, porque nesse modelo, a política assume a primazia sobre as armas, sobre a violência: “É minha opinião de que, a longo prazo, a política ainda exercerá sua primazia sobre as armas. [...] a elaboração e organização de uma vontade comum, que é uma função da política, é finalmente mais poderosa do que o uso da violência.”.(LIPSON, 1966, v.1, p. 244).

Lipson não ignora o papel da violência e o uso das armas, mas os subordina ao processo político geral: “A política, em última análise, é a luta pelo espírito e o coração dos homens. As armas contribuem para isso na medida em que constituem uma ameaça de graves

danos a vida e integridade humana” (LIPSON, 1966, v.1, p. 245). Lipson assim distingue a relação entre as finalidades políticas e os meios militares, entendendo que as armas são fundamentais, “mas as armas que em última análise, prevalecem, são as que tiverem por trás a vontade mais forte”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 245).

Muitos desses pontos atraíram a atenção de Abdullah Öcalan, que como vimos, desde o início dos anos 90, insistia na necessidade de uma solução para a questão curda na Turquia não mais pela violência e uso das armas, mas por uma via política e pacífica. As ideias de Lipson, ainda que tenham chegado nas mãos do revolucionário curdo “por acidente”, o ajudaram a consolidar teoricamente posições que vinham sendo gestadas embrionicamente ao longo desses anos, ganhando forma mais definida nas teses da “Declaração”.

Em diálogo com as ideias de Lipson, Öcalan ao definir sua concepção de democracia também buscou apresentar a conexão da política com a sociedade, para ele, a democracia é o sistema político que melhor esta de acordo com a “natureza” da sociedade, e que propõe maneiras mais eficazes de se lidar com as contradições sociais: “Basicamente, democracia é o sistema mais realista que assegura a maior liberdade para o individuo enquanto permite a sociedade exercer sua autodeterminação. [A democracia] deriva o seu poder real ao corresponder ao que é natural na sociedade⁴” (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa). Para ele, o nível de desenvolvimento científico e cultural de uma sociedade esta intimamente ligado a garantia da liberdade de expressão e criatividade individuais, assim:

O esclarecimento que a Sociedade tem de si, isso é, a aquisição de poder científico [compreensão] esta majoritariamente relacionado ao seu nível de democracia. Da mesma forma, não é nenhuma coincidência que o talento científico e artístico se desenvolve em sociedades que fornece a maior liberdade.⁵ (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa).

Assim como Lipson, entende que o desenvolvimento da democracia se dá em múltiplas condições sociais e econômicas: “A riqueza econômica de uma nação ou a falta dela não pode ser um critério para a prática da democracia. Democracia pode ser implementada tanto em países ricos como pobres.⁶” (ÖCALAN, 1999, p. 7, tradução nossa). E assim como observou o cientista política norte americano, a democracia emerge a partir de processos

⁴*Basically, democracy is the most realistic system that insures the most freedom for the individual while allowing society to exercise self-rule. It derives its real power from corresponding to the natural in society.*

⁵*Society’s enlightenment of itself, that is, its acquisition of scientific power [understanding] is mostly related to its level of democracy. Likewise, it is no coincidence that scientific and artistic talent develops in societies that provide the most freedom.*

⁶*The economic wealth of a nation or the lack of it cannot be the criteria for the practice of democracy. Democracy can be implemented in rich and poor countries alike.*

revolucionários, mas se desenvolve de maneira “evolutiva”, a passos lentos e a longo prazo, “talvez a única condição necessária para alcançar isso seja um ou alguns dos passos revolucionários necessários.” (ÖCALAN, 1999, p. 7, tradução nossa). Mesmo que a implementação de sistemas democráticos estejam ligados a essas etapas ou processos revolucionários, é pelo desenvolvimento e fortalecimento de instituições que uma sociedade democrática se consolida:

Genericamente falando, sociedades onde a democracia provavelmente floresça são aquelas que - após manifestarem seus afiados conflitos na forma de explosões revolucionárias - escolhe resolver o resto de seus problemas (relacionados aos conflitos de interesses e grupos e indivíduos) através de métodos não violentos com a mediação de partidos políticos e instituições.⁸ (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa).

Para Öcalan, não se trata de simplesmente negar os processos revolucionários mas reconhecer os limites que a adoção de métodos violentos e coercitivos para a solução das contradições e conflitos entre indivíduos e grupos coloca ao desenvolvimento da democracia, assim, “A coisa mais crucial a saber é quando democratizar a revolução.”⁹ (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa). Sua compreensão de democracia esta diretamente ligada a conquista e expansão dos direitos e liberdades individuais e coletivos dos cidadãos e dos povos: “O sistema democrático obtêm seu poder pela libertação das pessoas.¹⁰” (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa), processos revolucionários que optem pela violência e coerção colocam um limite a essa expansão de direitos e podem por em risco o projeto democrático como um todo: “A Coerção pode produzir um desenvolvimento rápido, mas também uma rápida queda.¹¹” (ÖCALAN, 1999, p. 6, tradução nossa).

Öcalan defende a democracia por sua capacidade de criar mecanismos de soluções de conflitos não violentos, métodos de mediação, através dos partidos políticos e instituições democráticas, que permitem a expansão de direitos e liberdades individuais e coletivas, ao invés de métodos baseados na coerção e violência e na negação desses direitos, assim, para ele, a coerção é uma ameaça constante a democracia.

Em acordo com o referencial de Lipson, ele também compreende que o processo político democrático tem qualidades únicas que o diferenciam de outros sistemas políticos.

⁷perhaps the only condition that is required is to accomplish one or a few of the necessary revolutionary steps.

⁸Generally speaking, societies where democracy is likely to flourish are the ones that -after man-ifesting their very sharp conflicts in the form of revolutionary explosions - choose to solve the rest of their problems (relating to conflicts in group's and individual's interests) through non-violent methods with the mediation of political parties and institutions.

⁹the most crucial thing to know is when to democratize a revolution.

¹⁰The democratic system obtains its power from freeing people.

¹¹Coercion could produce rapid development, but also a rapid downfall.

Segundo Öcalan: “A Democracia tem seus próprios princípios, instituições e também tradições. Eles são a liberdade, igualdade, a ausência de opressão, desenvolvimento, respeito pelos direitos e responsabilidades e soluções consensuais.¹²” (1999, p. 7, tradução nossa). Esses princípios, instituições e tradições são fundamentais a especificidade do processo democrático, e podemos compreender o nível de democracia de uma sociedade a partir do bom funcionamento dessas instituições e garantia desses princípios. Para Öcalan, democracias que falham em garantir esses direitos por meios pacíficos abrem caminho para soluções violentas:

Enquanto existir indivíduos oprimidos e impotentes e estratos que não tem direitos e liberdades básicas, a democracia tem grandes falhas. Se os conflitos e tensões não são resolvidos pacificamente, rebeliões, guerra civil, insurgências e outros conflitos revolucionários irão irromper e causar derramamento de sangue, inaugurando talvez um novo processo de democratização.¹³ (ÖCALAN, 1999, p. 7, tradução nossa).

As soluções violentas surgem então diante da impossibilidade de se solucionar os conflitos sociais por meio de métodos não violentos, que podem ser mediados pelas instituições do governo e do Estado. Para Öcalan, o tempo das soluções violentas e armadas para a questão curda deve ser superado, e uma solução política democrática é a melhor saída para ambas as partes nesse conflito, pois se a política do ‘win-win’ se manter, ambas as partes se tornarão perdedoras. Em seus argumentos de defesa, Öcalan buscou construir suas posições a partir do referencial democrático apresentado por Leslie Lipson em seu livro, que como vimos, ele considerou fundamental para aprofundar sua compreensão do tema. Na sua defesa, ele reforça a importância desse livro para o tema, e discute além dos pontos já expostos acima, um dos casos de estudo de Lipson no livro, que o atraiu e o influenciou muito em sua solução democrática para a questão curda na Turquia. Segundo Öcalan:

Eu considero importante citar muitas passagens do livro de Leslie Lipson, A Civilização Democrática, no qual eu me foquei anteriormente na minha defesa, e que, apesar de ter sido publicado nos anos de 1960, eu sinto que ainda é relevante no que diz respeito a Turquia. Esse estudo não é apenas científico, mas sua quase triunfal vindicação em nossos dias o torna ainda mais valioso. O exemplo que eu escolhi é a multifacetária, multilinguística, multicultural Suíça, que também forma o coração da Europa.¹⁴ (ÖCALAN, 1999, p. 32, tradução nossa).

¹²*Democracy has its own principles, institutions and traditions too. They are freedom, equality, lack of oppression, evolutionary development, respect for rights and responsibilities and consensual solutions.*

¹³*As long as there are oppressed and powerless individuals and strata who lack basic freedom and rights, that democracy has major shortcomings. If conflicts and tensions are not solved peacefully, rebellions, civil wars, insurgencies and other revolutionary conflicts would break out and cause bloodshed, ushering in perhaps a new democratization process.*

¹⁴*I consider it important to quote many passages from Leslie Lipson’s book Democratic Civilisation, which I have concentrated on before in my defence, and which, despite having been published in the 1960s, I feel is still relevant as far as Turkey is concerned. This study is not only scientific, but its almost triumphal vindication in our day makes it even more valuable. The example I have chosen is multi-sectarian, multi-lingual, multi-cultural Switzerland which also forms the core of Europe.*

Em seu livro, Leslie Lipson estudou o que chamou de “paradoxo suíço”: como um país como a Suíça, marcada por profundas divisões religiosas e linguísticas, constituiu uma das democracias mais consolidadas da Europa? Segundo ele: “O governo desse país é uma das mais bem sucedidas e estáveis democracias do mundo. Ao mesmo tempo, a moderna Suíça está dividida na religião e separada pelo idioma”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 183). Em um país geograficamente situado no coração da Europa, com fronteiras com a Itália, França e Alemanha, a Suíça tem uma profunda tradição democrática, que para Lipson já pode ser encontrada no Século XV, com a formação da Confederação Suíça: “O Estado suíço começou quando os cantões florestais de Uri, Schwyz e Unterwalden formaram uma liga para apoio mútuo e defesa coletiva contra os Habsburgos”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 184). Ainda que nesse século, a confederação fosse uma unidade religiosa e linguística, pois “todos os suíços eram católicos; todos falavam alemão”, a partir do Século XVI, a Reforma Protestante cindiu essa unidade, opondo católicos e protestantes em diversos conflitos, que enfraqueceu a união confederal, entretanto, não a dissolveu. Para Lipson, foi a capacidade de lidarem de maneira tolerante com suas diferenças religiosas, que demarcou o potencial democrático da confederação: “Em vez de matar e ser morto, concordaram, de um modo tácito, em viver e deixar viver. Assim, a tolerância da diversidade tornou-se o fundamento da unidade suíça e a democracia progrediu como um *modus vivendi* para a reconciliação das divergências”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 186). A partir do Século XVIII, com a influência da Revolução Francesa e das conquistas napoleônicas, a língua francesa passou a romper a unidade linguística da confederação, até então, oficialmente de língua alemã; a partir de 1815, o francês foi reconhecido como uma das linguas oficiais da Confederação. As antigas divergências religiosas entre católicos e protestantes entretanto foram as que romperam com a organização confederal, “para um indivíduo, é possível superar a barreira linguística. Pode aprender dois ou mais idiomas. Mas ninguém o encorajou, em tempo algum, a ser birreligioso.”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 190-191). No século XIX, os conflitos religiosos se generalizaram entre instituições e cantões, quando no cantão de Zurique, a Igreja protestante tentou dominar o governo cantonal, ameaçando a unidade confederal, se iniciou uma guerra civil entre cantões católicos e protestantes. Os cantões católicos (Friburgo, Lucerna Schwyz, Unterwalden, Uri, Valais e Zug) comporaram a Sonderbund, e enfrentaram os demais cantões de maioria protestante. Em 1847 a Sonderbund foi derrotada, e a confederação suíça foi dissolvida, os vitoriosos, protestantes e liberais realizaram um referendo para uma nova constituição em 1848, que substituiu definitivamente a organização confederal por uma unidade federal. Assim, com a nova constituição, o “espírito democrático” suíço foi

consolidado por uma política de tolerância religiosa e linguística: “o francês, o italiano e o alemão foram reconhecidos na Constituição de 1848 como idiomas nacionais e iguais para fins oficiais”, em 1938, um referendo adicionou o romanche, dialeto muito falado no cantão de Grisões, como a quarta língua oficial do país. Para Lipson, existem grandes lições a se retirar desse pequeno país: “Seu povo alcançou a unidade através da diversidade e, apesar de suas divisões profundas produzia uma democracia bastante harmoniosa”. (LIPSON, 1966, v.1, p. 184). O paradoxo suíço é aos olhos de Lipson, e também aos olhos de Öcalan, um exemplo de que a diversidade de línguas e culturas pode ser um fator positivo para a unidade de um país:

Concluindo, a experiência da Suíça no campo da língua e cultura pode ser resumida por um paradoxo. Variedade linguística, ao invés de enfraquecer sua unidade, a fortaleceu, e sua tolerância com essa variedade é ao mesmo tempo causa e consequência da sua democracia. (Civilização Democrática, p. 125-128)¹⁵ (LIPSON Apud ÖCALAN, 1999. p. 33, tradução nossa).

Öcalan vê claramente um paralelo entre a história da Suíça e a história da Turquia, desde seus passados multiétnicos e sua diversidade linguística, nos tempos da Confederação Suíça ou do Império Otomano. Se a Suíça é o coração da Europa, a Turquia é o coração do Oriente Médio, assim, existem grandes lições a serem aprendidas com a democracia suíça: “Existe, sem dúvidas, muitas lições a serem apreendidas em termos de Turquia, também, um mosaico de línguas e culturas¹⁶” (ÖCALAN, 1999. p. 64, tradução nossa). Aqui, Öcalan se refere diretamente a questão da linguagem e da cultura, visto que, em termos religiosos, curdos e turcos são majoritariamente islâmicos (sunitas), e compartilhavam essa mesma religião desde o tempo do Império Otomano, entretanto, curdos que professavam outras religiões minoritárias como o zoroatrismo, foram sempre perseguidos pelo Império Otomano, assim como na Turquia. Para ele, esse é um ponto central da questão curda: “As lições a serem tiradas são de fato impressionantes quando se tem em mente que o problema Curdo pode ser em última instância reduzido a um problema de língua e cultura.¹⁷” (ÖCALAN, 1999, p. 33, tradução nossa). Se a questão curda pode ser “reduzida” a questões de linguagem e cultura, de acordo com o exemplo suíço, é possível então constituir uma unidade nacional que lide de maneira tolerante, com essa múltipla diversidade étnica e linguística, garantindo os direitos individuais e coletivos dos povos de falarem sua língua e expressarem sua cultura

¹⁵*In conclusion, the experience of the Swiss in the field of language and culture can be summed up by a paradox. Linguistic variety, rather than weakening their union, has strengthened it, and their tolerance of this variety is both the cause and the outcome of their democracy. (Democratic Civilisation, pp. 125-128).*

¹⁶*There are doubtless many lessons to be drawn in terms of Turkey, too, becoming a mosaic of languages and cultures.*

¹⁷*The lessons to be drawn are striking indeed when one bears in mind that the Kurdish problem can ultimately be reduced to a problem of language and culture.*

abertamente. Direitos esses que eram sistematicamente negados aos curdos desde a fundação da Turquia. Mas como garantir isso?

Para encontrar uma solução política, Öcalan novamente mobiliza os argumentos de Lipson sobre a indissociabilidade entre sociedade e Estado para o processo político democrático:

Para a sociedade continuar a existir, sua administração deve ser organizada de uma maneira que compreenda cidadãos, leis, e um aparato administrativo, direitos e pessoas com autoridade. Em outras palavras, deve existir um Estado. Entretanto, novamente para essa sociedade se adaptar a mudança e evoluir, a discussão política deve, dentro do Estado, ser capaz de encontrar um caminho para corresponder a mudança e assim aproximar a realidade dos ideais.¹⁸ (LIPSON Apud ÖCALAN, 1999, p. 36, tradução nossa).

Percebemos que para Lipson, não há nem uma supervalorização do Estado, nem uma autonomização da sociedade. O processo político é sempre compreendido a partir dessa correlação entre ambos. Entretanto, essa relação não é direta, nem livre de contradições, sendo o Estado parte da sociedade, existe uma permanente tensão entre ambos: “Conseqüentemente, existe uma tensão entre a política e o estado [...] seu ponto de contato é o governo, [...].Conseqüentemente, um sistema precisa ser estabelecido para remover esse tipo de TENSÃO. Esse sistema é a DEMOCRACIA¹⁹ (LIPSON Apud ÖCALAN, 1999, p. 36, destaque do autor, tradução nossa). A democracia então é a melhor forma de solucionar essas tensão de maneira a garantir que a diversidade da sociedade se expresse politicamente dentro do Estado: “DEMOCRACIA tenta estabelecer uma relação em que a política pode ser criativa e o estado possa ser suscetível. O objetivo da democracia é tornar a rocha móvel e a força resistível.²⁰” (LIPSON Apud ÖCALAN, 1999, p. 37, destaque do autor, tradução nossa).

Em uma solução política democrática, onde o governo e o estado sejam “sensíveis” as demandas por direitos e liberdades por seus cidadãos, é necessário garantias constitucionais. Para Öcalan, a adaptação das instituições políticas da sociedade civil e estado em relação as demandas democráticas é fundamental. Essas garantias devem ser legitimadas por uma nova

¹⁸*For society to remain in existence, its administration must be organised in a way that comprehends citizens, rules, an administrative apparatus, rights and persons with authority. In other words, there must be a state. However, again for this society to adapt to change and evolve, political discussion must, within the state, be able to find a way of responding to change and thereby bringing reality closer to ideals,*

¹⁹*Consequently, there is a tension between politics and the state. [...] Their point of contact is the government. [...] Consequently, a system needs to be established that will remove a TENSION of this kind. This system is DEMOCRACY.*

²⁰*DEMOCRACY tries to establish a relationship in which politics can be creative and the state can be sensitive. The goal of democracy is to render the rock moveable and the force resistible.*

constituição. Novamente mobilizando o trabalho de Lipson, ele cita o caso da Grã Bretanha como um exemplo de constituição democrática que foi evoluindo e aperfeiçoando suas instituições após sucessivos conflitos violentos: “Tem a reputação de ter as melhores constituições aplicadas no mundo. É também o principal país a solucionar problemas dentro da democracia, sem recorrer a violência.²¹” (ÖCALAN, 1999, p. 34, tradução nossa). Ele retoma a argumentação de que a democracia após uma fase “revolucionária” se desenvolve a passos lentos, de maneira evolutiva, buscando mediações não violentas para os conflitos sociais: “a linguagem da democracia é a evolução, e a os Britânicos são especialistas nisso.²²”. (ÖCALAN, 1999, p. 34, tradução nossa).

As garantias constitucionais devem representar a vontade geral do povo, em um sistema de governo em que não haja diferenças entre cidadãos de primeira ou segunda categoria, todos devem buscar um consenso que deve se exprimir constitucionalmente: “A constituição democrática deve primeiramente, acima de tudo, conter uma unidade aceita por todo mundo.²³” (LIPSON Apud ÖCALAN, 1999, p. 34, tradução nossa). Para Öcalan, é por meio desse lento processo evolutivo, que a democracia é “tolhida” e busca se aproximar cada vez mais das ideias filosóficas que a inspiram, esse aperfeiçoamento contínuo da democracia demanda que os partidos e instituições políticas se adaptem a essas mudanças: “Isso torna muito claro, como, nas democracias, em circunstâncias específicas ou onde princípios não são compatíveis com a prática, organizações políticas deve adaptar seus princípios e programas e o estado deve adaptar sua constituição.”²⁴ (ÖCALAN, 1999, p. 34, tradução nossa).

Abdullah Öcalan em sua “Declaração” tem um objetivo claro ao mobilizar o referencial de Leslie Lipson de a Civilização Democrática: mostrar a importância de transformar a Turquia em uma democracia aos moldes ocidentais. A mobilização do exemplo sobre o paradoxo suíço, assim como a referência a demais democracias ocidentais, como a da Grã Bretanha, coloca a necessidade de transformação com vistas a uma adequação institucional. Para ele, é necessário que a Turquia supere as limitações constitucionais que impedem uma solução política, pacífica e democrática para a questão curda. É necessária uma

²¹*It has the reputation of having the best applied constitution in the world. It is also the foremost country for solving problems within democracy without resorting to violence.*

²²*The language of democracy is evolution and the British are experts at this.*

²³*A democratic constitution must first off all contain a unity accepted by everyone.*

²⁴*This makes it very clear how, in democracies, in specific circumstances or where principles are not compatible with practice, political organisations must adapt their principles and programmes and the state must adapt its constitution.*

profunda transformação democrática do Estado da Turquia. Para ele, “Desde os anos cinquenta, a Turquia tem constantemente falado de uma democracia ao estilo ocidental, mas ela nunca aplicou isso.²⁵ (ÖCALAN,1999, p.35, tradução nossa). É preciso concretizar esse processo de transformação, e para isso, foi necessário mostrar as bases teóricas e práticas da democracia europeia. Segundo Öcalan: “A civilização ocidental, nesse sentido, pode ser nomeada de civilização democrática. O sistema democrático é ao menos tão importante quando a superioridade científica e tecnológica. Alimentando um ao outro, ambos se tornam fortes e alcançam o status de civilização mundial. ²⁶” (ÖCALAN, 1999, p. 31, tradução nossa).

Se como mostrou Lipson, é necessário que essas transformações sociais se expressem politicamente dentro do Estado, em sua declaração Öcalan tem um interlocutor claro: sendo julgado por uma corte militar sob a acusação de terrorismo e separatismo, a sua argumentação também é direcionada aos militares e setores do Estado potencialmente dispostos a realizar essa transformação. Para Öcalan, os golpes militares na Turquia surgiram diante da impossibilidade da esquerda e da direita de realizar as reformas necessárias no país. Nesse sentido, os militares desempenharam um papel positivo rumo a democratização. Para Öcalan: “O exército não preparou um golpe. O exército é mais sensível que a maioria dos aparentemente partidos democráticos. Tem em mente seus padrões de democracia.²⁷” (1999, p.35, tradução nossa). Ele vê no exército um agente central para a transformação democrática da Turquia:

Hoje, o exercito não é uma ameaça a democracia, mas ao contrario é uma força que garante que a democracia irá se mover para o próximo estágio de uma maneira saudável e continua. Por que é assim? É assim porque não há uma solução restante para os problemas além das palavras e ações intimamente conectada com a essência da democracia.²⁸ (ÖCALAN, 1999, p.35, tradução nossa).

Se Öcalan atribui ao exército um papel importante para uma nova etapa de democratização do país, ele não os exime de suas responsabilidades diante da violenta política de negação e assimilação que o Estado Turco manteve para com os curdos, uma solução baseada nas armas e na guerra. Para essa nova etapa de democratização, não bastam apenas

²⁵*since the fifties Turkey has constantly spoken of a western-style democracy, but she has not applied it.*

²⁶*Western civilisation can, in this sense, be termed democratic civilisation. The democratic system is at least as important as scientific and technological superiority. Feeding off each other, they both became strong and achieved the status of world civilisation.*

²⁷*The army does not stage a coup. The army is more sensitive than the most seemingly democratic parties. It bears in mind standards of democracy.*

²⁸*Today the army is not a threat to democracy, but on the contrary a force that guarantees that democracy will move on to the next stage in a healthy manner and continue working. Why is this so? It is so because there is no solution left to the problems other than words and action closely connected with the essence of democracy.*

uma reorientação por parte do PKK, mas também pelos militares: “O exército, como a instituição mais preparada, está inclinada a mudar esse processo em favor da democratização, mas ao mesmo tempo, não tem intenção de relaxar seu controle sobre a sociedade.²⁹” (ÖCALAN, 1999, p.08, tradução nossa).

Com o objetivo de demonstrar que as acusações de terrorismo e separatismo não fazem sentido, nem individualmente, nem coletivamente, Öcalan se esforça em apresentar uma alternativa ao projeto de independência do Curdistão. Seus argumentos contra a acusação de separatismo se voltam para uma reavaliação histórica das relações entre turcos e curdos na fundação da república da Turquia, na avaliação do pacto nacional e da guerra de libertação e em especial, uma reavaliação da visão de seu fundador, Mustafa Kemal Atatürk, sobre qual o papel dos curdos nesse processo. Procurando mostrar que não é a separação, mas a união que liga curdos e turcos a uma mesma pátria e terra natal, Öcalan busca construir uma agenda para o futuro da República Turca.

A construção desse projeto demanda profundas reformas e profundas transformações democráticas de acordo com o paradigma teórico e prático que ele desensolve em sua defesa. A construção de uma solução política democrática para a questão curda passa pela construção de uma Turquia, que longe de ser uma ruptura com os ideais de sua fundação, na verdade são o desenvolvimento e realização desses ideais. Para Öcalan: “Se os Curdos são um dos membros fundadores da República - e eles são - Por que a demonstração de sua identidade se tornou o maior problema no período de fundação e desenvolvimento?”³⁰ (ÖCALAN, 1999, p. 17, tradução nossa). As relações entre curdos e turcos antecedem a própria formação da Turquia, para Öcalan, existia no Império Otomano uma relativa convivência pacífica entre curdos e turcos, baseados em sua religião comum, o islamismo. Para ele no Império Otomano, “Em organização política eram os Turcos, e na organização social Curdos eram relativamente dominantes.”³¹(ÖCALAN, 1999, p. 09, tradução nossa).

A construção de uma República Democrática da Turquia depende da capacidade de negociação do Estado e do PKK entrarem em comum acordo, realizando a unidade democrática que fundou a Turquia, e agora a levando a uma nova etapa histórica em seu desenvolvimento. O PKK deverá se adaptar a essas novas condições. (ÖCALAN, 1999).

²⁹*The military as the most ready institution is inclined to turn this process in favour of democratisation, but at the same time, has no intention of relaxing its control of society.*

³⁰*if the Kurds are one of the founding members of the Republic - and they are - why did the displaying of their identity became the greatest problem in the period of founding and development?*

³¹*in political organisation the Turks, and in social organisation the Kurds were relatively dominant.*

Em 20 de Janeiro de 2000, o PKK dá início a seu 7º Congresso nas montanhas, chamado extraordinariamente para definir as políticas a serem seguidas diante da prisão de Abdullah Öcalan e das teses expostas na Declaração Para uma Solução Democrática. Ainda que muitos quadros estivessem receosos da mudança, o partido adota a Declaração como parte fundamental do seu novo programa, adotando assim as concepções desenvolvidas por Abdullah Öcalan, como a necessidade do fim da luta armada, a remoção das guerrilhas, e a defesa da construção de uma República Democrática. Segundo Cruz (2018, p. 64-65):

O Programa de “Refundação”, define como objetivo do PKK a construção de uma República Democrática. A estratégia definida, é a realização de uma “Transformação Democrática”, onde as mobilizações e manifestações de massa da sociedade civil devem pressionar as forças políticas, de forma não violenta, em oposição a antiga estratégia violenta da “Guerra Popular Prolongada”. Uma “solução democrática” deve ser buscada através de uma “Grande Revolução na Anatólia”, respeitando as fronteiras do Estado Turco. “Em outras palavras, o PKK não irá mais perseguir um separado estado independente do Curdistão, uma revolução curda violenta ou a eliminação do exército Turco ou sua soberania no Curdistão.” (ÖZCAN, 2006, p. 116-117, tradução nossa).

Apesar das contínuas tentativas de encontrar uma solução política e entrar em negociação com o Estado Turco, Abdullah Öcalan foi condenado no julgamento de Imrali como culpado, e condenado a morte. Como resultado da pressão dos movimentos sociais em defesa de sua liberdade, e da pressão exercida pela Corte Europeia de Direitos Humanos, em decorrência do pedido de entrada da Turquia na União Europeia, sua sentença de morte foi convertida em prisão perpétua, a ser cumprida na ilha prisão de segurança máxima de Imrali.

CAPÍTULO 2 – DA AUTONOMIA DEMOCRÁTICA AO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

2.1 - A apelação a Corte Europeia de Direitos Humanos

A Prisão de Öcalan teve inúmeros efeitos na política interna e externa da Turquia. Primeiramente, houve uma intensa exploração por parte da mídia internacional com as fotografias que foram retiradas da captura de Öcalan, essas imagens repercutiram internacionalmente, isso serviu para reforçar a imagem de terrorista propaganda pela Turquia sobre a figura de Öcalan e ao PKK. Internacionalmente, sua captura foi vista como uma vitória em países como os EUA, que estava envolvido diretamente no planejamento da operação. Internamente, a captura de Öcalan veio no melhor momento possível para os conservadores, pois em 18 de abril seriam realizados novas eleições para o parlamento do país. Os setores mais conservadores do país, demandaram a execução de Öcalan e isso se tornou uma forte propaganda para os ultranacionalistas.

O clima político favoreceu o *National Action Party* (MHP), partido de extrema direita, que levou 18,6% dos votos, somente atrás dos 22,6% do *Democractic Left Party* (DSP), que recebeu a maioria dos votos, sendo que nas eleições anteriores o MHP sequer havia conseguido votos suficientes para entrar no parlamento. O novo governo era composto por uma coligação de extrema direita do MPH com o DSP, e o objetivo era claro, executar Abdullah Öcalan. Segundo Gunter: "O resultado foi um governo ultranacionalista de um mandato inicial com o objetivo de rapidamente julgar Öcalan, executá-lo, e assim aniquilar de maneira bem sucedida a luta do PKK."³² (GUNTER, 2000, p. 852, tradução nossa).

Mesmo com um governo disposto a acabar de vez com Öcalan e o PKK, o chamado a uma solução democrática proposta por Öcalan em seu julgamento encontrou ecos no Estado turco. O Presidente Demirel, que historicamente sempre se opôs a sequer reconhecer a questão curda, deu declarações favoráveis ao reconhecimento da questão curda. No judiciário turco também sugeriram posições similares. Sami Selcuk, chefe de justiça da Corte Suprema de

³²The result was an ultra nationalist government with a seedming mandate to try Öcalan quickly, execute him an thus successfully end the PKK's struggle.

Apelos da Turquia, teceu críticas similares a de Öcalan em relação a constituição turca e aos direitos dos curdos no país, defendendo a democratização da constituição do país, alegando que a constituição turca era ditada pelos militares, e que deveria ser considerada ilegítima, visto que não houve um processo democrático em sua implementação. Para ele, a constituição limitava os direitos dos indivíduos, e não o do Estado, o que tornava a Turquia um Estado com uma constituição, mas não um Estado constitucional. (GUNTER, 2000).

Dentro as figuras públicas turcas que mais ganharam destaque por uma surpresa defesa dos direitos curdos foi Ahmet Necdt Sezar, então presidente da Corte Constitucional da Turquia, que criticou amplamente as restrições constitucionais da república em relação a questão curda. Mesmo com um governo ultra nacionalista, o julgamento de Öcalan produziu uma certa abertura no debate público em relação aos direitos curdos. A posição de Ahmet Necdt Sezar ganhou tanto destaque, que de forma inesperada, isso influenciou as eleições presidenciais do ano seguinte, onde ele concorreu e foi eleito como o novo presidente da Turquia. (GUNTER, 2000).

Como vimos, com o pedido de entrada da Turquia na União Europeia, foi possível por parte de organismos europeus, como a Corte Europeia de Direitos Humanos (CEDH), interferir diretamente no caso de Öcalan, que foi condenado a morte. Nesse período após sua condenação, junto a uma série de protestos na Turquia e na diáspora, os pedidos de revisão do caso por parte de Öcalan a Corte de apelações da Turquia foi negada, e nesse momento, a CEDH interviu, pedindo que a execução de Öcalan fosse suspensa enquanto seu caso fosse analisado e julgado. A pressão pelo fim da sentença de morte na Turquia fazia parte do processo de admissão na UE, caso a Turquia executasse Öcalan, seu processo de admissão seria prejudicado. Em 11 de Novembro de 1999, a Turquia foi aceita como candidato membro a UE, e todos estavam atentos ao caso de Öcalan, “como o embaixador alemão na Turquia, Hans Joachim Vergau, já havia diretamente declarado, “se você(s) executar(em) Öcalan, podem esquecer Helsink ³³”. (GUNTER, 2000, p. 863, tradução nossa). Assim, a CDEH conseguiu impedir a execução imediata da sentença de Öcalan: “numa reunião de coalizão de 7 horas entre os dois em 12 de Janeiro de 2000, o governo decidiu aceitar o pedido do CDEH

³³as the German ambassador to Turkey, Hans Joachim Vergau, had already bluntly declared, 'if you execute Ocalan, you can forget Helsink.

para a suspensão da execução até que se decidisse sobre o caso.³⁴” (GUNTER, 200, p. 864, tradução nossa).

Ainda que o primeiro ministro Evict, do DSP, estivesse cauteloso quanto ao processo de negociação informal entre a Turquia e o PKK, o chamado por democracia de Abdullah Öcalan afetou setores do Estado Turco assim como atraiu a atenção externa e angariou um forte apoio internacional sobre o seu caso. Para Öcalan, isso representou uma vitória:

Öcalan descreveu a suspensão condicional de sua execução como ‘importante’ e ‘histórica’. Corajosamente, ele afirmou que ‘se eles me executarem, a candidatura da UE, a economia e a paz vão acabar... Tudo depende da minha sobrevivência. Sou uma síntese de valores, não apenas uma pessoa. Eu represento a democracia’. Logo mais, no entanto, ele adotou uma posição mais modesta. ‘Sejamos humildes. Vamos demonstrar uma mudança de sentimentos e de mentalidade’, e prometeu que ‘se o governo e os oficiais do estado adotarem uma atitude correta, nós não daremos nenhum passo em falso.’ Ele declarou: ‘Agora que esta reunião acabou, a tarefa mais importante e necessária para a Turquia é prosseguir com as reformas que também atendam aos requerimentos para a adesão à UE. Ele explicou que ‘Há uma necessidade de anistia geral’ e ‘já que todos sofreram ... a cura também deve ser completa’.³⁵ (GUNTER, 2000, p. 864, tradução nossa).

O cancelamento da sentença de morte de Öcalan garantiu a entrada definitiva da Turquia na União Européia, e foi o que abriu o caminho para o fim da pena de morte no País em 2002. A questão sobre a morte de Öcalan era tão central para a estabilidade política da Turquia nesse momento, que após a decisão do cancelamento, a bolsa de valores subiu imediatamente em 5% após a declaração da decisão. Num momento em que a turquia entrava num plano trienal de pacotes anti inflacionários de mais de 4 bilhões sob financeiramente do Fundo Monetário Internacional, a morte de Öcalan deixou de ser apenas uma questão de politica interna do país, o julgamento de um “terrorista”, para se tornar uma das questões centrais da Turquia na virada do milênio. (GUNTER, 2000).

Com a comutação da pena de morte, Abdullah Öcalan se dedicou a escrever a sua apelação a Corte Europeia de Direitos Humanos. Desde seu julgamento em Imrali, ele tinha a

³⁴*in a seven-hour coalition summit meeting of the two on 12 January 2000, the government agreed to comply with the request of the ECHR for a stay of execution until it had ruled on the case.*

³⁵*Öcalan described the conditional stay of his execution as 'important' and 'historic'. Boldly, he asserted that 'if they execute me, the EU candidacy, the economy and peace will all do down ... These all depend on my staying alive. I am a synthesis of values, not just a person. I represent democracy.' Then, however, he adopted a more modest position. 'Let us be humble. Let us display a change of heart and mentality', and promised that 'if the government and state officials adopt a correct attitude, we shall not take any wrong steps.' He declared: 'Now that this summit is over, the most important task awaiting Turkey and needed is carrying out the reforms that will also fulfill the requirements of EU membership.' He explained that 'there is a need for general amnesty' and 'because everyone has suffered ... the healing must be done all together'.*

clara visão de que seu julgamento não era individual, de que não se tratava do julgamento de um único homem, mas sim, de que seu julgamento representava o julgamento de todo um povo, e de que ele, que há mais de 30 anos combatia por esse povo e que se tornou um líder sem comparações na história dos curdos, deveria assumir essa responsabilidade de continuar a lutar. Assim, como vimos em sua Declaração, ele não se preocupou com os aspectos legais das defesas, isso ele deixou para os seus advogados, para ele, o que importava era transformar a tribuna em um espaço para que suas ideias para uma solução para a questão curda fossem escutadas pela Turquia e pelo mundo. Assim, quando escreve sua apelação para CEDH, “Öcalan sabia que a única forma de fazer com que suas ideias chegassem ao mundo exterior seria as escrevendo como declarações à corte.³⁶”. (HAPPEL, 2007, p. xi, tradução nossa). Esses escritos eram endereçados aos curdos, aos líderes políticos e militares do PKK, assim como a opinião pública na Turquia e no Ocidente. Segundo Öcalan:

Julgamentos históricos necessitam de argumentos históricos. Para que minha solicitação, que se refere a eventos que envolvem perdas trágicas e profundas para todas as partes, se tornar uma oportunidade de aprendizado e progresso, todos àqueles envolvidos são chamados a prestar contas. Eu realmente espero que as seguintes declarações se qualifiquem como tal.³⁷ (ÖCALAN, 2007, p. 2, tradução nossa).

Para Öcalan, todo o processo de seu rapto envolve uma severa violação das leis Europeias, nesse sentido, é de responsabilidade das cortes europeias tomarem posição diante do acontecido. Ele entende que a Convenção Europeia para a Proteção dos Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais, assim como a Corte Europeia de Direitos Humanos, representam as melhores instituições da lei desenvolvidas pela civilização Europeia, e entretanto, negam a ele, e negam aos curdos, seu povo, o acesso a suas instituições. Segundo ele:

Parece um tanto irônico, entretanto, que os Curdos, que buscam soluções para seus próprios problemas nos portões da Europa, são na realidade parte da origem que informa a Civilização Europeia em primeiro lugar. Uma mãe idosa que busca justiça com seu filho, na qual criou e alimentou por milhares de anos e que quase não a reconhece mais. Serão seus direitos reconhecidos?³⁸ (ÖCALAN, 2007, p. 1, tradução nossa).

³⁶*Ocalan knew that his only chance of getting his ideas to the outside world was by writing them as submissions to the court.*

³⁷*Historic trials call for historic arguments. In order for my application, which refers to events involving deep pain and tragic losses for all the parties to it, to become an opportunity for learning, and for progress, all those who played their part are called upon to give full accounts of it. I do hope that the following submissions qualify as such an account.*

³⁸*Its seems somewhat ironic, thought, tha the Kurds, who are today seeking solutions to their own problems at the gates of Europe, are actually part of the source that informed European civilisation in the first place. An aged mother seeks justice with her children, whom she rasied and nurtured over thousands of years, and who hardly recognise her any more. Will her rights be acknowledged?*

Sua apelação foi originalmente escrita como um único texto, dividido em nove partes. Elas foram submetidas em 2001 para a CEDH. Para a publicação posterior em livro, essas nove partes foram reagrupadas em dois volumes. As seis primeiras partes comporam o primeiro volume dos Escritos de Prisão (*Prison Writings, The Roots of Civilization*), nessa primeira parte, Öcalan se dedicou a uma análise de longo prazo sobre a origem da civilização, em especial, partindo da Suméria antiga para compreender como se desenvolveram o patriarcado, o estado e a sociedade de classes perpassando o desenvolvimento das civilizações no oriente médio e o desenvolvimento do feudalismo e capitalismo, tanto no oriente médio como na Europa. As três partes restantes, foram agrupadas para compor o segundo volume dos Escritos de Prisão (*Prison Writings, The PKK and The Kurdish Question in the XXI Century*), nessa segunda parte, Öcalan apresenta um histórico do povo curdo, assim como a história do PKK em sua luta pela autodeterminação dos curdos. (HAPPEL, 2020)

Para Öcalan, para compreendemos os mecanismos da atual modernidade capitalista, é necessário realizarmos uma análise de longo prazo, para identificar o processo de desenvolvimento das instituições, das organizações e das ideologias que legitimam a pelo menos 5 mil anos, a organização da sociedade de maneira hierárquica. Para ele, um dos grandes erros do socialismo científico, é limitar sua análise do capitalismo em uma curta duração, quando na verdade, para se compreender como a sociedade é hoje, é necessário compreender a gênese e o desenvolvimento dos fenômenos que tornaram hegemônica a nossa sociedade hierárquica. Para buscar a gênese do nosso modelo de sociedade, Öcalan retorna para a Suméria, na região da Mesopotâmia.

Para ele, os Sumérios são referenciados como a primeira grande civilização a se desenvolver na história da humanidade, e é aquele que mais influenciou os eventos consequentes até os nossos dias. Segundo diz, “Eu acredito que uma certa linha do desenvolvimento histórico começa na Suméria.”³⁹. (ÖCALAN, 2007, p. 11, tradução nossa). Para Öcalan, é possível encontrarmos na civilização Suméria, os principais elementos que constituem a sociedade hierárquica, em suas principais instituições econômicas, políticas, religiosas e culturais. Sem a compreensão de como a Suméria pode surgir, e como era organizada, não é possível apreender o impacto que seu modo de civilização deixou sobre a história dos povos e civilizações consequentes.

³⁹*I believe that a certain line of historical development begins at Sumer.*

As bases para o surgimento de uma civilização na Mesopotâmia, surgiram entre 6000 e 3000 a.C. As condições naturais e geográficas foram providas no sistema dos rios Tigre e Eufrates, e o sistema de montanhas Taurus Zagros. Geograficamente, o berço das civilizações no oriente médio constitui uma área de passagem riquíssima em recursos naturais para o desenvolvimento das comunidades neolíticas da mesopotâmia, que com o desenvolvimento técnico, foram se assentando na região e desenvolvendo a agricultura e a pecuária. Foi nesse período que houve um desenvolvimento de sistemas de crenças mais complexos, geralmente voltadas ao culto de entidades representantes do feminino. É também com os Sumérios, que emergem as primeiras formas de escrita humana, com o desenvolvimento do cuneiforme em torno de 3100 a.C. Para Öcalan, os primeiros sinais do surgimento de uma civilização devem ser buscados no momento em que o trabalho humano consegue se tornar produtivo ao ponto de superar a produção daquilo que é necessário ao consumo imediato humano. Com o surgimento do excedente, surgem também elites sociais para administrar e se apropriar desse excedente, assim, “a dimensão da servidão é introduzida nas relações humanas e com ela a noção de propriedade ⁴⁰”. (ÖCALAN, 2007, p. 6, tradução nossa).

A primeira instituição que surge e é desenvolvida no sentido de proteger os interesses de uma elite social privilegiada, são os Zigurats, os templos em que os primeiros sacerdotes das cidades sumérias cultuavam seus deuses. É nessas instituições, que para Abdullah Öcalan, reside a origem de todas as demais estruturas estatais. É da religião que surge a dominação estatal. Segundo ele: “Estes templos, ou Zigurates, foram aparentemente concebidos como representações terrenas da ordem celeste (...) eles são considerados como o protótipo de todos os templos, parlamentos, centros de comércio, quartéis gerais e centros de aprendizagem e de artes posteriores. ⁴¹”. (ÖCALAN, 2007, p. 6, tradução nossa). Não apenas representavam o início dessas mais variadas formas de relações sociais, mas principalmente do Estado. Para ele: “Podemos assim dizer que o Zigurate Mesopotâmico foi o ventre das instituições estatais. ⁴²”. (ÖCALAN, 2007, p. 6, tradução nossa).

Para ele, os sacerdotes são então a primeira elite social que emerge nas cidades sumérias, e através dos templos, há um desenvolvimento de uma série de outras instituições

⁴⁰*the dimension of servitude is introduced into humans relations, ad with it the notion of property.*

⁴¹*These temples, ou Ziggurats, were apparently conceived as earthly represetations of celestial order (...) they are now often regarded as the prototype of all later temples, parliaments, trade centers, military headquartes and centers of learning and the arts.*

⁴²*We may thus say that the Mesopotamian Ziggurat was the womb of state institutions.*

que vão constituir o Estado. As cidades sumérias, que emergiram pelo desenvolvimento causado pela revolução urbana, e que eram em seu início, espaços extremamente livres, ainda ligados com a organização tribal e os sistemas religiosos herdeiros do neolítico, passam por um processo de centralização administrativa e religiosa cada vez maior. Segundo Öcalan “O desenvolvimento material e idealizado respaldaram um ao outro ⁴³”. (ÖCALAN, 2007, p. 7, tradução nossa), assim, com o desenvolvimento dos sacerdotes e o enriquecimento dos Zigurats, emergem as estruturas hierárquicas nas cidades: “Os seus sacerdotes formaram a unidade celular da hierarquia política e prepararam o terreno para a transição às monarquias dinásticas⁴⁴”. (ÖCALAN, 2007, p. 7, tradução nossa). Assim, para Öcalan, a política nasce da religião, e nas cidades Sumérias, os sacerdotes vão desenvolver a mitologia do neolítico em um primeiro sistema religioso organizado, que irá desempenhar um papel legitimador no desenvolvimento do poder do clero e do estado. Assim, é também na suméria que emerge a religião como um sistema de dominação, diretamente atrelado ao Estado. O legado dos sumérios reside em terem sido os primeiros humanos a organizar esse tipo de sociedade de maneira eficaz. Para Öcalan: “a instituição do estado e da política, incentivado pela formação das classes, assistiu ao estabelecimento de normas legais reguladoras de várias formas de propriedade privada, estatal e coletiva.”⁴⁵. (ÖCALAN, 2007, p.7).

O surgimento da escravidão e de um modo de produção escravista, também esta segundo ele, ligado os Zigurats, pois as primeiras relações de trabalho servil emergiram primeiro como formas de trabalho voluntário nos templos, mas que diante da ideologia dominante da religião professada pelos sacerdotes, essas relações de servidão foram se generalizando para além do templo até a construção de uma economia majoritariamente escravista.

Na Mesopotâmia, a forma predominante da escravidão era da propriedade coletiva e estatal, haviam poucos escravos que eram propriedade de famílias ou indivíduos, a grande maioria dos trabalhadores escravizados eram controlados pelos Sacerdotes a partir dos templos. A ideologia religiosa nesse tempo, não concebia a escravidão como um produto humano, ela era parte da ordem celestial e divina, de acordo com os sacerdotes, portanto, os escravizados, sendo súditos dos deuses, não teriam o que reclamar. Segundo Öcalan:

⁴³*Material and ideational developments supported one another.*

⁴⁴*Their priesthood formed the cell unit of political hierarchy and prepared the grounds for the transition to dynastic kingship.*

⁴⁵*the institution of the state and the politic, fuelled by the formation of classes, saw the establishment of written legal norms regulating various forms of private, state-owned and collective property.*

Súditos escravizados na Mesopotâmia eram apenas sombras, criaturas subordinadas, por vários milhares de anos. O sistema social coordenado à partir dos templos exigiam que todos, desde os descendentes dos deuses aos camponeses, agissem de acordo com a posição predestinada ao qual foram alocados.⁴⁶ (ÖCALAN, 2007, p. 12, tradução nossa).

Na Suméria então desenvolveu-se uma série de instituições hierárquicas, começando pelos Ziguratts, houve a estratificação social, a diferenciação entre classes populares e elites, a criação de uma classe sacerdotal, o clero, e a criação de um aparelho burocrático e administrativo, sob uma concepção de mundo total, a escravidão se desenvolveu como um modo de produção que encontrava sua legitimidade na religião. É com os sumérios que também se desenvolve a hierarquia entre homens e mulheres. Segundo Öcalan, as mulheres eram partes centrais das comunidades do neolítico e eram a principal força produtiva das culturas que precederam a sociedade suméria, todo o trabalho que envolvia a agricultura e a domesticação de animais estava em torno da mulher. A criação das crianças, o desenvolvimento de técnicas de tear, artesanato, a escolha de sementes e o moer dos grãos, tudo passava pelas mãos das mulheres. As relações de parentesco geralmente se desenvolviam em torno de linhas matrilineares nessas comunidades do neolítico, colocando a mulher no centro da organização social, tudo isso era expresso nos sistemas de crença, que no neolítico, tinham representações feministas e culto a deusas como expressões da centralidade da mulher na vida social. Para Öcalan: “Hierarquias de gênero desenvolveram-se na sociedade Suméria em conjunto com hierarquias de classe.”⁴⁷ (ÖCALAN, 2007, p. 13, tradução nossa). Nas cidades sumérias, inicialmente, as mulheres tinham posições igualitárias com os homens. Nos templos, existiam mulheres sacerdotisas, mas com o tempo, elas foram sendo cada vez mais marginalizadas, colocadas em posições subordinadas, a institucionalização do casamento e da prostituição também foram criações dos sumérios. Esse processo de diferenciação constituiu a primeira estratificação social na suméria, após as mulheres, vieram todos os demais. (ÖCALAN, 2007).

Entre tantas “invenções” dos sumérios, que ainda hoje são parte fundamental da nossa sociedade hierárquica, eles também foram quem criaram o imperialismo e o colonialismo. A Suméria, que até em torno de 2400 a.C, era um conjunto de cidades e cidades-Estados que

⁴⁶*Enslaved subjects in Mesopotamia were mere shadows, subordinate creatures, throughout several thousand years. The social system coordinated from the temples required everyone, from the God-kind to the agricultural labourers, to act according to the predestined position they were allocated.*

⁴⁷*gendered hierarchies developed in Sumerian society in conjunction with class hierarchies.*

compartilhavam de uma mesma cultura mesopotâmica, mas com cada cidade sendo independente uma da outra, foram unificadas em um Império por Sargon (2340-2284 a.C), com a cidade-Estado de Akkadia como capital e centro administrativo do império. (YOFFE, 2013). A partir desse momento, os Sumérios começam a se expandir territorialmente, realizando campanhas militares com o objetivo de anexar territórios, cidades e povos não conquistados para seu Império. Antes da unificação, os sumérios realizavam campanhas militares, mas com o objetivo de assegurar rotas de comércio ou garantir o domínio sobre entrepostos mercantis. Foi sob o domínio de Sargon, que o Império Sumério se estendeu para além das regiões da mesopotâmia, estabelecendo uma relação de colonialismo com os territórios conquistados, transformadas em colônias sob o domínio central da soberania Akkadiana. Segundo Öcalan:

O massacre de pessoas através do uso planejado da força, a apropriação de suas posses e recursos, a deportação de cativos e escravos e a criação de uma camada de dependência colonial, se tornaram a principal característica de desenvolvimento histórico. (...) Sargão fundou o império universal de seu tempo, estendendo seu poder “para os quatro cantos do mundo”. Assim, muito além de ser uma sociedade estado baseada em classes, a Suméria havia se tornado em uma civilização imperialista multi-étnica⁴⁸. (ÖCALAN, 2007, p. 17, tradução nossa).

Quando se analisa o exemplo da sociedade Suméria, é possível compreender melhor quais as condições que deram origem ao desenvolvimento de um modelo de sociedade hierárquico. Para Öcalan: “O exemplo Sumério pode nos ajudar a entender onde este poder do estado se origina. Ele nos dá um material inestimável para uma análise da civilização como um todo.”⁴⁹ (ÖCALAN, 2007, p. 21, tradução nossa). Para Öcalan, fica claro que o Estado, ao nascer a partir dos Zigurats, esta diretamente ligada a uma dimensão ideológica, o Estado desde suas origens não existe apenas como um aparato que detêm o monopólio da violência. O Estado surgiu quando a ideologia dos mitos e crenças da mesopotâmia foi fundido ao conhecimento técnico da sociedade neolítica para a produção de excedente sem iguais, quando um estrato social assegura a ideologia, ela garante a apropriação do excedente por esse estrato. O desenvolvimento do escravismo é então resultado dessa fusão. Assim, a ideologia assume um local central no desenvolvimento da civilização. Segundo Öcalan:

⁴⁸*The slaughtering of people through a well-planned use of force, the appropriation of all their belongs and resources, the deportation of captives as slaves, and the creation of tier of colonial dependence, became principal features of historical development. (...) Sargon had founded the universal empire of his times, exteding his power to “the four corners of the world”. Thus, over and above being a class-based state society, Sumer had now turned into a multi-ehntnic imperialist civilisation.*

⁴⁹*The example of Sumer can help us understand where this power of the state comes from. It provides invaluable material for an analysis of civilisation as a whole.*

Graças a sua faculdade ideológica enganadora, os sacerdotes sumérios merecem figurar nos registros históricos como os principais arquitetos do poder político centralizado e portanto os principais agentes do crescente peso da classe como uma característica da civilização. Se não fosse pela hegemonia ideológica estabelecida através da mitologia e da religião, um desenvolvimento muito mais rápido e precoce da ciência, tecnologia e filosofia sob a tutela de um sistema de produção livre poderia ter sido possível para a humanidade.⁵⁰ (ÖCALAN, 2007, p. 25, tradução nossa).

Em sua defesa, Öcalan procura criar uma análise que compreenda nessa perspectiva de longo prazo, a maior quantidade possível de fenômenos e determinações para a compreensão da história como uma totalidade. Para ele, cada fenômeno específico necessita de atenção: “Assim como a história deve ser concebida como um todo, cada uma de suas partes tem seu lugar e seu valor. Mesmo a menor comunidade e o mais comum indivíduo são de um valor histórico que não deve ser negado.”⁵¹ (ÖCALAN, 2007, p. 33, tradução nossa). Essa preocupação metodológica de Öcalan decorre de sua compreensão do materialismo histórico, não na leitura positivista que foi comumente realizada, buscando separar de maneira brusca base e super estrutura ou idealismo e materialismo, sujeito de objeto. Para Öcalan, o essencial do materialismo histórico reside na dialética e na sua capacidade de produzir sínteses: “esta fórmula, que é a quintessência do materialismo histórico como a aplicação do método dialético a história, se tornou uma convicção científica básica para mim.”⁵² (ÖCALAN, 2007, p. 13, tradução nossa). Para Öcalan, como vimos, existe um desenvolvimento histórico das civilizações em que podemos encontrar a gênese da maior parte das estruturas básicas da nossa sociedade atual na sociedade suméria. Assim, Öcalan percebe que o motor da história reside justamente nos processos dialéticos que surgem do conflito entre modos de sociabilidade tirânicos ou opressivos, e os movimentos que buscam resistir a esse processo, nessa dialética entre revolução e contra revolução, ou melhor, entre autoridade e liberdade, ele busca pela capacidade de sínteses que foram realizadas pelas civilizações em seu desenvolvimento. Os sumérios, da mesma forma que tiveram a capacidade de se apropriar do conhecimento técnico das comunidades do neolítico e desenvolver as relações de servidão inicial dos Zigurats para um complexo sistema social estratificado em classes, e utilizaram o escravismo para alcançarem níveis sem iguais de desenvolvimento econômico, produziram

⁵⁰*Thanks to their ideological faculty of deception, the Sumerian priests deserve to enter the historical record as the foremost architects of centralised political power and thus as the main agents of the growing weight of class as characteristic of civilisation. Had it no been for the ideological hegemony established through Sumerian mythology and religion, a much earlier and quicker development of science, technology and philosophy under condition of a free system of production might have been possible for humankind.*

⁵¹*Just as history may conceived as a whole, each particle in it has its place and its value. Even the smallest community or the most ordinary individual are of a historicial value that should not be negated.*

⁵²*his formula, which is the quintessence of historical materialism as the application of the dialectical method to history, has become a basic scientific conviction of mine.*

também em seu processo de expansão imperial e colonialista, a resistência de outros povos e comunidades étnicas que se organizavam de maneira radicalmente diferente, e que ofereciam uma outra possibilidade de desenvolvimento. Para Abdullah Öcalan, sempre existiram outros caminhos para a humanidade. (OCALAN, 2007).

2.2. A Autonomia Democrática em Bakur

No julgamento de Imrali, em sua Declaração para uma Solução Democrática para a Questão Curda, como vimos no primeiro capítulo, Abdullah Öcalan, influenciado pelo cientista político norte americano Leslie Lipson, desenvolveu uma nova concepção estratégica para que uma solução política, mediada, fosse encontrada para a questão curda no país. Ele defendia, baseando-se no pacto nacional que fundou a Turquia, de que um país que foi fundado pela unidade dos povos turcos e curdos, deveriam novamente realizar essa unidade nacional entre os povos, mas agora como unidade democrática. Para isso, o PKK deveria abandonar a luta armada, e o Estado turco abandonar sua política de negação e aniquilamento. A unidade democrática dos povos turcos e curdos seria realizado na República Democrática, através de um radical processo de reformas do Estado Turco. Esse processo de transformação democrática do Estado Turco deveria surgir, além das negociações entre PKK e o Estado, da sociedade civil organizada, com os curdos tendo acesso a todos os seus direitos como cidadãos, reconhecidos como uma nação que constituiu aquele Estado. O PKK, como vimos, aceitou as posições de Öcalan em seu 7º congresso, e interpretou que a fundação da República Democrática da Turquia, era um estágio necessário para a construção do socialismo no país e no oriente médio.

O Estado turco, apesar das constantes tentativas e exemplos de paz dados pelo PKK, como a declaração do cessar fogo, e a retirada de suas guerrilhas do país para as montanhas, continuou avançando com sua própria agenda sobre a questão curda. De maneira secreta, a passos lentos, mantinha um processo de negociação com Abdullah Öcalan, mas na opinião pública e nas políticas do parlamento, a questão curda continuava a ser vista como caso de polícia. Em 2002, enquanto o processo de Abdullah Öcalan corria na CEDH, a União Europeia decidiu colocar o PKK na lista de organizações terroristas. Segundo Uzun, “O PKK tem as características de uma estrutura militar como especifico pelo Protocolo de Genebra de 1949 e havia assinado um acordo de obediência as leis de conflito armado”. (UZUN, 2019, p.

174). Enquanto o PKK era signatário dos acordos internacionais, considerando que atuava diante de uma guerra que existia desde 1984 entre o Estado da Turquia e Bakur, a região sudeste do país, de maioria curda, a União Europeia, sem dar maiores explicações sobre qual a razão de ter incluído o PKK nessa lista, prejudicou o processo de paz, pois “não somente fortaleceu a aplicação usual de táticas repressivas do Estado turco (...) mas o momento em si foi muito infeliz”, visto que o PKK acabara de iniciar seu processo de adequação ao novo programa de acordo com as orientações da declaração de Öcalan. Segundo Uzun:

O PKK havia acabado de iniciar um processo de transição: claramente eles já não estavam usando armas e haviam abandonado aspirações separatistas em troca de buscar uma solução com a Turquia” (...) Além disso, o PKK estava gradualmente desistindo de sua aspiração por uma Estado-nação curdo; se voltando para um sistema político descentralizado baseado na igualdade, que fortalecesse os direitos culturais e linguísticos, a liberdade popular e social e a participação ativa dos cidadãos nas decisões da sociedade. (UZUN, 2019, p. 174).

Uma das primeiras medidas do PKK após a remoção das guerrilhas em agosto de 1999, foi a transformação do seu exército popular, o Exército de Libertação dos Povos do Curdistão (ARGK), em um novo tipo de organização militar, baseada nas ideias de autodefesa propostas por Abdullah Öcalan, se transformando assim em Força de Defesa do Povo (HPG) em 2000. Abandonando a guerra de guerrilhas como preconizada pela estratégia da Guerra Popular Prolongada, o HPG declarou que agora se orientava para uma atuação focada na autodefesa do PKK e das comunidades curdas: “Foram reorganizadas as táticas organizacionais, de guerra e de defesa. O movimento endossou e assinou a Convenção de Genebra e os Protocolos Adicionais de junho de 1977 sobre a proteção a vítimas em conflito armado”. (UZUN, 2019, p. 180).

Em uma situação de cessar fogo unilateral do PKK, após a transformação das guerrilhas e fundação do HPG, a segunda grande transformação que aconteceu com o PKK, para se adequar ao novo programa, foi se refundarem enquanto uma organização. Em abril de 2002, o PKK, em seu congresso anual, se dissolveu enquanto partido político, e se constituiu enquanto um sistema de congressos. Então, durante o ano de 2002 e 2003, o PKK se transformou em Congresso pela Democracia e Liberdade do Curdistão (KADEK). No ano seguinte, o KADEK mudou de nome e passou a ser chamado de Congresso Popular do Curdistão (Kongra-GEL, KGK). A transformação visava dar origem a um congresso que chamasse a unidade do povo curdo, e intensificasse a participação popular dos curdos na organização, essa transformação foi importante para sedimentar a real mudança de paradigma

pela qual o PKK e Abdullah Öcalan estavam direcionados. Entretanto, no ano seguinte, em 2004, o PKK foi refundado como um partido político, mas agora, ele não era mais a única organização nem a única estrutura do movimento de libertação curdo, a partir desse ano, o PKK passa a ser entendido como um complexo de partidos ou organizações que coexistem numa espécie de autogoverno. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019).

As eleições gerais de 2002 vão modificar a situação política na Turquia. Em profundo quadro de crise econômica no país, as eleições desse ano mudaram drasticamente a estrutura de governo e dos partidos dominantes da política. Foi nessa eleição que o Partido do Desenvolvimento e da Justiça (AKP), de Recep Erdogan conseguiu a grande maioria absoluta dos votos, obtendo cerca de 34% do total dos votos, muito acima do percentual do partido mais votado nas últimas eleições. As eleições mostram a polarização existente na Turquia, enquanto nas regiões de maioria curda no sudeste do país, partidos como o pró curdo HADEP, tinham maioria absoluta dos votos, em cidades como Istambul e Ankara apoiavam o AKP. Com a saída de Abdullah Gul do cargo de primeiro ministro, Erdogan assumiu em março o cargo em março de 2003. Com o governo do AKP e Erdogan, se iniciou uma batalha pelo controle do aparato estatal. “Retirar a autonomia do Estado e estabelecer controle político sobre seus órgãos se tornaria a prioridade máxima para Erdogan.”. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 88). Erdogan optou por fazer um duplo jogo, internacionalmente, ele era visto como o responsável por implementar novas medidas liberais no país de acordo com os critérios da União Europeia. Com a expansão de uma série de direitos, como liberdade de imprensa e civis, algumas dessas modificações também afetaram os curdos, pois em 2002 uma nova legislação permitiu a transmissão em rádio e televisão em língua curda, ainda que de maneira limitada, assim, a rede de televisão estatal, por exemplo, passou a fazer uma transmissão de 30 minutos por semana em curdo. Para além dessas questões, a modificação mais importante veio na forma da extinção do estado de emergência no sudeste, colocando um fim na OHAL. Em agosto de 2004, o próprio Erdogan, em um discurso na cidade de Diyarbakir, reconheceu a possibilidade de encontrar uma solução através de procedimentos democráticos para a questão curda. Os militares rapidamente responderam a ação de Erdogan, e o pressionaram para abandonar qualquer possibilidade de reformas que ampliassem os direitos dos curdos. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019).

Com uma Turquia que mudou radicalmente de um governo ultranacionalista para um governo que realizou uma série de transformações neoliberais no país, a questão curda

novamente voltou para a agenda do Estado e dos militares como política de negação e assimilação, mesmo com tímidas mudanças que a entrada do país na União Europeia provocou. Entretanto, isso não foi o bastante para modificar a posição dos militares e conservadores. (UZUN, 2019).

O PKK, no processo de adequação ao novo paradigma proposto por Abdullah Öcalan, a partir da influencia dos textos submetidos em 2001 para a CEDH, precisou também adequar a estratégia da transformação democrática, com as novas reflexões de Öcalan em torno da questão do Estado. Se na Declaração, como vimos, a unidade democrática é realizada no Estado, a partir dos escritos de prisão, Öcalan sustenta uma posição mais crítica ao Estado, pois ao analisar a suméria, viu que o desenvolvimento do Estado e de um modelo civilizacional estatal, minou as possibilidades de desenvolvimento de um outro tipo de sociabilidade que podia ser encontrada nas comunidades étnicas do neolítico na mesopotâmia. Os curdos, eram descendentes diretos desses povos, e seu histórico de resistência frente as assimilações dos impérios ao longo da história são um elemento que demonstram que eles devem constituir uma antítese a esse projeto civilizacional. Se em 1999, Öcalan interpretava que o PKK seria a antítese do Estado Turco, e portanto a força capaz de avançar com a Republica Democrática, a partir de 2001 Öcalan entende cada vez mais a necessidade de desenvolver as atividades do PKK não mais em direção ao Estado, mas no terceiro domínio: a sociedade civil. Na Declaração, a tensão existente entre sociedade e estado, é resolvida pelas formas de governo democráticas, que produzem a Republica Democrática como a forma mais adequada de Estado. A partir dos escritos de prisão, Öcalan entende que é preciso desenvolver um projeto alternativo de modernidade, de civilização, não mais a ser realizado diretamente no Estado, mas essa construção deve ser imediata e se desenvolver de maneira paralela ao Estado turco, os Curdos irão construir sua própria sociedade, sua própria civilização, garantidora de um modo de vida mais livre, a partir das entranhas da sociedade atual, nesse sentido, o projeto de construção de uma sociedade curda se inicia a despeito das fronteiras políticas já existentes no oriente médio, na Turquia, os curdos não iram mais buscar a construção de um Estado-nação independente, algo que já abandonaram no início dos 90, mas agora definitivamente, não esperariam mais do Estado uma modificação em sua política de negação e assimilação, os curdos e o PKK iriam construir essa nova sociedade, fortalecendo a sociedade civil, criando novos instrumentos de luta política e popular, e o mais importante, garantindo a autodefesa desse projeto diante dos ataques militares que possam ser realizados pelo Estado turco. Assim, ao assumirem a autodefesa, os curdos devem abandonar a violência

como método de imposição, visto que como Öcalan analisou, o uso da força e da violência são característicos dos Estados e civilizações hierárquicas que imperam a força, em seus processos de expansão imperial e colonialista, seu modo de vida sobre outros povos e comunidades étnicas ao longo da história. O uso das armas para a construção de um outro mundo deve estar limitado apenas a garantia do direito a autodefesa. (ÖCALAN, 2007; 2011).

2.3. O estudo e a busca de um dialogo com Murray Bookchin

Abdullah Öcalan sempre foi um intelectual orgânico muito profícuo, mesmo antes de sua prisão, sua obra escrita já era extensa, e já havia escrito sobre uma série de temas, desde estratégia revolucionária, até sobre o papel da mulher no movimento de libertação curdo. A partir de sua prisão, surgiram limitações que eram impostas em relação a quais fontes de informação ele poderia acessar, assim como quais livros ele poderia ler, a ele era proibido ter mais de 03 livros por vez na cela. Isso já demonstra algumas das dificuldades de se desenvolver um projeto contínuo de estudo. Entretanto, essas limitações não impediram Öcalan de entrar em contato com uma série de novos autores, majoritariamente ocidentais, aos quais não havia se dedicado anteriormente. Na Declaração, encontramos referenciais textuais a obra de Leslie Lipson, com direito a citações extensas de seu livro *A Civilização Democrática*. Nos escritos posteriores de Öcalan, citações direta desse tipo se tornaram mais raras e nem sempre fica claro os autores e as obras com que ele teve acesso e esta dialogando. Mas, entre uma vasta gama de autores que despertaram seu interesse na prisão, de longe, o mais importante é o anarquista norte americano Murray Bookchin.

Murray Bookchin (1921-2006) nasceu nos EUA, filho de imigrantes russos de origem judia, nasceu em uma família de revolucionários. Sua avó materna havia sido uma socialista revolucionária na Rússia, e participou da Revolução de 1905, após a repressão, auxiliou junto a seu marido, também revolucionário, centenas de militantes perseguidos pelo Czarismo. Até que surgiu o momento em que ela própria foi perseguida, e foi obrigada a se exilar nos EUA, um destino comum aos imigrantes russos, onde nunca deixou de militar. Sua filha, a mãe de Bookchin, era militante dos *Industrial Workers of the World* (IWW), o sindicato revolucionário norte americano, a principal organização socialista de massas nos EUA. Nascido em um berço revolucionário, Bookchin desde jovem adentrou no movimento comunista, participou do Young Pioneers, juventude ligada ao Partido Comunista dos EUA.

Trabalhando em uma série de empregos, foi militante sindical, e desempenhou um importante papel como organizador sindical em importantes greves da categoria nos EUA. Na década de 30, se aproxima do *Socialist Workers Party* (SPW), organização de influência trotskyista, é ali que começa a desenvolver um pensamento crítico mais autônomo, o que o leva, após a segunda guerra mundial, a sair do partido e ingressar nas fileiras do movimento anarquista. Foi um dos fundadores da *Libertarian League* de Nova York anos anos de 1950 e se tornou com o tempo um dos nomes mais importantes do anarquismo nos EUA. (CAVALCANTI, 2010).

Em fins de 1950, Bookchin irá iniciar uma série de estudos sobre ecologia e isso o transformará em um dos pioneiros da ecologia humanista. Ele irá aos poucos se desenvolvendo em uma referencia no tema. Já nos anos 1960, ele começa a esboçar sua perspectiva teórica da Ecologia Social. Para Bookchin, os problemas ecológicos são problemas sociais. A dominação da natureza, longe de ser um aspecto natural, biológico a espécie humana, na verdade é um reflexo, das relações de dominação que nós humanos criamos e desenvolvemos entre nós. Assim, a forma como nós nos relacionamos uns com os outros é também projetada sobre a forma como nós nos relacionamos com as demais espécies não humanos, como todo o resto da natureza. Com a Ecologia Social, ele buscou recolocar o desenvolvimento social no seu lugar correto no desenvolvimento natural da nossa espécie. A história social também faz parte da história natural. Para ele, nós seremos humanos somos a única especie a ter duas naturezas. Uma primeira natureza, diz respeito ao nosso desenvolvimento natural, enquanto espécie, sobre nosso processo evolutivo, que, se nos permitiu ter um desenvolvimento atípico, entre tantas outras especies no nosso planeta, nos legou uma falta, um espaço em branco, que nós seres humanos, ao contrário de outras espécies não conseguimos reproduzir geneticamente: os conhecimentos necessários a satisfação das nossas carências e necessidades básicas, assim como tudo aquilo que é necessário para nos reproduzirmos enquanto espécie. Enquanto outros animais herdaram geneticamente esse tipo de conhecimento, os seres humanos quando veem ao mundo são como uma folha em branco, e é através da nossa cultura, que produzimos tudo aquilo que nossa primeira natureza não foi capaz de nos legar. Assim, emerge uma segunda natureza, uma natureza histórica, social, e cultural, e é essa segunda natureza que nos torna propriamente humanos. Como anarquista, Bookchin rapidamente percebeu que a forma como nós dominamos a natureza diz mais sobre nós mesmos do que sobre a natureza. Assim, Bookchin desenvolveu a ecologia social buscando uma forma de construir uma disciplina

capaz de realizar uma análise do ser humano e da sua relação com o mundo natural, de maneira mais libertária, menos destrutiva, e mais criativa. Bookchin entende que para a superação das crises ecológicas, produtos dessa forma de sociedade que nós humanos desenvolvemos nos últimos 5 mil anos, a sociedade de classes, é necessário que mudemos os fundamentos de nossas relações hierárquicas, e ao extinguirmos a dominação entre nós, podemos começar a repensar a forma como nos relacionamos com o resto do planeta. Assim, a Ecologia Social, em pouco tempo, se tornou uma das principais escolas do pensamento ecológico, a sair do campo restrito das ciências naturais, para adentrar também nas ciências humanas e sociais. Bookchin é um dos autores incontornáveis no campo da ecologia moderna. A influência de Bookchin nos debates e movimentos ecológicos se consolidou nos anos 1970, quando fundou o Instituto de Ecologia Social. Segundo Cruz:

Em 1974, fundou em colaboração com Dan Chodorkoff, o Instituto de Ecologia Social, no Goddard College, Painsfield, Vermont, onde se transformou em professor titular e lecionou até sua morte. A frente do instituto, Bookchin se tornou um dos principais interlocutores dos nascentes movimentos ecológicos de seu tempo, nos EUA e na Europa. Foi um feroz opositor da chamada “Ecologia Política”, preconizada por André Gorz, da sociobiologia, defendida por Richard Dawkins e Edward Wilson, além de ser um duro crítico das expressões irracionistas, misticistas e primitivistas que passaram a influenciar o movimento ecológico de esquerda, na chamada “Ecologia Profunda”, defendida por nomes como E.F. Schumacher, Fritjof Capra, John Zerzan, entre outros, e foi um dos primeiros críticos a chamar atenção para os perigos das tentativas reacionárias de “ecologização” do capitalismo, sob o conceito de “desenvolvimento sustentável”. (CRUZ, 2018, p. 69).

Bookchin também buscou construir uma nova concepção estratégica para a transformação social revolucionária nos EUA, que expressasse politicamente sua análise da ecologia social. Para se construir uma sociedade racionalmente ecológica e libertária, são necessários meios adequados para esse fim, assim, Bookchin se dedicou a construir a estratégia do “municipalismo libertário”, ou comunalismo, como também é conhecida. Para Bookchin, era necessário pensar uma estratégia revolucionária anarquista que superasse as velhas estratégias sindicalistas revolucionárias e anarcossindicalistas, vistas que, elas apresentavam inúmeros problemas de adequação ao capitalismo do pós segunda guerra mundial. Para Bookchin, as estratégias sindicalistas falharam em seu projeto revolucionário. Ele, como um operário e militante sindical que atuou na era clássica do movimento operário nos EUA, viu todo esse potencial revolucionário da classe operária industrial, se esvaziar e se corporificar. Para ele, o proletariado como sujeito social da mudança histórica, a classe social que carrega o potencial de extinguir todas as demais classes, na verdade havia se tornado extremamente vazia de um projeto revolucionário. Assim, ele foi abandonando

progressivamente a idéia de que a classe trabalhadora, em especial, o operário fabril, é o sujeito revolucionário das transformações sociais de seu tempo. Ele vê, na ascensão dos novos movimentos sociais, como os movimentos feministas, ecológicos e pelos direitos civis, como muito mais revolucionário do que o movimento operário. A fábrica deveria ser trocada pela comunidade, e o proletariado deveria ser abordado como cidadão.

Influenciado pela Revolução Espanhola de 1396, Murray Bookchin, assim como outros de sua geração, viram no processo revolucionário espanhol, um sinal da potencialidade real do socialismo, quando são os trabalhadores que de fato governam e organizam a sociedade. Ele foi um dos primeiros autores norte americanos a estudar profundamente o processo e seus estudos são referências sobre o processo no mundo anglófono. Bookchin buscou inspiração no conceito confederal de comunismo libertário da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), organização anarcossindicalista que era hegemônica no movimento operário espanhol, e que foi capaz de derrotar o golpe fascista de 19 de Julho em Barcelona, e dar início a um processo de amplas coletivizações das terras e fábricas na Espanha, sob o controle direto, autogestionado, dos trabalhadores. Além da sua estrutura industrial, típica da organização sindicalista revolucionária, a CNT desenvolveu uma estrutura paralela, dedicada a organizações territoriais. O Comunismo Libertário, na concepção da CNT, era composto por duas estruturas básicas, o sindicato e a comuna, ou município livre, que era na Espanha, uma tradição secular da organização popular. Foi esse modelo de organização que permitiu que surgissem confederações de coletividades por toda a Espanha, assim, tanto as estruturas econômicas estavam nacionalmente interligadas industrialmente, como as estruturas territoriais. Bookchin ficou fascinado por esse processo, em especial, pela confederação de comunas ou municípios livres, como a Confederação de Coletividades do Aragão, que era composta por mais de 800 coletividades. Até sua dissolução brutal comandada pelo comunista Enrique Lister, foi uma das regiões em que o comunismo libertário mais prosperou durante o processo revolucionário.

Em sua estratégia do comunalismo, os anarquistas deveriam focar em construir estruturas de democracia direta nos bairros, e nas cidades, como assembleias populares, ou conselhos. Com o desenvolvimento dessas assembleias, emergiria uma confederação, primeiro ligando todas as assembleias de bairros em uma região, e as assembleias dessa região em um conselho municipal, diretamente ligado as assembleias. Assim, mediando o desenvolvimento dessas assembleias, com o povo, como cidadãos, participando ativamente da

política e gestão do cotidiano, as cidades podem se transformar em comunas, que poderiam se federar a outras cidades, formando federações regionais, e essas federações poderiam se unir nacionalmente, em uma grande confederação de comunas, ou a comuna das comunas. O Confederalismo assim constrói uma situação de poder dual, pois de acordo com seu desenvolvimento, tem a capacidade de entrar em conflito com o Estado-nação, generalizando a guerra civil entre os dois poderes. Aos poucos, a Confederação pode substituir completamente o Estado-nação.

É durante os anos de 2002 e 2003 que Abdullah Öcalan passa a estudar a obra de Murray Bookchin com maior atenção e começa a ser influenciado por seu pensamento ecológico e principalmente por suas concepções estratégicas. Öcalan se interessa pela questão do comunalismo, e vê nela uma forma viável para a o desenvolvimento de uma nova vida para seu povo no oriente médio. Segundo Cruz:

Em agosto de 2002, num dos encontros com seus advogados, Öcalan levou consigo o livro *The Ecology of Freedom* e disse: "...eu recomendo esse livro para as municipalidades. Pode ser conceituado como "Livres Municipalismo". Isto pode ser o eixo para as municipalidades. Este livro e outros similares deem ser examinados e aqueles que lerem e entenderem bem, podem tomar partido nas municipalidades". (ÖCALAN, Apud JONGENDER; AKKAYA, 2013, p. 176, tradução nossa). Já em outubro de 2004, ele recomenda a seus companheiros de partido, a leitura de outros livros de Bookchin, "Sobre esse assunto, vocês podem usar os livros "*Urbanization without cities* e *Remaking society*. Leiam esses dois livros." (ÖCALAN, Apud JONGENDER; AKKAYA, 2013, p. 176, tradução nossa), e em dezembro do mesmo ano, já tem em mente a necessidade de mudanças no movimento de libertação curdo: "Nós solucionaremos a Questão Curda através de autoridades locais. [...] Para as municipalidades, eu recomendo que Bookchin deva ser lido e suas ideias praticadas." (ÖCALAN, Apud JONGENDER; AKKAYA, 2013, p. 176, tradução nossa). (CRUZ, 2018, p. 73).

No ano de 2004, se inicia um interessante dialogo entre representantes do Movimento de Libertação Curdo, que pela vontade de Abdullah Öcalan, tentaram entrar em contato com Murray Bookchin, afins de estabelecer um canal para debates entre os dois teóricos. Como Öcalan só tinha acesso a seus advogados, e não podia enviar cartas diretamente a ninguém, o contato foi realizado por e-mail, por intermediários do movimento. A primeira carta eletrônica foi enviada por Reimar Heider, em 6 de Abril de 2004, para Murray Bookchin e Janet Biehl. (VER APÊNDICE A). O interessante é que como Heider não havia encontrada um endereço direto de Bookchin, ele enviou a o contato para Biehl, sua companheira. Nessa primeira carta, Heider, tradutor para alemão das obras de Öcalan, comunica Bookchin de que suas obras

estão sendo lidas por Öcalan, e que ele as está recomendando pra outras lideranças do movimento curdo, de quadros do partido até prefeitos:

Öcalan tem estado em confinamento solitário pelos últimos cinco anos. Durante esse tempo ele leu as traduções turcas de alguns dos livros de Murray Bookchin, especialmente “*The Ecology of Freedom*” e “*Towards an Ecological Society*” que os influenciaram profundamente. Ele reconstruiu sua estratégia política em torno da visão de uma "sociedade democrática ecológica", e desenvolveu um modelo para construir uma sociedade civil no Curdistão e no Oriente Médio. Ele tem recomendado os livros de Bookchin para cada prefeito em todas as cidades curdas e queria que todos os lessem. (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 1).

No dia 11 de Abril, Murray Bookchin responde a Reimar Heider, lhe agradecendo pelo contato, e informando, que devido a sua idade avançada, com 83 anos em 2004, e com um estado de saúde debilitado, ele tem dificuldades para responder rapidamente as cartas que recebe, mas que ficou feliz em saber que o Öcalan se interessou por suas obras. Ele comenta que a tradução em alemão de seu livro *Ecologia da Liberdade*, foi feita parcialmente, mas que as versões em turco, aquelas a que Öcalan tem acesso, estão completas. Ele indica a leitura de outras obras suas e de temas que podem interessar a Heider e a Öcalan:

Eu também tenho escrito livros e artigos sobre o meu conceito de municipalismo libertário, confederalismo, o significado de política como distinto de parlamentarismo, e as lições a serem aprendidas da tradição revolucionária. (Eu recentemente completei um livro em quatro volumes sobre esse último tópico, o terceiro volume está para ser publicado no próximo mês pela *Continuum Publishers* em Londres). Esses escritos - especialmente *THE RISE OF URBANIZATION AND THE DECLINE OF CITIZENSHIP*, que foi traduzido para o alemão e o turco - podem ser de seu interesse e do Sr. Öcalan. (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 4).

Em 5 de Maio, Heider, junto a Oliver Kontny, comunicam Bookchin que eles transmitiram aos advogados de Öcalan a resposta de sua última carta, e de que Öcalan ficou muito contente em receber sua resposta. De que lamentava os problemas de tradução da obra para o turco e o alemão. Öcalan pediu para que Bookchin soubesse que sua obra o auxiliou a construção de um novo paradigma para o movimento de libertação curdo, e que deseja realizar na prática suas ideias. Segundo Heider e Kontny: “Ele mandou seus calorosos cumprimentos e declarou que os dois escritores com os quais atualmente ele está mais engajado são você e Immanuel Wallerstein. Sr. Öcalan enfatizou que ele pensa ter adquirido um bom entendimento sobre suas ideias; na verdade, ele se referenciou como um bom estudante seu.” (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 5). Öcalan também se referiu ao fato de que tem algumas discordâncias com a obra de Bookchin, ainda que sinta que em sua maior parte, ambos tem afinidades, em especial na análise do surgimento das hierarquias. Segundo

Heider e Kontny: “Ele afirma claramente que agora pensa ser teoricamente insustentável conceber a formação do Estado na Antiga Mesopotâmia como um desenvolvimento "inexorável" ditado por causalidades históricas e necessárias ao progresso humano.”. (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 5-6). Öcalan comenta sobre seus novos manuscritos, que estão sendo preparados para sua audiência com a Grande Câmara da CEDH:

Nesse novo manuscrito, o Sr. Öcalan reavalia algum de seus argumentos anteriores sobre a transição do Neolítico para as primeiras sociedades estatais hierárquicas e fez alguns pontos originalmente incríveis sobre as ramificações epistemológicas da teoria do caos para os estudos sociais e históricos, e para as perspectivas políticas que estão sendo derivadas de conceituações teóricas da história da humanidade. Ele também explora as consequências que isso tem para sua própria concepção da história da Mesopotâmia, e para as conclusões políticas que ele tirou de seu trabalho anterior, assim, abandonando completamente o paradigma da construção de Estados como o objetivo de processos emancipatórios. Ele ainda elabora sobre o conceito de uma sociedade eco-democrática e a implementação prática do municipalismo libertário no Curdistão. (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 6).

Em sua resposta, no dia 9 de Maio, Murray Bookchin lamenta que por seu estado extremamente debilitado de saúde, ele não possa continuar um debate teórico como gostaria com o Öcalan, mas que esta feliz sem saber que o povo curdo tem um líder a altura das tarefas necessárias para a luta por libertação. Ele diz: “Por favor, dê ao Sr. Öcalan meus melhores votos. Minha esperança é que o povo Curdo um dia estabelecerá uma sociedade livre e racional, que irá permitir seu brilho florescer uma vez mais. Eles são realmente afortunados por ter um líder com os talentos do Sr. Öcalan para guiá-los.” (ÖCALAN; BOOKCHIN, 2004, p. 6).

Na última carta enviada por Reimar Heider e por Uta Schneiderbanger, em 10 de Dezembro de 2004, comunicam Bookchin que sua última carta foi lida durante o 2º Congresso do Povo no Curdistão (Kongra-Gel) e de que fora aplaudida com entusiasmo. Comentam sobre os novos manuscritos de Öcalan, de como ele vem indicando a todos a leitura do livro *Urbanization Without Cities*, de Bookchin, assim como ele utiliza em sua obra conceitos derivados da obra de Bookchin, como sociedade natural e municipalismo libertário, ainda que com seus próprios desenvolvimentos referentes ao Oriente Médio.

2.4. A Declaração do Confederalismo Democrático e a União das Comunidades do Curdistão

Em março de 2004, em decorrência de uma sucessão de ataques do Estado da Turquia, o PKK saiu da fase de autodefesa passiva, para uma autodefesa ativa, em que iniciaram uma série de operações militares afins de limitar a ação dos militares turcos sobre seus territórios, no mês seguinte, em junho, o cessar fogo unilateral do PKK foi derrubado. Os setores mais tradicionalistas do PKK, desde o congresso de 2003, pressionavam pelo fim do cessar fogo, diante da ininterrupção dos ataques por parte da Turquia. Ainda que nesse período de cessar fogo o número total de mortes de ambos os lados tenha diminuído, houve uma taxa constante de mortes, com o fim de cessar fogo, as hostilidades retornaram abertamente. “Entre junho e agosto de 2004, foram reportados mais de 50 confrontos entre o PKK e as forças de segurança.” (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019, p. 95). Ao final do mês de agosto, o PKK declarou que estaria disposto a um novo cessar fogo caso o Estado da Turquia parasse suas operações, entretanto, sem setembro, as operações se ampliaram, em especial na província de Siirt. Até o fim desse ano foram mais de 166 mortos em batalha. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019).

Em julho de 2005, uma organização dissidente do PKK, o Combatentes pela liberdade do Curdistão (TAK), realizou uma série de ataques com bombas em um trem na província de Bingöl. Com o decorrer dos meses, mais ataques desse tipo ocorreram, gerando uma onda de violência. O PKK negou qualquer filiação com a organização e com seus métodos. O TAK, ainda que utilizasse métodos violentos, consideravam Abdullah Öcalan como seu líder supremo, e deram continuidade a esse tipo de ataque, levando a morte de inúmeros civis, realizando ataques até mesmo contra uma sede do AKP. Tudo isso gerou uma retaliação quase que imediata por parte do governo e dos ultranacionalistas. No verão de 2005, foram mais de 10 mil soldados enviados para o sudeste, provando uma série de conflitos nas regiões de Mardin e Van. (MILEY; HAMMI; YILDIZ, 2019).

Com a retomada de uma escalada de violência nos conflitos entre curdos e turcos no sudeste, o ano de 2005 se tornou emblemático, pois, diante de toda essa situação, em 25 de Março, Abdullah Öcalan escreveu um dos documentos mais importantes da história do Movimento de Libertação Curdo, A Declaração do Confederalismo Democrático no

Curdistão, endereçada ao Povo Curdo e a Comunidade Internacional (VER APÊNDICE B). A nova declaração vinha junto com o Newroz.

O Newroz é uma das datas mais importantes para os povos do oriente médio, em especial para os da mesopotâmia. Comumente conhecido como ano novo persa ou iraquiano, o Newroz é a celebração da passagem de uma era a outra. Para os Curdos, o Newroz representa a época em que seu ancestral Kawa, o ferreiro, derrotou um tirano rei Assírio, que havia colocado o oriente médio em uma era de trevas. Com a vitória de Kawa, o oriente médio entrou em uma época de prosperidade. E é essa celebração que ocorre anualmente, geralmente durante o equinócio de março, entre os dias 18 e 24 de Março.

Com a Declaração do Confederalismo Democrático, Abdullah Öcalan busca dar as boas vindas a uma nova era para o oriente médio e para o Movimento de Libertação Curdo. A Declaração, que não ocupa nem 5 páginas, é um potente documento político, um manifesto, pois sintetiza todo o paradigma que Abdullah Öcalan veio desenhando e desenvolvendo desde sua prisão em 1999. A Declaração é assim, a primeira vez que o paradigma do Confederalismo Democrático é exposto ao povo curdo e a comunidade internacional, saindo das esferas dos quadros do partido e do movimento. A Declaração é um convite para que todos os povos venham se organizar sob a égide do Confederalismo Democrático no Século XXI.

No Oriente Médio, para Öcalan, já ocorre a anos a terceira guerra mundial. O sistema da modernidade capitalista que produziu a Guerra do Golfo (1991) e a Invasão ao Iraque (2001), não tem a capacidade de oferecer uma alternativa viável a profunda crise civilizacional em que vivemos. Para ele, os povos do Oriente Médio, devem caminhar com seus próprios pés, e construir suas alternativas com suas próprias mãos, não dependendo das propostas do Imperialismo para a região, que nada podem trazer senão o aprofundamento dessa crise histórica.

De acordo com sua análise das raízes da civilização, todo o desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade ocorreu em dois principais momentos, a revolução agrária, que durante o neolítico abriu o caminho para o desenvolvimento das civilizações, e a revolução industrial, que no século XIX revolucionou novamente a ciência e a tecnologia. A Revolução Industrial teve um papel importante no desenvolvimento do Estado-nação, entretanto, com o

tempo, o próprio Estado-nação impôs obstáculos ao desenvolvimento ulterior da própria sociedade.

Durante o desenvolvimento desse sistema, o direito a autodeterminação foi interpretado com o direito de estabelecer Estados-nações. Entretanto, para Öcalan, esse modelo de desenvolvimento atingiu seu limite. Nesse sentido, os curdos e demais povos do oriente médio, devem buscar outras formas de organização social para continuarem o desenvolvimento histórico. Para Öcalan, o Confederalismo Democrático pode ser esse modelo:

Um sistema confederalista democrático seria o modelo para a resolução dos problemas do Oriente Médio. Nem o sistema capitalista nem a pressão das forças imperialistas levarão a democracia; exceto para servir seus próprios interesses. A tarefa é auxiliar no desenvolvimento de movimentos de democracia de base. O confederalismo democrático é um sistema que leva em consideração as diferenças religiosas, étnicas e de classe na sociedade. (ÖCALAN, 2005, p. 1).

O Confederalismo Democrático é o produto histórico da resistência das comunidades étnicas e dos povos do Oriente Médio, que podem encontrar em seu próprio passado, os elementos necessários para a construção de seu futuro. É o produto de mais de 30 anos de experiência do PKK e dos curdos na luta por uma sociedade mais livre. Com o Confederalismo Democrático, os povos irão instituir organizações de autogoverno em todas as regiões do oriente médio, os curdos irão constituir suas federações no Ira, Iraque, Síria e Turquia, e independente das fronteiras política desses países, irão desenvolver suas organizações. Segundo Öcalan:

Para o Curdistão, entretanto, o confederalismo democrático é um movimento que não interpreta o direito a autodeterminação como o estabelecimento de um estado nação, mas desenvolve sua própria democracia a despeito das fronteiras políticas. Uma estrutura curda será desenvolvida através da criação de federações de Curdos no Irã, Turquia, Síria e Iraque. E ao se unirem num nível superior elas formaram um sistema confederal. Dentro do Curdistão, o confederalismo democrático estabelecerá assembleias de vilas, municípios e cidades e seus delegados serão encarregados com poder real de tomada de decisão, o que de fato significa que as pessoas e a comunidade decidirão. (ÖCALAN, 2005, p. 2).

É possível percebermos claramente como Öcalan traduz para a realidade do Oriente Médio, as estratégias do municipalismo libertário de Murray Bookchin. A criação de um sistema de democracia direta por meio de assembleias nas vilas, municípios e cidades, é um aspecto fundamental da estratégia comunalista. Öcalan, que antes de sua leitura de Bookchin,

apresentava de forma um tanto quanto dúbia sobre quais os tipos de organizações que deveriam ser construídas na sociedade cível, na Declaração do Confederalismo Democrático, não há dúvidas, é um sistema de assembleias e conselhos populares, que servem de base para a construção de uma política do cotidiano, e o restabelecimento do sentido de pólis:

O confederalismo democrático no Curdistão não é um sistema estatal, mas um sistema democrático de um povo sem estado. Com as mulheres e juventude na vanguarda, é um sistema em que todos os setores da sociedade desenvolverão suas próprias organizações democráticas. É uma política exercida por livres e iguais cidadãos confederados ao elegerem seus próprios representantes regionais livres. É baseada no princípio de sua própria força e perícia. Deriva seu poder do povo e em todas as áreas, incluindo a economia irá buscar por autossuficiência. (ÖCALAN, 2005, p. 3).

Para Öcalan, o Confederalismo Democrático, é um sistema que favorece o processo de democratização geral da sociedade, sem distinções étnicas, raciais ou nacionais. No sistema confederalista, os povos podem em sua diversidade construir uma unidade política comum, focando em construir um autogoverno que onde o povo seja de fato soberano, onde existam mecanismos que controle o sistema de delegação, garantindo que o poder real de criar e fazer política, esteja nas assembleias, nos órgãos mais elementares da confederação, uma política que é vivida cotidianamente por seus cidadãos, nas ruas e bairros de suas cidades. O Confederalismo Democrático busca a construção de uma sociedade ecológica e busca a libertação da mulher, assim, é entendido como a unidade de um processo de democracia radical, de ecologia social, e de libertação da mulher. Ao desenvolver as estruturas do Confederalismo Democrático no oriente médio, a despeito e de maneira independente dos Estados-nacionais, os povos confederados tem total direito a autodefesa armada, para que garantam seu modo de vida, e enquanto não forem atacados, buscarem acordos em comum. (ÖCALAN, 2005).

Com a Declaração do Confederalismo Democrático, Abdullah Öcalan anuncia também a construção de uma nova organização para o Movimento de Libertação Curdo, a União das Comunidades do Curdistão (KCK), essa organização funciona como uma confederação transnacional, que reúne os principais partidos políticos e organizações da sociedade civil que aceitam e lutam pela implementação de um sistema Confederalista Democrática no Oriente Médio.

CAPÍTULO 3 – CONFEDERALISMO, PODER DUAL E POLITICA PREFIGURATIVA

3.1 – CONFEDERALISMO

Na história da humanidade, uma das principais formas de fortalecer e cristalizar uma determinada visão de mundo é através da naturalização de ideias, conceitos, categorias que são socialmente produzidas e historicamente determinadas. Transformar o histórico em natural é um processo que busca não apenas adequar o humano a um determinado conjunto de normas, comportamentos, padrões, criando instituições para produzir e reproduzir uma determinada realidade social, mas também a garantir que essa naturalização evite que essas próprias ideias e visões de mundo sejam questionadas pelas pessoas. O que é histórico, tem um início, um desenvolvimento e terá um fim, e essa construção não foi realizada por outras mãos que não as dos próprios seres humanos, assim, como nos diz Abdullah Öcalan, “o que foi construído pela mão humana, pode também ser destruído pela mão humana”. O reforço dessa naturalização é um esforço contínuo por parte daqueles que desejam que o mundo continue a se reproduzir tal como é hoje, condicionando não apenas a forma como nós vemos o mundo e as relações sociais no presente, mas também nossa análise do passado. Assim, busca-se a naturalização de relações sociais capitalistas, e projeta-se sobre o passado valores e relações que mais dizem sobre o nosso mundo hoje, do que sobre como o mundo foi em outros momentos. Buscar as origens do modo de produção capitalista na Roma antiga, ou mesmo naturalizar as relações mercantis atuais ao ponto de acreditar que a humanidade “sempre” foi capitalista, é ignorar radicalmente as especificidades históricas e as diversidades da cultura. (GRAEBER; WENGROW, 2019).

No centro das relações sociais que mais são naturalizadas na história da humanidade, está o Estado. Os seres humanos, seres “naturalmente” sociais, em sua breve estadia sobre o planeta Terra, produziram inúmeras formas de organização social, das mais simples, as mais complexas. O Estado, é uma forma específica, uma forma historicamente determinada, e como tudo que é histórico, tem suas origens, seu desenvolvimento, e terá seu fim. Em um mundo onde a forma Estado-nação se tornou a forma hegemônica da organização social e

política com a expansão do capitalismo a nível global, tornou-se lugar comum, projetarmos sobre o passado a forma Estado em instituições completamente diferentes, assim, do “nosso” olhar sobre outras formas de organização política do passado (ou mesmo contemporâneas), as chefaturas se tornaram uma forma de Estado, as cidades se tornaram cidades-Estado, e as Confederações se tornaram Estados, ainda que sejam todas formas sociais específicas. (YOFFE, 2013; CLASTRES, 1979).

Como vimos anteriormente, o Estado, segundo Abdullah Öcalan, tem suas origens na região da Mesopotâmia, no oriente médio, no período de desenvolvimento das primeiras cidades e centros urbanos em torno de 5000. aC, quando após a revolução neolítica, há um desenvolvimento sem igual de ciência e tecnologia que permitiu a produção de excedente de riquezas até então não possíveis, que como vimos, esteve amplamente baseada na escravidão, primeiro das mulheres, e posteriormente do restante da sociedade. Para ele, os Sumérios e Egípcios foram as primeiras civilizações que constituíram a infraestrutura da sociedade de classes em suas principais instituições políticas, religiosas, militares e burocráticas assim como culturais. O desenvolvimento de uma ideologia oficial para essa nova forma de organização social emergiu a partir dos templos (Zigurats) das cidades, garantindo aos sacerdotes a formação da identidade ideológica do escravismo nesse momento, sujeitando os povos ao poder dos Reis-Deuses. A criação de instituições hierárquicas garantiram o seu domínio sobre outras formas de organização social da época, que naturalmente, se opuseram a essa civilização hierárquica que estava se desenvolvendo. Entre essas formações sociais, o desenvolvimento de confederações de tribos e cidades foi a mais notável e ao contrário do que se pode imaginar, a criação de confederações eram recorrentes na história. (YOFFE, 2013). Segundo Janet Biehl:

As estruturas confederais, devemos destacar, não constituem uma novidade histórica. Ao contrário, as primeiras cidades, no princípio da história escrita, estabeleceram associações confederais, como fizeram nas sociedades antigas do mediterrâneo e na Europa medieval. No princípio dos tempos modernos as confederações adquiriram notável importância como a maior alternativa viável ao Estado-nação, antes deste adquirir o predomínio que hoje tem.⁵³ (BIEHL, 2009, p. 110, tradução nossa)

⁵³*Las estructuras confederales, debe remarcar, no constituyen una novedad histórica. Al contrario, las primeras ciudades, al principio de la historia escrita, establecieron asociaciones confederales, como hicieron en las sociedades mediterráneas antiguas y en las europas medievales. Al principio de los tiempos modernos las confederaciones adquirieron notable importancia como la mayor alternativa viable al Estado-nación, antes de que éste adquiriese el predominio que tiene hoy.*

Para Abdullah Öcalan, antes mesmo da origem da história escrita, é possível olharmos para a história do oriente médio, em especial no período neolítico, e encontrarmos inúmeros casos de confederações de tribos e cidades na mesopotâmia que desempenharam sua própria história no desenvolvimento das civilizações, entretanto, é com o desenvolvimento das Civilizações Suméria e Egípcia, como centros de um projeto civilizacional baseado no escravismo que podemos encontrar os casos mais importantes de confederações, em especial, tribais, que se constituíram como uma resposta direta ao expansionismo territorial dessas civilizações.

No oriente médio, em torno de 3000. e 2000. a.C, como resultado a um projeto de expansão “colonialista” dos Estados territoriais, diversas comunidades pastoris, que viviam diretamente em uma economia agrícola e com um modo de vida comunalista, se tornaram rapidamente marginais em relação as cidades e Estados territoriais escravistas e isso gerou dois fatores imediatos: 1) um empobrecimento massivo dessas comunidades, pois com o desenvolvimento e expansão das cidades imperiais, a população passa a migrar para regiões mais próximas a esses grandes centros e se assentavam ao redor das cidades, servindo diretamente como força de trabalho barata para as castas dominantes urbanas. Para Abdullah Öcalan, essas primeiras migrações evocam as migrações rurais de nossos tempo: “Esta migração inicial, impulsionada pela deportação, é altamente evocativa da situação de uma infinidade de trabalhadores empobrecidos semi-livres de origem rural que estão se movendo para as grandes cidade do nosso tempo”.⁵⁴ (ÖCALAN, 2007. p. 40, tradução nossa). 2) Os setores privilegiados dessas comunidades passam a servir como intermediários de suas comunidades com as cidades de maior poder. Dentro de sua própria capacidade e esfera de poder e influência, esses setores negociavam com a população os processos de integração aos grandes centros urbanos. Em muitos casos, essas comunidades serviam como pontos de contato ou interação entre dois superpoderes. Essas comunidades se transformavam em postos mercantis, dominados por mercadores, que sendo dependentes da economia das cidades imperiais, asseguravam as rotas de comércio, em outras casos, essas comunidades adotavam diretamente o modelo centralista das cidades imperiais, e aos poucos se transformaram também em “pequenas cidades-Estado. Segundo Abdullah Öcalan:

Alguns exemplos importantes do último processo são as cidade de Biblos e Ugarite na costa leste do mediterrâneo, Carquemis, Samsat, Ebla, Harã e Mari ao norte da

⁵⁴*This early migration, boosted by deportation, is highly evocative of the situation of the myriad impoverished half-free labourires of rural origins that are flowing into the big cities of our time.*

Síria ou noroeste da Mesopotâmia, Hatusa e Canés na Anatólia central e, de uma maneira levemente diferente, Elam no sopé leste do Zagros.⁵⁵ (ÖCALAN, 2007, p. 40, tradução nossa).

Essas comunidades se transformaram em um novo tipo de assentamento, não eram mais exemplos de comunidades étnicas ligadas a um determinado território por questões ritualísticas nem estavam mais conectadas ao trabalho na agricultura. Aos poucos, houve um intenso desenvolvimento do comércio, e se tornaram entrepostos importantes, se tornando verdadeiras cidades, ainda que subordinadas as cidades de maior poder. Assim, nessas novas cidades, a sociedade de classes se desenvolveu dando origem a uma classe dominante composta de mercadores e artesãos, que se distinguiu das elites coercitivas das cidades maiores (Sacerdotes e Guerreiros) e das massas escravizadas, ganhando assim um certo grau de independência tanto da burocracia dos templos e palácios como dos escravizados e trabalhadores livres que perderam suas conexões com seus clãs. (ÖCALAN, 2007.)

No Oriente Médio, existem estruturas sociais muito mais antigas que as cidades. Dentre elas, a organização tribal e por clãs ainda hoje são uma importante tradição da organização social e política dos povos nessa região. Para Abdullah Öcalan, a história do oriente médio merece ser lida como a história de grupos tribais e estruturas étnicas: “o grupo étnico é anterior à dinastia, religião e estrutura de classe e deve ser considerada como uma categoria analítica.”⁵⁶ (ÖCALAN, 2007, p. 42, tradução nossa). O desenvolvimento desses grupos remonta ao neolítico, e a diversidade de agrupamentos de clãs que emergiram dos grupos de caçadores coletores na mesopotâmia, uma diversidade social baseada em formas pastoris e agrícolas de produção de alimentos. Essa tradição resiste até os dias atuais pois “sua força deriva em parte do fato de que alguns grupos estão vivendo sob estas formas de organização por milhares de anos.”⁵⁷ (ÖCALAN, 2007, p. 41, tradução nossa). Para Öcalan, ainda que não existam documentos escritos que sirvam de base para uma história étnica dos grupos humanos no Oriente Médio, o estudo dessas estruturas, assim como o estudo do papel da mulher nesses grupos, são de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento das civilizações na região.

⁵⁵*Some prominent examples of the latter process are the towns of Byblos and Ugarit on the eastern Mediterranean coast line, Carchemish, Samsat, Ebla, Harran and Mari in northern Syria or north-west Mesopotamia, Hattushas and Kanesh in central Anatolia, and, in a slightly different vein, Elam in the eastern Zagros foothills.*

⁵⁶*the ethnic groups come before the dynasty, the religion and class structure, and should be taken into account as an analytical category.*

⁵⁷*it derives its strength in part from the fact that some groups have been living under these forms of organization for several thousand years.*

As comunidades étnicas, organizadas majoritariamente em sistemas de clãs ou tribos, enfrentavam diretamente a ameaça de ataques provocados pelas cidades em processo de expansão urbana como vimos, mas também enfrentavam uma incorporação aos Estados territoriais. Nesse sentido, a construção de alianças entre comunidades étnicas diversas era fundamental, mesmo quando se tratava de criar alianças entre inimigos. Assim, emergiam as Confederações Tribais. Para Abdullah Öcalan, essa é uma questão central a se compreender:

uma questão que tem me ocorrido a este respeito se refere as confederações tribais: Devem as confederações tribais serem entendidas como uma resposta ao desenvolvimento urbano estratificado? Em qual medida foram elas transformadas pela civilização urbana?⁵⁸ (ÖCALAN, 2007, p. 43, tradução nossa).

Como vimos, diante desse processo de expansão urbana, algumas comunidades se adaptaram as estruturas da nova civilização hierárquica, aceitando um papel subordinado e economicamente dependente dos grandes centros urbanos, e se transformando posteriormente em cidades mercantis, seguindo o modelo centralizador das grandes cidades-Estado. Um outro modelo de desenvolvimento social emergiu a partir das confederações tribais. Segundo Öcalan, a guerra era um elemento cotidiano na vida dos clãs e tribos, pois eram comuns os conflitos envolvendo o pastoreio e o domínio sobre terras cultiváveis, assim, era natural que essas tribos buscassem se associar diante de um inimigo maior: “As tribos constantemente tinham que se defender contra as forças da civilização e fazer contra-ataques às cidades ricas.”⁵⁹. (ÖCALAN, 2007, p. 43, tradução nossa). Assim, Öcalan compreende a importância das Confederações para a história do Oriente Médio da seguinte forma:

A confederação tribal é outro aspecto importante da história dos estados locais. Na maioria dos casos, este estágio de organização social precedeu a formação de aglomerados urbanos. Entretanto, deve também ser considerada como um modo de organização social de longo prazo em seus próprios termos. Deve ter surgido em resposta à necessidade de arbitrar conflitos entre várias tribos com laços culturais em comum. Além disso, serviu ao propósito de estabelecer uma defesa contra as forças urbanas invasoras, permitindo as tribos confederadas a garantir uma postura unida

⁵⁸*Some of the main questions that have occupied me in this respect relate to tribal confederations: Should tribal confederations be understood as a response to the development of stratified urban civilisation? To what extent were they transformed by urban civilisation?*

⁵⁹*Tribes constantly had to defend themselves against the forces of civilisation and made counter-attacks on the rich cities.*

e ,logo, mais forte em relação as seus vizinhos.⁶⁰ (ÖCALAN, 2007, p. 41, tradução nossa).

As Confederações Tribais sofriam constantes pressões internas e externas. Internamente subsistiam os conflitos dos diferentes clãs e famílias que se uniam em uma unidade para a autodefesa, mas que não extinguiu as suas diferenças internas. Externamente as confederações estavam em constante conflito com cidades mais poderosas e Estados territoriais com estruturas hierárquicas já desenvolvidas. Segundo Öcalan, nas comunidades tribais, não existiam elementos fundamentais dos centros urbanos, como contingente militar centralizado, templos e palácios elaborados, nem a presença de um aparato burocrático e a total ausência de uma classe média independente, isso gerava uma certa “transitoriedade” as Confederações, entretanto, é importante destacar que mesmo diante de tais dificuldades, houveram confederações tribais que desenvolveram instituições sólidas e que foram capazes de manter seu domínio na Mesopotâmia, segundo Öcalan: “tal modo de organização deve ter sido postulado pelos Hurritas do fim do terceiro milênio e pelos Hititas do início do segundo milênio A.C. e mais certamente pelos Amoritas e Cananeus aproximadamente da mesma época.”⁶¹. (ÖCALAN, 2007, p. 41, tradução nossa).

O Reino dos Hittite surgiu em torno de 1700 a.C como uma das principais civilizações na região da Anatólia central. Reproduziram muito da política, religião e cultura suméria, adotavam a escrita suméria e acadiana. Foi um dos principais centros mercantis do período, e também exploravam recursos minerais, como metal. Foi um competidor direto dos Babilônicos, Assírios e Egípcios. Em 1595 a.C, o rei Hittite, Mursilis, conquistou a Babilônia. O Reino é um exemplo de uma sociedade que pode ter surgido como uma confederação tribal, mas que gradualmente foi se estatizando e assumindo características de uma civilização escravista. (ÖCALAN, 2007.)

Enquanto na região da Anatólia os Hittite dominavam e concorriam diretamente contra os três maiores impérios da época, na região da alta mesopotâmia, nenhum poder imperial conseguia se desenvolver, ainda que houvesse um interesse pelos recursos da região, rica em

⁶⁰*The tribal confederation is another important aspect of the history of local states. In most cases, this stage of social organisation preceded the formation of urban conglomerations. However, it should also be regarded as a long-term mode of social organization in its own right. It might have arisen in response to the need for arbitration in conflicts among various tribes with common cultural ties. Furthermore, it served the aim of putting up an efficient defence against attacking urban forces, allowing the confederate tribes to secure a united stance and thus stronger position vis-a-vis their neighbours.*

⁶¹*such mode of organisation may be postulated for the Hurrians of the late third and the Hittites of the early second millennium BCE and with more certainty for the Amorites and Canaanites of approximately the same era.*

diversos tipos de metais. Nessa região, as comunidade étnicas em suas diversas organizações por clã e tribo prosperavam sem maior dificuldade e haviam desenvolvido sólidas estruturas sociais em torno de 2000. a.C, segundo Öcalan: “aqui, a forte coesão tribal deve ter sido tão nociva à formação dos centros urbanos quanto as repetidas incursões e ocupações das civilizações centralizadas próximas também o foram.”⁶². (ÖCALAN, 2007, p. 45, tradução nossa). Nessa região, os Hurrians emergiram como a mais importante Confederação de Tribos, mas ao contrário do que parece ter ocorrido com os Hittite, eles não se desenvolveram seguindo o modelo civilizacional dos impérios centralistas e escravistas. Ao contrário, os Hurrians foram capazes de se desenvolver e garantir sua autonomia frente a esses poderes, inclusive mantendo boas relações mercantis com os Hittite. Desenvolvendo-se na região ao sul das montanhas Taurus e Zagros, os Hurrians se tornaram herdeiros da tradição mais autônoma da civilização suméria, e demonstravam a possibilidade de se constituir novos centros de poder ao lado de demais centros imperiais: “relações administrativas também podem ser estruturadas sob uma província, região autônoma ou unidade federativa dos poderes centralizados vizinhos.”⁶³. (ÖCALAN, 2007, p. 45, tradução nossa)

Entre tantos outros exemplos sobre confederações tribais, é necessário falar sobre o papel que os Medos ocuparam na região da mesopotâmia. Os Medos chegaram na região da Mesopotâmia em torno de 700 a.C, e rapidamente dominaram a região, constituindo um vasto império no Oriente Médio, varrendo o domínio dos Assírios. Segundo Öcalan: “A confederação tribal estabelecida pelos Medos deve então ser entendida como parte integrante desta tradição de resistência étnica contra impérios em expansão.”⁶⁴. (ÖCALAN, 2007, p. 90, tradução nossa), assim, os Medos, representavam uma forma de civilização que retirava sua força da diversidade de clãs e tribos da região. Assim, não havia uma organização estatal similar a dos Assírios, porque “seu modo de organização ainda devia muito ao federalismo tribal.”⁶⁵. (ÖCALAN, 2007, p. 90, tradução nossa). Öcalan compreende que a organização confederal dos Medos, ao se basear numa estrutura administrativa mais descentralizada, oferecia uma alternativa aos povos da região que estavam sob influência direta dos Estados territoriais, “isso teria acontecido porque a Média (Império Medo) evitou o sistema colonial

⁶²*here, strong tribal cohesion might have been as detrimental to the formation of urban centres as the repeated incursions and occupations by surrounding centralised civilisation were.*

⁶³*administrative relations may just as well be structure under a province, autonomous region or federal unit of the neighbouring centralised powers.*

⁶⁴*The tribal confederation establish by the Medos should then be understood as part and parcel of this tradition of ethnic resistance against expanding empires.*

⁶⁵*their mode of organisation still owed much to that of tribal federalism.*

Assírio e confiou na administração indígena local.”⁶⁶ (ÖCALAN, 2007, p. 90, tradução nossa). Os Medos adotavam originalmente uma forma de religião derivada de uma união de adoração da natureza com elementos da religião suméria, entretanto, os Medos posteriormente adotaram o Zoroatrismo como religião oficial de sua civilização. Para Öcalan, os Medos representam uma civilização inspirada por uma tradição de resistência das comunidades étnicas da Mesopotâmia e eram guiados pelos ensinamentos do Zoroatrismo. Os Medos podiam ser representados pelo mito de Kawa, o Ferreiro, que destruiu o Império Assírio e trouxe uma nova era de liberdade ao Oriente Médio. Não é coincidência que os Curdos se considerem descendentes dos Medos. (YOFFE, 2013)

A Confederação dos Medos aos poucos foi se transformando em uma civilização estatal, e em pouco tempo, um dos povos que compunham a aliança, fez seu movimento: “Foi neste ponto quando a confederação Média, na qual os persas estavam incluídos, transmutaram-se em um estado integrado, que os persas lançaram um contra-golpe e tomaram o poder.”⁶⁷ (ÖCALAN, 2007, p. 91, tradução nossa). Os Persas deram início a um novo momento da civilização escravista e representaram um avanço em relação a composição do seu império, reconhecendo a variedade de culturas e línguas e formas de organização política de seus habitantes. Nessa longa tradição de conflitos, os Persas não demoraram a também enfrentar aqueles que os superariam, a Civilização Grega. (ÖCALAN, 2007.)

Desde o início da formação das primeiras grandes cidades e civilizações, como os Sumérios e Acadianos, o processo de desenvolvimento histórico nunca foi linear e natural. O processo de expansão das civilizações hierárquicas como os Sumérios e Egípcios enfrentaram a resistência das comunidades étnicas organizadas em confederações tribais. Em torno do ano 2000. a.C, houve um intenso período de conflitos, motivados pela resistência das comunidades étnicas contra os poderes imperiais, um conflito que expressa a contradição que se desenvolveu entre as cidades mais urbanizadas, centros dessas civilizações, e todos os demais assentamentos humanos, que se não eram incorporados pelos impérios, coexistiam a sua margem, na periferia, e necessitaram se organizar em confederações para garantir sua defesa dos iminentes ataques do centro. Essa relação centro e periferia é uma chave importante para compreender os conflitos entre as Confederações e Estados. Segundo Öcalan:

⁶⁶*this would have been because Media schewed the Assyrian colonial system and relied on local indigenous administration.*

⁶⁷*It was at the point when the Median confederation, in which the Persians were included, transmuted into a integrated state tha Persian tribes launched a counter-coup and seized power.*

as relações entre a Suméria e sua periferia resultaram na fundação de centros alternativos de civilização semi-independentes, bem como no influxo de grupos étnicos das terras ao redor, que atacavam as cidades abastadas pelo saque ou servidão como força de trabalho barata.⁶⁸ (ÖCALAN, 2007, p. 87, tradução nossa).

Com o desenvolvimento desigual entre centro e periferia, houve uma intensificação dos conflitos armados entre as comunidades étnicas e as cidades centrais imperiais. Essa resistência constitui um ponto de importância fundamental para o desenvolvimento da humanidade: “A luta pela liberdade das comunidades étnicas contra a colonização tornou-se uma característica inevitável do processo de civilização: como um elemento contraditório particular ao crescimento da sociedade estratificada urbana, a resistência forneceu um grande impulso à história humana.”⁶⁹ (ÖCALAN, 2007, p. 87, tradução nossa). Existia uma relação de aproximação e de afastamento entre o centro e a periferia na mesopotâmia, ao mesmo tempo que a expansão urbana dos grandes centros imperiais sobre as comunidades étnicas produziu um processo de assimilação que foi respondido com uma forma de resistência, também foi essencial para a própria expansão desse modelo civilizacional hierárquico a existência dessas comunidades étnicas: “eles fornecem grande parte das matérias-primas e bens de luxo sobre os quais depende nossa imagem da cultura urbana mesopotâmica, e realizam boa parte do trabalho manual através do qual a acumulação de riquezas no centro foi possível.”⁷⁰ (ÖCALAN, 2007, p. 89, tradução nossa).

Com a hegemonia da Civilização Grega, houve um novo desenvolvimento das cidades. Se as cidades e cidades-Estados alcançaram um nível de relativa independência e autonomia cultural no oriente médio, mesmo que ainda existissem os laços de dependência com o modelo civilizacional centralista, com uma estrutura política unificada que nucleava em determinados cidades os centros dos impérios, também coexistiam inúmeras relações de aliança baseadas em parentesco tanto nos Estados territoriais como nas Confederações Tribais. As relações de parentesco, se por um lado asseguravam a identidade das diversas comunidades étnicas em suas organizações sociais, dentro ou fora das cidades, por outro, se

⁶⁸*the relations between Summer and ist periphery resulted in the foundation of semi-independent alternatives centres of civilization as well as in the influx of ethnic groups from the surrounding lands, whit either attacked the wealthy cities for booty or served as cheap labour force.*

⁶⁹*The freedom struggle of the ethnic communities against colonisation became an inevitable feature of the process of civilisation: as a contradictory element particular to the growth of urban stratified society, resistance provided a major impetus to human history.*

⁷⁰*they supply much of the raw materials and luxury goods upon which our image of Mesopotamian urban culture hinges, and performed a good part of the manual labour throught which the acumation of riches in the centre was made possible.*

enfrentavam diretamente com o desenvolvimento de uma identidade geral ligada as próprias cidades. Segundo Murray Bookchin “o aparecimento da cidade abre espaços a uma unidade universal distinta da tribo agropastoril”, (BOOKCHIN, 2010, p. 45), o amplo processo de urbanização que decorre da passagem do neolítico e que se desenvolve pelas civilizações do oriente médio, constitui cidades cada vez mais organizadas sobre uma concepção de comunidade política comum entre as diversas comunidades étnicas que viviam diretamente nas cidades: “a revolução urbana (...) criou a ideia de uma humanidade universal e da sua socialização segundo linhas racionais e éticas. Removeu as limitações ao seu desenvolvimento decorrentes dos vínculos de parentesco e do peso sufocante do costume”. (BOOKCHIN, 2010, p. 52.). Assim, se o processo de resistência as civilizações hierárquicas no oriente médio foram, como vimos, um produto da organização confederal de tribos, de diversas identidades étnicas, organizadas em relações sociais de parentesco, posteriormente, esse legado da resistência a expansão dos Estados podem ser identificados também nas cidades ou municípios. E é a pólis grega que solidifica uma nova concepção do que significa a cidade. Segundo Bookchin:

O município é o espaço econômico e espaço humano, de transformação do grupo quase tribal em corpo político de cidadãos. A política – gestão da cidade (pólis) – tem sido desvirtuada em governo do Estado como tal como a palavra pólis tem sido impropriamente traduzida por Estado. (BOOKCHIN, 2010, p. 44).

Para Bookchin, é necessário compreendermos uma distinção primária em relação ao conceito de cidade ou município, para ele, a cidade é a unidade de dois grandes processos primários, a cidade enquanto urbes, e a cidade enquanto pólis. A urbe diz respeito ao processo de urbanização, de criação e desenvolvimento das estruturas físicas das cidades, diz respeito a tudo que envolva a arquitetura e a engenharia das casas, prédios, praças, ruas, etc... entretanto, a cidade não pode ser reduzida a sua dimensão urbana, a cidade deve ser compreendida em seu sentido político, enquanto pólis, como gestão da sociedade realizada por seus cidadãos livres, enquanto um corpo político, em uma esfera pública, “cívica”, produzindo uma nova mentalidade para seus habitantes, na qual todos tomam parte das decisões por meio de um sistema de democracia direta. Assim, para Bookchin, foram as cidades Gregas, em especial Atenas, com o desenvolvimento da filosofia e da democracia, que permitiram que as cidades se tornassem mais autônomas em comparação as cidades em outras civilizações:

Eu por muito tempo tenho mencionado Atenas com admiração por um motivo: a *pólis* por volta do período de Péricles nos proporciona uma evidência contundente que certas estruturas *podem* existir – decisão política por assembleia, rotação e limitação dos cargos públicos e defesa efetuada por uma cidadania armada não-profissional”. (BOOKCHIN, 2010, p. 61).

O surgimento e a existência de um sistema democrático tal como existiu em Atenas durante o século V a.C é um caso único e sem comparações entre as demais civilizações contemporâneas do mediterrâneo, oriente médio e no restante da Ásia. Durante mais de um século, a cidade de Atenas foi governada diretamente por seus cidadãos. Segundo Bookchin:

Por democracia, evidentemente, eu não quero dizer qualquer forma de “governo representativo”, mas democracia face a face. No que diz respeito às suas origens na Atenas clássica, democracia, como eu a utilizo, é a ideia da gestão direta da *polis* pelos seus cidadãos em assembleias populares – o que não deve ocultar que a democracia ateniense era marcada pelo patriarcado, escravidão, pelo domínio de classe e pela restrição da cidadania aos homens de origem ateniense reconhecida. A Democracia, genericamente definida, é então a gestão direta da sociedade em assembleias face a face na qual a política é formulada pelos cidadãos residentes e a administração é executada por conselhos delegados e mandatários. (BOOKCHIN, 2010, p. 61).

Com cidades cada vez mais autônomas, a contradição que antes aparecia entre comunidades étnicas e estados imperiais no oriente médio, passam, agora sob a hegemonia da civilização grega, a se traduzir na contradição entre Estados e Cidades. O município se transforma na arena de combate entre Sociedade e Estado. Segundo Bookchin: “A cidade e o Estado não se identificam. As suas origens são diversas e os seus papéis históricos diferentes.” (BOOKCHIN, 2010, p. 53). Como vimos com Öcalan, as cidades de fato precedem a formação dos Estados no oriente médio, ainda que foi a partir delas, em especial, das cidades mais urbanizadas, que os Estados foram gradualmente se desenvolvendo a partir das estruturas religiosas dos Zigurats. Mas as contradições entre a sociedade e os Estados emergentes se produziram primeiro ao nível das próprias cidades, em seu interior, e posteriormente, entre diferentes cidades. Para Bookchin: “a cidade foi a principal força de oposição aos Estados imperiais e nacionais, da antiguidade aos nossos dias”. (BOOKCHIN, 2010, p. 48.).

Ainda que o Estado se origine da sociedade, e seja uma forma específica das relações sociais de poder entre os homens, não tem a capacidade de assimilar todo o conjunto da própria sociedade na qual se originou, o que produz uma ruptura, por um lado seu desenvolvimento segue um caminho de autonomia relativa em relação à sociedade, e por

outro, busca minar os movimentos de resistência ao seu domínio. A sociedade produz continuamente uma rica série de novas organizações sociais para atender suas múltiplas necessidades, e é no município, na cidade, que essa diversidade é produzida e realizada. Para Bookchin, o município “tem sido um campo de batalha porque o Estado, até data relativamente recente, nunca reclamou por inteiro o município, devido à sua vida socialmente rica – famílias, corporações, a igreja, as freguesias, as sociedades locais, os bairros e as assembleias populares. Estas estruturas ricas de núcleos, apesar de suas divisões internas, têm sido espantosamente impenetráveis à institucionalização política.” (BOOKCHIN, 2010, p. 36). Diante desse potencial rico e diverso de estruturas e instituições sociais produzidas na esfera privada e pública da vida cotidiana nas cidades, o Estado busca, como uma estratégia recorrente na história, minar a autonomia das cidades livres: “Augusto e seus sucessores fizeram da supressão da autonomia municipal a chave da administração imperial romana e o mesmo fizeram os monarcas absolutos da época da Reforma”. (BOOKCHIN, 2010, p. 48.). Para minar a autonomia das cidades, os Estados utilizam o processo de urbanização como uma técnica para suprimir o desenvolvimento espontâneo da rica e diversa cultura da pólis. Historicamente, esse processo pode ser observado claramente na passagem da República para o Império Romano: “Os Gracos tinham procurado formar transformar a urbe em cidade, dar primazia ao cidadão, ao político sobre o econômico. Fracassaram, e sob o império, a urbe devorou a cidade”. (BOOKCHIN, 2010, p. 45-46). Diante do desenvolvimento desenfreado da urbe, o declínio da cidadania se torna uma constante, e essa é uma estratégia recorrente das classes dominantes estatais, desde as reformas no Império Romano, até a Haussmanização de Paris, o objetivo das reformas urbanas nesse sentido é simplificar a riqueza cultural e organizacional do povo, e impedir que a cidade se transforme em trincheiras. Reconstruir a pólis passa a ser um problema fundamental para qualquer projeto emancipador: “quando a urbanização tiver anulado a vida da cidade a ponto desta não ter mais identidade, cultura e espaço associativos próprios, as bases para uma democracia terão desaparecido e a questão das formas revolucionárias será mero jogo de sombras”. (BOOKCHIN, 2010, p. 48-49).

Durante a idade média na Europa, também existiram exemplos de cidades livres, e em especial, de confederações de cidades livres, que desenvolveram-se durante séculos e que confrontavam diretamente a hegemonia da Igreja Católica e dos Estados feudais e absolutistas. O caso da Confederação Suíça talvez seja o mais emblemático, mas como já o abordamos no primeiro capítulo desse trabalho, vale ressaltar um outro caso muito

significativo do desenvolvimento de cidades livres e de confederações na península ibérica, a Confederação de Castela, na Espanha. Segundo Janet Biehl:

Na Castela do século XVI o confederalismo formava parte de uma luta revolucionária. No ano de 1520, o ajuntamento de Toledo fez um chamado a todos as cidades representadas nas Cortes para estabelecer uma frente comum contra o governo real, que em sua política de impostos havia introduzido um cambio desfavorável para as cidades. Cidade atrás de cidade, em Castela se produziu uma revolta em grande escala. As cidades organizaram milicias civis e democratizaram seus governos municipais.⁷¹ (BIEHL, 2009, p. 112, tradução nossa).

O movimento Comunero, como ficou conhecido, foi um levante revolucionário das cidades insurgentes da região de Castela, que se insubordinaram diante do abuso excessivo dos impostos cobrados pela monarquia. Tinham um programa com demandas extremamente radicais para aquele momento, reivindicações que ecoavam de certa forma, o legado de resistência das cidades contra a autoridade central. Demandavam um sistema municipalista de cortes, em que cada corte devia ser formada por delegações das cidades, e essas delegações eram escolhidas nas paróquias, nas assembleias populares. Os delegados, deveriam executar a vontade das assembleias das cidades, indicando existir algum modo de mandatos imperativos. Mesmo continuando a reconhecer o poder real, constituíram uma junta nacional, uma espécie de conselho confederal, que era formado por delegados, enviados diretamente pelas cidades insurgentes. Constituíram um exército popular formado por cidadãos voluntários, e travaram conflitos armados. Ao fim, foram derrotados pelo Estado espanhol, mas sua existência demonstra como há uma enorme e rica história de resistência dos povos e cidades na Europa. (BIEHL, 2009).

Com o processo de desenvolvimento dos Estados-nação, e do próprio capitalismo, existem mudanças radicais nas próprias formas de resistência dos povos a implementação desses processos. Durante o momento das revoluções burguesas, em uma sociedade já estratificada em novas classes sociais como burgueses e proletários, encontramos inúmeros exemplos de movimentos de resistência, nas Revoluções Americana e Inglesa, encontramos o caso dos Levellers e Diggers, grupos oriundos das camadas mais pobres da sociedade nesse momento de transição revolucionária, que avançaram uma agenda política que ia de encontro com os interesses da nova classe dominante burguesa. (THOMPSON, 1987; HILL, 1987). Na

⁷¹*En la Castela del siglo XVI el confederalismo formaba parte de una lucha revolucionaria. En el año 1520, el ayuntamiento de Toledo hizo un llamamiento a todas las ciudades representadas en las Cortes para establecer un frente común contra el gobierno real, que en su política de impuestos había introducido un cambio desfavorable para las ciudades. Ciudad tras ciudad, en Castela se produjo una revuelta a gran escala. Las ciudades organizaron milicias civiles y democratizaron sus gobiernos municipales.*

Revolução Francesa, encontramos novamente a tradição rebelde nas cidades durante o processo de constituição da Comuna, ao olharmos para as assembleias de distritos de Paris, que de maneira a ecoar a democracia direta da antiga Atenas, coordenou a economia e a política de Paris a partir dos antigos distritos eleitorais, realizando assembleias populares nos bairros, e criando uma sistema de delegação por mandatos imperativos para a Comuna, administrando quase toda a totalidade da vida de Paris naquele período. Como sabemos, a contra revolução emergiu sob o apoio dos Jacobinos contra os distritos de Paris e os Enragés, os elementos mais radicais da Revolução Francesa, o Termidor encerrou essa experiência com a primeira ditadura militar moderna da era burguesa. (KROPOTKIN, 2021).

Nesse novo palco histórico, o socialismo e o movimento operário se tonaram os grandes herdeiros do legado de resistência e rebeldia das confederações de tribos e cidades, não mais contra as civilizações escravistas e feudais, mas contra a civilização capitalista.

Com o primeiro despertar do proletariado europeu, durante as revoluções de 1848, tornou-se claro que a burguesia havia esgotado seu papel revolucionário do período das revoluções burguesas, e de que são os trabalhadores os novos sujeitos sociais com o potencial revolucionário de transformar a sociedade. Diante das péssimas condições de trabalho e de vida impostas pelo aceleramento do capitalismo desde a Revolução Industrial, os trabalhadores no campo e na cidade dão início a construção de novas instituições e organizações sociais, dentre as quais, cumprem um primeiro papel relativo a sua unidade de classe, enquanto produtores, para exercerem sua solidariedade e o apoio mútuo para garantir a sobrevivência. São criadas uniões de auxílio mútuo, cooperativas de trabalho e consumo, sociedades de socorro, entre tantos outros tipos de organizações. Mas a mais importante, é a construção das sociedades de resistência, os sindicatos. (COLOMBO, 2004).

Em pouco tempo após a derrota dos trabalhadores em 1848, tornou-se uma necessidade integrar e coordenar a luta dos trabalhadores não apenas dentro dos seus respectivos países, mas também internacionalmente. Assim, pelo esforço de trabalhadores ingleses e franceses, representantes dos movimentos operários mais avançados da Europa na época (trade unionistas e mutualistas), foi criada em 1964 a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou como ficou historicamente conhecida, a Internacional. Unindo internacionalmente trabalhadores de todo o mundo, a AIT era constituída como uma organização confederal de sociedades de resistência, uniões de ofício, sociedades de socorro

mutuo, grupos de propaganda, entre outros tipos de organizações de trabalhadores que existiam na época. Buscando unificar os trabalhadores inicialmente a partir da luta por melhores condições de trabalho e vida, organizando os trabalhadores em sociedades de resistência para melhor lutarem contra o capital e o Estado, a AIT já em seu congresso fundacional compreendeu a importância dessa luta avançar em direção a um objetivo finalista: a supressão do sistema de salários. Assim, a AIT se tornou a primeira grande organização internacional do movimento operário socialista, declarando que a emancipação dos trabalhadores deveria ser obra dos próprios trabalhadores. Em seu interior, se desenvolveram as grandes correntes políticas socialistas da modernidade, como a social democracia e o anarquismo. Enquanto a Social Democracia se desenvolveu seguindo uma estratégia de transformação social orientada para a ação parlamentar, constituindo partidos políticos nacionais com o objetivo de disputar as eleições, o anarquismo se desenvolveu dentro do campo federalista da internacional, que reunia as posições mais radicais do mutualismo francês e do coletivismo suíço e belga, adotando, ao contrário da ação parlamentar, a ação direta das sociedades de resistência contra o capital e o Estado, desenvolvendo assim a partir da experiência das greves parciais e gerais, a estratégia do sindicalismo revolucionário. Ainda que a AIT demandasse a unidade econômica dos trabalhadores, o desenvolvimento ideológico dessas diferentes concepções estratégicas foram a cada congresso se tornando inconciliáveis, até o ponto em que há a primeira ruptura, a Conferência de Londres, em 1871, produzirá no ano seguinte, no Congresso de Haia, em 1872, uma divisão entre as seções nacionais da Internacional. Duas internacionais passam a existir, uma, contendo a maior parte das seções, e em sua grande maioria defensores do federalismo e da autonomia, se denominou Internacional Antiautoritária, e seguiu sua existência até 1876, desempenhando um papel ainda mais central na construção e consolidação da ampla tradição anarquista. As seções minoritárias do racha em 1872 que decidiram seguir as propostas mais centralistas do Conselho Geral, adotaram a estratégia social democrata, e realizaram seu último congresso em 1874, nos EUA. (ENCKELL, 2004; MUSTO, 2014).

Como decorrência da crise social inaugurada pela Guerra Franco Prussiana (1870-1871), a Comuna de Paris foi criada em 1871 pela população insurgente de Paris, que tomaram a cidade e por 71 dias resistiram como uma comuna livre no coração da França. A Comuna de 1871 evocava diretamente a Comuna de 1793, as seções de distritos e as assembleias populares foram novamente o coração da democracia municipal na Europa. Se na primeira Comuna ainda coexistiam distintas classes sociais na esteira do projeto da revolução

burguesa, a Comuna de Paris de 1871 era claramente proletária e socialista, e fundamentalmente, era federalista. A Comuna foi realizada pelo povo, e entre eles se destacavam ativos militantes da Internacional no país, assim como todos os trabalhadores influenciados pelo movimento mutualista e o federalismo de Pierre Joseph Proudhon. A Comuna de Paris se tornou o exemplo para o socialismo revolucionário da possibilidade concreta do autogoverno dos produtores. Enquanto setores do socialismo interpretavam a experiência da Comuna como uma forma da Ditadura do Proletariado, outros setores compreendiam que a Comuna era na verdade a própria negação do Estado. (KROPOTKIN, 2021; SAMIS, 2011; BAKUNIN, 2011).

A Comuna de Paris de 1871 colocou na ordem do dia do movimento operário revolucionário e do socialismo como um todo problemas fundamentais relativos ao poder político e a relação das organizações socialistas com o Estado. A palavra de ordem dos Comunalistas era de que Paris seria a primeira, de uma série de cidades, que se levantariam por toda a França, e por toda Europa, se reunindo de maneira federativa em uma grande confederação de comunas: a Comuna das comunas. Infelizmente, diante de uma ameaça maior, as classes dominantes Francesa e Alemã, que antes estavam em guerra, se unificaram para reprimir brutalmente os Comunalistas franceses, e o povo em armas foi derrotado. O problema do poder persiste.

3.2 – PODER DUAL

No contexto da Guerra Russo Japonesa, a Rússia enfrentava um cenário interno de empobrecimento e escassez geral na sociedade. Em 1905 se iniciou a primeira Revolução Russa, como decorrência de uma série de greves que se iniciaram na usina Putlov em São Petesburgo, e a resposta ao massacre brutal a mando do Czar aos protestantes russos, que sob a influência do Padre Gapon, se dirigiram ao Palácio de Inverno para entregar ao Czar uma petição contendo reivindicações da população, que esperavam que seu “paizinho” os atendessem. No dia 9 de Janeiro, soldados metralharam a queima roupa centenas de pessoas, os corpos eram retiradas por trem e jogados em valas comuns nos bosques da região. Foi o Domingo Sangrento. No dia seguinte, na segunda feira, 10 de Janeiro, os trabalhadores entram em greve geral. Nesse breve período entre janeiro e fevereiro, os trabalhadores russos, previamente organizados nas seções operárias das fábricas e bairros de São Petesburgo,

fundam uma nova organização social: os sovietes. (VOLIN, 1980). O Soviete de São Petesburgo é o primeiro conselho operário fundado no país, e será o mais significativo no contexto da Revolução Russa de 1905. Nesse ano, sovietes foram criados por toda Rússia, no campo e na cidade: “Os sovietes (conselhos) surgem como órgãos revolucionários que representam as classes proletárias urbanas ou rurais e sua estrutura organizatória toma a direção de uma democracia direta, tendo em vista atingir seu objetivo: uma transformação histórica da sociedade.”. (TRAGTENBERG, 2007, p. 132). O Soviete de São Petesburgo tem uma importância fundamental no processo da revolução russa, ele representou uma organização que emergiu espontaneamente pelos trabalhadores, não foi produto de um partido político, mas sim foi criado para atender as necessidades concretas dos trabalhadores russos no contexto de uma greve geral de longa duração, isso permitiu que a grande massa de trabalhadores que não eram organizadas em partidos políticos na época, encontrassem no soviete sua organização de classe. O soviete se transformou em algo muito maior e complexo:

O soviete de São Petesburgo, que dura 90 dias, reúne delegados de empresas, na base de um delegado para cada 500 assalariados, e atua como verdadeiro governo da cidade, imprimindo seu jornal oficial, repudiando os empréstimos governamentais, instaurando a jornada de oito horas de trabalho, criando suas milícias armadas.. (TRAGTENBERG, 2007, p. 136.)

Ainda que a Revolução de 1905 tenha sido derrotada, e o soviete de São Petesburgo desfeito, com seus delegados e líderes presos e perseguidos, o conselho deixou uma profunda marca sobre a capacidade de auto-organização do povo russo, demonstrando que o lema da Internacional, a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores, podia ser realizado na Rússia pois eles construíram a organização capaz de realizar essa emancipação. A Revolução de 1905 serviu de “ensaio geral” para a Revolução Russa de 1917, e o soviete estava tão marcado no espírito do povo russo, que rapidamente os sovietes foram reconstruídos.

Novamente a guerra. Durante a primeira guerra mundial (1914-1918), a Rússia constituiu uma das principais forças da Entente, e isso custou caro a sua população. Em início de 1917, a Rússia vivia em uma situação econômica muito pior do que aquela vivida nos anos de guerra contra o Japão, a manutenção da guerra exigia um custo físico e moral: “a guerra custava terrivelmente caro, em dinheiro e sobretudo em homens. Milhões de vidas humanas foram sacrificadas sem nenhuma utilidade, sem a menor compensação”. (VOLIN, 1980, p. 120). A população russa estava lentamente se preparando para saldar as dívidas dessa guerra

com o czarismo. As condições materiais de vida deram o impulso necessário a revolta das massas: “Aquilo que desesperou as massas do povo, a derradeira gota d’água, foi sobretudo **a desorganização completa da vida econômica – da vida mesmo – no interior do país.**” (VOLIN, 1980. p. 121, grifo do autor). Em janeiro de 1917, a escassez era tamanha, que a população russa não tinha mais acesso a “combustíveis, roupas, carne, manteiga, açúcar, etc, mas nem mesmo pão”. (VOLIN, 1980, p. 123). A demanda pelo pão foi o que lançou o povo russo a uma nova onda de greves e insurreições na Rússia. Em Petrogrado, os trabalhadores deram início a uma série de novas greves, protestos e manifestações se tornaram parte do dia a dia, essa situação foi se generalizando ao ponto em que as tropas do exército passaram a se solidarizar com os trabalhadores, e a se insubordinar. Com os trabalhadores em greve e grande parte do exército insubordinado, iniciou-se a revolução em Petrogrado. Em 26 de Janeiro, o governo Czarista declarou o dissolvimento da Duma. Em resposta, os trabalhadores se lançaram contra o czarismo, as demandas por pão se transformaram, e o povo pedia o a queda do czar, “Abaixo ao Tzarismo! Abaixo a guerra! Viva a Revolução! Eram os gritos da multidão”. (VOLIN, 1980, p. 125). O conflito se generalizou contra a polícia, que era a única força repressora do Estado que não havia se insubordinado, como os militares do exército. A Duma, diante das batalhas na rua de Petrogrado, desafiou o governo e entrou em sessão permanente. Em 27 de Fevereiro, o povo já derrotada os últimos resquícios da oposição armada da polícia na cidade, haviam tomado os quartéis e arsenais, e ocuparam pontos estratégicos na cidade, ao fim do dia, “o tzarismo já não dispunha de força armada na região da capital. A população estava livre. A Revolução Triunfara”. Com a generalização da revolução pelo interior do País, o tzarismo havia sido derrotado e o Governo Provisório instituído. O Povo dá início a reconstrução dos Sovietes. (VOLIN, 1980, p. 127.) Em 27 de fevereiro de 1917, no Palácio Taurida, o Soviete de Petrogrado é novamente instituído. (TRANGTENBERG, 2007).

Com o retorno de Lênin a Rússia em 3 de abril, há uma mudança de posição dos bolcheviques e da social democracia russa diante dos soviets (antes ignorados pelos bolcheviques em 1905), a palavra de ordem “todo poder aos soviets” se tornou o objetivo geral da Revolução Russa. Para Lênin, os Soviets representam o governo revolucionário dos operários e soldados, sendo que os “soviets de deputados operários (SDO) são a *única* forma *possível* de governo revolucionário”. (LÊNIN, 2017, p. 71). A demanda de todo poder aos soviets foi rapidamente abraçada pelos demais setores da revolução russa, como os socialistas revolucionários e anarquistas. Os Soviets rapidamente começam a serem

reconstruídos por toda Rússia, nas cidades maiores e no interior, essa organização passa a reunir a grande massa da população russa que demanda por pão, terra e paz. O Governo Provisório rapidamente percebeu que não poderia governar a Rússia, nem mesmo superar os acontecimentos de fevereiro, sem que inciasse algum tipo de correlação com os Sovietes. Nesse sentido, nesses primeiros meses após a revolução de Fevereiro, O Governo Provisório e o Soviete de Deputados e Soldados representavam o poder oficial na Rússia, entretanto, representavam tipos bem diferentes de poder.

Ao analisar a correlação de forças existente entre o poder do Governo Provisório e do Soviete de Operários e Soldados que ocorreu durante os meses após a revolução de fevereiro, Lênin chamou esse processo de “Dualidade de Poderes”, ou Poder Dual. Em seu artigo “Sobre a Dualidade de Poderes”, publicado em 9 de abril no Pravda, Lênin dava continuidade as Teses de Abril apresentadas no início desse mesmo mês, analisando a situação da revolução na Rússia e quais caminhos poderiam ser explorados. Segundo Lênin:

Em que consiste a dualidade de poderes? Em que ao lado do Governo Provisório, o governo da *burguesia*, se formou *outro governo*, ainda fraco, embrionário, mas indubitavelmente existente de facto e em desenvolvimento: os Sovietes de deputados operários e soldados. (LÊNIN, 2007, p. 01).

Para ele, o tipo de poder que emergiu com os Sovietes na Rússia, era uma forma de poder proletário similar ao da Comuna de Paris de 1871, a composição de classe dos soviets, formados majoritariamente por trabalhadores, indicava uma diferença qualitativa em relação a composição de classe do Governo Provisório, que expressava a unidade de classes da burguesia e pequena burguesia russa. Segundo Lênin:

É um poder de um gênero completamente diferente do poder que geralmente existe nas repúblicas parlamentares democrático-burguesas do tipo habitual imperante até agora nos países avançados da Europa e da América. Esta circunstância é esquecida com frequência, não se medita sobre ela, apesar de que nela reside toda a essência do problema. *Este* poder é um poder do *mesmo tipo* que a Comuna de Paris de 1871. (LÊNIN, 2007, p. 01).

Esse poder, que emergiu diretamente das massas, de baixo para cima, era uma expressão direta da iniciativa das massas em luta por seus interesses imediatos e históricos, os soviets não foram produzidos por nenhuma lei, nem sancionada por nenhum Estado. A Polícia e o Exército, são imediatamente substituídos pelo armamento geral do povo, “ com este poder a ordem pública é mantida pelos *próprios* operários e camponeses armados, pelo

próprio povo armado”. (LÊNIN, 2007, p. 02). O funcionalismo público, a burocracia estatal, é substituída ou limitada, por uma série de mecanismos de controle popular que emergem do povo, o sistema de delegação por mandatos imperativos transforma os delegados “em pessoas não só elegíveis mas *exoneráveis* à primeira exigência do povo, reduzem-se à situação de simples representantes.” (LÊNIN, 2007, p. 03). Para Lênin, esses são os elementos que constituíram a essência da Comuna de Paris (para ele, em um novo tipo de Estado). Todas essas características podiam ser claramente vistas em funcionamento nos Sovietes, assim: “na medida em que esses Sovietes existem, *na medida* em que são um poder, existe na Rússia um Estado do *tipo* da Comuna de Paris.”. (LÊNIN, 2007, p. 03).

Para Lênin, ainda que exista nos soviets um tipo de poder similar aquele da Comuna de Paris, esse poder é embrionário, e é justamente porque ao existir uma relação de dualidade de poderes com o Governo Provisório, Os Sovietes são forçadas a pactuar com o governo e a submeter seus interesses de classe, essencialmente popular, aos interesses dos setores dominantes representados pelo Governo Provisório. Assim, as tarefas dos bolcheviques naquele momento deveriam estar focadas em avançar com o poder dos soviets até que ele se torne o único poder existente na Rússia. Segundo Lênin:

A burguesia é pelo poder único da burguesia. Os operários conscientes são pelo poder único dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas, camponeses e soldados, pelo poder único preparado pelo *esclarecimento* da consciência proletária e pela sua libertação da influência da burguesia, e não por meio de aventuras. (LÊNIN, 2007, p. 03).

Do ponto de vista histórico, a dualidade de poderes na Rússia permaneceu até a Revolução de Outubro, quando no dia 25, os Bolcheviques, aliados aos socialistas revolucionários e anarquistas, se lançam a insurreição para dissolver o Governo Provisório, a Duma, e a Assembleia Constituinte. A Revolução de Outubro coloca na ordem do dia o poder único dos Sovietes, entretanto, como sabemos, é também a partir desse momento, que veremos o poder dos soviets sobre o controle da administração da economia e política russa, ser transferido gradualmente (e de maneira acelerada), para o controle do Partido Bolchevique. Entre a revolução de Outubro, e 1921, os soviets deixaram de representar na Rússia, o tipo de poder que Lênin havia identificado como o da Comuna de Paris. Para muitos esse processo representou uma traição dos bolcheviques com os soviets. (ROCKER, 2007).

Ainda que seja possível encontramos na literatura socialista do século XIX, debates que se assemelhem a questão da dualidade de poderes nos processos revolucionários, é a partir da Revolução Russa de 1917 que esse problema se apresenta concretamente pela primeira vez como uma questão teórica importante. (COUTINHO, 1985). O mérito de Lênin a ter sido o primeiro a identificar esse processo estava ligado também ao fato de que o poder dual na Rússia configurava um tipo de correlação de forças sem comparações anteriores. Para Lênin, a dualidade de poderes é um produto específico da Revolução de Fevereiro, e sequer antes disso, esse problema não poderia ter sido sequer pensado. Segundo nos diz: “Uma particularidade extremamente notável da nossa revolução consiste em que ela gerou uma *dualidade de poderes (...)* Ninguém antes pensava nem podia pensar na *dualidade de poderes*.” (LÊNIN, 2007, p. 01, destaque do autor).

Em sua História da Revolução Russa, escrita quase 13 após os acontecimentos de 1917, Leon Trotsky dedicou um capítulo do seu primeiro volume a questão da dualidade de poder, retomando o debate proposto por Lênin sobre o fenômeno do poder dual. Somado ao fato de uma análise que é produzida a mais de um década após aos acontecimentos, o ponto de partido de Trotsky para o fenômeno do poder dual decorre de que, enquanto Lênin concebia a dualidade de poderes como um fato inédito na história social, um produto específico da revolução russa de fevereiro, Trotsky generaliza a noção de dualidade de poderes: “a dualidade de poderes é uma condição peculiar as crises sociais, característica não exclusivamente da Revolução russa de 1917” (TROTSKY, 2017, p. 227). Para Trotsky a dualidade de poderes é um fenômeno das crises sociais em geral, em suas mais diversas manifestações. Isso permite ampliarmos não apenas a compreensão da relação da dualidade de poderes para além das contingências temporais e espaciais do processo russo, mas de fato nos permite usar o conceito para analisar as crises sociais que emergiram em processos revolucionários anteriores a própria Revolução Russa de 1917, pois “o regime de dualidade de poderes só é possível, por conseguinte, em épocas revolucionárias e constitui mesmo uma das características fundamentais destas.” (TROTSKY, 2017, p. 228).

A dualidade de poderes produz uma situação em que não é possível se manter por longo prazo a coexistência (seja diante de um total antagonismo, ou de uma situação de colaboração) desses poderes tão distintos, “Por sua própria natureza, tal situação não pode ser estável (...) O Fracionamento do poder prenuncia a guerra civil”. (TROTSKY, 2017, p. 229). Para Lênin e Trotsky, é claro que o desenvolvimento da dualidade de poderes explode no

enfrentamento direto entre as forças, e com o desenvolvimento da guerra civil, essa contradição se expande para a luta pela defesa e conquistas de territórios. Segundo Trotsky:

A guerra civil dá ao duplo poder sua mais demonstrativa expressão, que é, precisamente, a expressão territorial: cada um dos poderes, tendo criado seu campo entrincheirado, luta pela conquista do território restante, o qual frequentemente submete-se a dualidade dos poderes, sob a forma de invasões alternadas das duas potências beligerantes, enquanto uma delas não se tenha definitivamente consolidado. (TROTSKY, 2017, p. 229).

A Revolução Russa foi a primeira revolução socialista vitoriosa do século XXI, e seu impacto se fez sentir por todo o mundo, instigando a onda revolucionária na Europa e América após o término da primeira guerra mundial. Os soviets se transformaram em um exemplo da capacidade instituinte dos trabalhadores construir um novo tipo de governo e de sociedade, e mesmo que com a criação da União das Repúblicas Soviéticas, os soviets tenham perdido sua importância na vida econômica e política da federação, os conselhos continuam a ser reivindicados por trabalhadores de todo o mundo. O processo da revolução russa de fevereiro de 1917 e o surgimento da dualidade de poderes, foi, segundo Trotsky, o momento em que “a Revolução Russa converteu-se num acontecimento de significação histórica universal.” (TROTSKY, 2017, p. 229).

Em meados dos anos 1930, Murray Bookchin havia se tornado militante do *Socialist Workers Party* (SPW), a principal organização socialista de matriz trotskista dos EUA. Foi em seu tempo na SPW, que ele entrou em contato com a obra *História da Revolução Russa*, de Trotsky, e foi por meio dessa leitura, que ele foi influenciado pela questão do poder dual. (BIEHL, 2012). Com o seu posterior desenvolvimento intelectual e militante, já não mais no campo do comunismo, mas do anarquismo, a noção de poder dual constituiu uma parte essencial de suas concepções estratégicas em torno do municipalismo libertário, ou comunalismo. Segundo Bookchin, o potencial da dualidade de poder foi pouco explorada pelos marxistas em geral, em especial por Trotsky, que segundo ele, “não tinha uma teoria do poder dual.”⁷² (BOOKCHIN, 2000, tradução nossa). Para ele, a exposição de Trotsky sobre a dualidade de poder é mais descritiva do que analítica: “A noção de “poder dual” estava bem enraizada na política socialista russa muito antes de Trotsky dedicar um capítulo ao conceito

⁷²had no “theory” of dual power.

em sua História da Revolução Russa, um capítulo que possui apenas nove páginas, a maioria das quais meramente descritivas.”⁷³ (BOOKCHIN, 2000, tradução nossa).

Mesmo com essa leitura, fica claro que Bookchin, mesmo criticando Trotsky, mantém em sua concepção de poder dual os mesmos elementos chaves descritos por Trotsky e Lênin. Diverge deles no sentido de que vê o antagonismo desses poderes meramente como tipos diferentes de Estado, mas sim como o antagonismo entre a própria Sociedade e o Estado, que como vimos, se realiza nos municípios, a arena de combate ideal para esses conflitos. Segundo Bookchin:

No municipalismo libertário, o poder dual tem a intenção de ser uma estratégia para criar justamente estas instituições libertárias de assembleias de democracia direta que se oporiam e substituiriam o Estado. Pretende-se criar uma situação em que os dois poderes – as confederações municipais e o Estado-Nação – não possam coexistir, e um deles deve, mais cedo ou mais tarde, substituir o outro.
⁷⁴(BOOKCHIN, 2000, tradução nossa).

Ao defender a criação de instituições de democracia direta, como assembleias populares e conselhos, Bookchin entende que o processo de desenvolvimento confederal dessas instituições, ocorrendo através de um sistema de delegações por mandatos imperativos, garante que a população de uma cidade crie mecanismos de controle direto sobre a economia e a política municipal. Esse processo se inicia nos níveis mais elementares da vida cotidiana, nos espaços de moradia, nos bairros e comunidades. Como vimos anteriormente, trata-se de reconstruir nas cidades, uma dimensão pública da política que foi apartada da vida cotidiana. Assim, pela criação de um sistema de assembleias populares, aos poucos, os cidadãos que participam dessas assembleias e que decidem sobre questões que afetam diretamente sua vida, vão construindo uma nova esfera pública, resgatando a pólis da urbes. Esse processo se inicia nos bairros, mas vai de maneira federativa, se ampliando em níveis superiores, primeiro o local, depois o regional, o nacional e o internacional. Segundo Janet Biehl: “Bookchin postulou que uma vez que as assembleias de cidadãos fossem criadas e confederadas, elas se tornariam um Poder Dual que poderia ser colocado contra o Estado-Nação – e derrubá-lo e substituí-lo”. (2012, p. 185, tradução nossa).

⁷³The notion of a “dual power” was well rooted in Russian socialist politics long before Trotsky devoted a chapter to the concept in his *History of the Russian Revolution*, a chapter that occupies a mere nine pages, most of which are descriptive.

⁷⁴In libertarian municipalism, dual power is meant to be a strategy for creating precisely those libertarian institutions of directly democratic assemblies that would oppose and replace the State. It intends to create a situation in which the two powers—the municipal confederations and the nation-state—cannot coexist, and one must sooner or later displace the other.

Nessa concepção estratégica, o poder dual é um produto do próprio desenvolvimento da confederação, nesse sentido, Bookchin entende que o confederalismo é um sistema de poder dual, e que deve, em seu desenvolvimento, buscar a todo instante aumentar essa tensão que existe com o Estado-nação, até o desenvolvimento inevitável de uma situação revolucionária e de uma guerra civil. Ele criticava as perspectivas que buscavam conciliar as instituições populares dos trabalhadores com as instituições estatais da classe dominante. Um exemplo disso foi como os sociais democratas alemães e austríacos após a primeira guerra mundial buscaram traduzir a dualidade de poder para sua realidade como uma forma de institucionalização legal dos soviets, funcionando de maneira pacífica com o parlamento burguês. Segundo ele:

Esses marxistas austro alemães pensavam no poder dual como uma condição permanente que consistia em conselhos permanentes, através dos quais os trabalhadores podiam expressar seus interesses, juntamente com o estado parlamentar, através do qual a burguesia poderia expressar seus interesses. Esses social-democratas despojaram o “poder dual” de sua tensão revolucionária, e o termo se tornou sinônimo de um governo bipartidário que poderia ter existido indefinidamente.⁷⁵ (BOOKCHIN, 2000, tradução nossa).

Assim como Lênin e Trotsky entendiam que a dualidade de poder é um momento transitório das crises sociais e dos processos revolucionários, Bookchin marca a importância de que as instituições sociais e organizações revolucionárias produzidas pelo povo, se preparem para o conflito com as forças repressoras do Estado-nação, nesse sentido, a criação de milícias de cidadãos armados deve ser organizada em todas as cidades membros da confederação. (BOOKCHIN, 1995). Segundo Janet Biehl: “Quanto maiores e mais numerosas forem as confederações municipais, maior será sua potencialidade para constituir um poder dual (parafrazeando Trotsky) ou contra-poder ao estado-nação.”⁷⁶ (BIEHL, 2019, p. 70, tradução nossa).

⁷⁵*These Austro-German Marxists thought of dual power as a permanent condition consisting of permanent councils, through which workers could express their interests, together with parliamentary state, through which the bourgeoisie could express its interests. These Social Democrats divested “dual power” of its revolutionary tension, and the term became a synonym for a two-part government that could conceivably have existed indefinitely.*

⁷⁶*The larger and more numerous the municipal confederations become, the greater would be their potentiality to constitute a dual power (to use Trotsky’s phrase) or counterpower to the nation-state.*

3.3 – POLÍTICA PREFIGURATIVA

Assim como a dualidade de poderes, o problema da política prefigurativa já havia sido tangenciado por inúmeros autores e era uma prática constante de organizações revolucionárias do passado. Podemos encontrar, realizando essa projeção, aspectos sobre o debate da política prefigura em autores do socialismo utópico, como Flora Tristan, Charles Fourier, Robert Owen, etc... podemos também encontrar também no desenvolvimento do movimento operário profundos debates sobre a relação das organizações e instituições que os trabalhadores constroem, e qual o seu papel para a sociedade futura. Na Internacional, esse foi um debate constante que se desenvolveu sobre qual o papel dos sindicatos e das cooperativas na sociedade futura. Revolucionários como o Cesar de Paepe, e Eugene Hins deixaram importantes contribuições nesse sentido, antecipando em décadas os debates sobre a política prefigurativa. (MUSTO, 2014). Entretanto, é somente nos anos de 1970, que há uma primeira elaboração mais sistemática sobre esse debate, quando o cientista político norte americano Carl Boggs, publica em 1977 dois importantes artigos (*Revolutionary Process, Political Strategy, and the Dilemma of Power* e *Marxism, Prefigurative Communism, and The Problem of workers Control.*) que constituíram a base teórica do conceito que hoje é denominado de política prefigurativa. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b; RAEKSTAD; GRADIN, 2020).

Nesses artigos, Boggs está fazendo uma crítica as principais estratégias socialistas do campo do marxismo naquele momento, em especial aquelas que tinham uma maior influencia na política dos EUA. Boggs se questionava, como desenvolver uma estratégia socialista que supere o desenvolvimento de uma burocratismo e de assimilação a ordem capitalista e estatal. Segundo ele:

As duas estratégias mais amplamente testadas para o avanço de objetivos revolucionários – o Leninismo e o reformismo estrutural – não oferecem nenhuma alternativa real à hierarquia burocrática, ao poder do Estado centralizado e à divisão social do trabalho característica da sociedade burguesa.⁷⁷ (BOGGS, 1977b, tradução nossa).

⁷⁷The two most widely-tested strategies for advancing revolutionary goals — Leninism and structural reformism — provide no real alternative to the bureaucratic hierarchy, the power of the centralized state, and the social division of labor characteristic of bourgeois society.

Entretanto, outras correntes do movimento socialista ofereceram contribuições para se pensar uma estratégia na qual essas alternativas sejam criadas. Esse campo da política prefigurativa esta segundo ele diretamente ligado, como vimos, ao socialismo do século XIX:

No século passado, o ataque mais direto ao marxismo estatista veio do que poderia ser chamado de tradição prefigurativa, que começa com os anarquistas do século XIX e inclui os sindicalistas, comunistas de conselho. e a Nova Esquerda. Por “prefigurativo”, quero dizer a incorporação, dentro da prática política em curso de um movimento, daquelas formas de relações sociais, capacidade de tomada de decisão, cultura e experiência humana que são o objetivo final. ⁷⁸(BOGGS, 1977b, tradução nossa).

Para Boggs, em política, existem sempre dois tipos de tarefas a serem realizadas por uma organização revolucionária, a tarefa instrumental, e a tarefa prefigurativa. O instrumental se refere diretamente a luta pela conquista e a manutenção do poder político, já a prefigurativa é referente aos objetivos finalistas do processo revolucionário, como autoemancipação popular, a democracia socialista, transformação das relações sociais autoritárias e hierárquicas, etc... (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b).

Para ele, as três principais concepções estratégicas contemporâneas do socialismo falharam na integração dessas duas tarefas. Nesse momento, início dos anos 70, Boggs esta se referindo diretamente ao leninismo, ao reformismo estrutural e ao anarco-comunismo. Para ele, a falha nessa integração está justamente na dificuldade dessas estratégias desenvolverem um conceito de transição para o socialismo que defina a forma política para os objetivos finalistas da libertação humana, faltam mediações políticas concretas que conectem os objetivos de longo prazo com as lutas imediatas de uma forma consistente. Para ele, quando essa integração falha, os objetivos do socialismo são absorvidos pelas estruturas burocráticas e passam legitimar novas formas de estatismo. Os dois principais exemplos que ele irá criticar, no campo das estratégias marxistas, é o processo da Revolução Russa, e o reformismo estrutural da via Italiana, do Partido Comunista Italiano. Para ele, ambas estratégias representam uma forma de continuação do jacobinismo, na medida em que privilegiariam as tarefas instrumentais em detrimento das prefigurativas. Nesse tipo de racionalidade instrumental, os meios se tornam fins institucionalizados. O processo da revolução russa é um exemplo claro, como vimos, após a revolução de outubro, os Soviéticos, que representavam

⁷⁸*In the past century, the most direct attack on statist Marxism has come from what might be called the prefigurative tradition, which begins with the nineteenth century anarchists and includes the syndicalists, council communists. and the New Left. By “prefigurative”, I mean the embodiment, within the ongoing political practice of a movement, of those forms of social relations, decision-making, culture, and human experience that are the ultimate goal.*

essa forma de política prefigurativa na Rússia, foi sendo cada vez mais aliado pelos bolcheviques de seu papel no controle da economia e política do país. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b).

O reformismo estrutural defendido pelo Partido Comunista Italiano também é visto por Boggs como um exemplo da dificuldade de integração de uma visão instrumentalista com a prefigurativa. O reformismo estrutural, ou a via italiana, foram desenvolvidos por Palmiro Togliatti durante os anos 1940 e partia de algumas premissas ou interpretações sobre as novas condições da luta de classes na Itália e no ocidente. A primeira vista, o reformismo estrutural pode parecer um retorno a velha estratégia da social democracia, mas na verdade ela representa uma adequação dessa visão instrumentalista típica das estratégias jacobinas, ao capitalismo de seu tempo. A base teórica do reformismo estrutural é a de que um movimento marxista em um capitalismo avançado não pode ganhar a hegemonia até que o balanço de forças político e ideológico o favoreça, assim nega a ditadura do proletariado por uma insurreição armada, de certa forma, é um desenvolvimento da frente popular dos anos 30. Assim, o PCI buscava participar das estruturas do Estado, dando um novo conteúdo a elas. Segundo Boggs:

A Via Italiana foi refinada e alterada desde o final da década de 1940, mas continua a moldar a prática do PCI de três maneiras básicas: (1) o desenvolvimento de uma estratégia de aliança que inclui a colaboração com as "classes médias" e o catolicismo; (2) aceitação da Constituição Republicana, do pluralismo e da democracia burguesa, com o objetivo de "democratizá-la" e eliminar os resíduos corruptos, irracionais e parasitários do passado; e (3) modernização da economia e redistribuição de recursos, incluindo reforma agrária, industrialização do Sul, eliminação do controle de monopólios e desenvolvimento de um sistema de bem-estar de maior alcance.⁷⁹ (BOGGS, 1977a p. 373, tradução nossa).

As condições do mundo pós segunda guerra favoreceram o desenvolvimento dessa concepção, a defesa de uma política fiscal keynesiana, liberação de crédito para os pequenos produtores, e a ampliação dos auxílios estatais para a modernização e o crescimento econômico fizeram com que PCI se constituísse em um partido de massas até então sem comparações no ocidente, tornando-se o novo referencial para muitos partidos comunistas da Europa e demais países. Assim, pelo reformismo estrutural, o objetivo não passavam mais

⁷⁹*The Via Italiana has been refined and amended since the late 1940's, but it continues to shape PCI practice in three basic ways: (1) the development of an alliance strategy that includes collaboration with the "middle classes" and Catholicism; (2) acceptance of the Republican Constitution, pluralism, and bourgeois democracy, with the goal of "democratizing" it while eliminating the corrupt, irrational, and parasitic residues of the past; and (3) modernization of the economy and redistribution of resources, including agrarian reform, industrialization of the South, elimination of monopoly control, and development of a more far-reaching welfare system.*

pela conquista do poder do Estado e a destruição das instituições de classe da burguesia, mas sim ampliar o sistema democrático pluripartidário, integrando as massas majoritariamente excluídas para a política nacional. Esse desenvolvimento intenso entretanto gerou novas contradições. Houve uma separação cada vez mais radical entre a luta política e a luta econômica, enquanto os partidos focavam na vida parlamentar, os sindicatos passaram a se corporificar cada vez mais, e a perder a sua autonomia em relação ao partido. A CGIL se transformou em correia de transmissão do PCI. Em um país com um histórico de movimento operário revolucionário, que sempre demandou por autonomia sindical, não demorou a surgirem rachas e fracionamentos na unidade sindical demandando por mais autonomia em relação ao partido, e essa separação, só afastava o PCI da política da vida cotidiana na Itália. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b).

Aliada a esse programa, a via italiana também se baseava em uma concepção quase neutra do Estado, como quase que existindo acima da luta de classes. A ideia da neutralidade estatal é historicamente parte da teoria da transição que olha para instituições burguesas como mecanismos para avançar o socialismo. O estado é visto como um instrumento técnico que pode ser mobilizado para qualquer propósito. O estado burguês é inseparável da sociedade civil, o produto de toda uma época de desenvolvimento capitalista liberal. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b). Para Boggs, o desenvolvimento do reformismo estrutural pode ser entendido como uma forma do desenvolvimento burguês na Itália, um processo de racionalização e democratização liberal capitalista que a burguesia foi incapaz de cumprir. Essas contradições produziram um processo de assimilação dessas organizações pelo sistema capitalista, suprimindo cada vez mais seu potencial revolucionário e os tornando parte da ordem. Para Boggs, basicamente todo partido comunista em sociedades capitalistas que seguiu uma estratégia eleitoral se incorporaram a lógica que originalmente desejavam subverter. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b).

Para Boggs, o anarco-comunismo tem historicamente, ao contrário do leninismo e do reformismo estrutural, focado nas tarefas prefigurativas, criando e desenvolvendo as organizações sociais e políticas de acordo com a compreensão de unidade entre meios e fins, de tal forma que é possível prefigurar nas organizações do presente os objetivos finalistas de uma sociedade futura emancipada. Assim, o anarco-comunismo oferece uma alternativa a uma lógica puramente instrumental. Ainda que Boggs não trabalhe com um conceito de anarquismo em suas múltiplas determinações, ele enfoca o peso que o antiestatismo tem nas

suas formulações estratégicas. Para ele, o anarco-comunismo tem três preocupações básicas: 1) receio de reproduzir formas hierárquicas de autoridade sob uma nova racionalidade ideológica, 2) uma crítica de partidos e sindicatos por sua organização burocrática perpetuar a separação entre líderes e massas e falhar em seus objetivos revolucionários, 3) - compromisso com uma visão de luta prefigurativa, através de estruturas que antecipem a futura sociedade libertada. Ainda que a política prefigurativa não seja uma exclusividade da ampla tradição anarquista, foram os anarquistas, sindicalistas revolucionários, anarcossindicalistas e conselhistas, as principais correntes a se estruturarem de maneira prefigurativa. (BOGGS, 1977a; BOGGS, 1977b).

Mesmo que Boggs reconheça que o anarco-comunismo, assim como o leninismo e o reformismo estrutural, não foi capaz de realizar uma integração das visões instrumentais e prefigurativas, ele ressalta que existe no campo do anarco-comunismo, ainda que de forma embrionária, uma teoria política da democracia socialista diferente da que é encontrada nas correntes jacobinas.

Sendo sua preocupação a integração dessas duas visões, ainda que o anarco-comunismo avance um aspecto da dialética, ele apresenta dificuldades para resolver os dilemas que decorrem das tarefas instrumentais. Para ele, o dilema persiste, como combinar prefiguração com as preocupações instrumentais da efetividade política? A alternativa pode estar justamente na possibilidade de inverter o peso da política instrumental pela prefigurativa, tornando não os partidos e estruturas estatais os agentes das transformações: “Uma vez que a função prefigurativa só pode ser plenamente realizada por meio de estruturas locais, são elas – e não o partido-Estado – que devem se tornar as agências primárias do processo revolucionário.”⁸⁰ (BOGGS, 1977a, p. 389, tradução nossa).

Assim, é possível pensarmos que o confederalismo, enquanto se constituiu como uma alternativa aos Estados, inevitavelmente produzirá uma situação de dualidade de poder – caso a confederação, seja de cidades, de sindicatos, etc, - se coloquem em radical oposição a existência do poder político do Estado. A inevitabilidade do conflito ocorre, mesmo diante de uma política de não agressão, como por meio da autodefesa. Em uma situação desse tipo, como preconizada pelo Confederalismo Democrático, os conflitos e as tensões tendem a

⁸⁰*Since the prefigurative function can be fully carried out only through local structures, it is they-rather than the party-state-that must become the primary agencies of the revolutionary process.*

escalonar até um momento que só possa existir um dos dois poderes ao fim. Nesse processo, O confederalismo não apenas reproduz formas políticas similares ao federalismo estatal, mas busca prefigurar uma nova forma política de organização social, baseada nas assembleias e conselhos, constituindo comunas que irão se unir umas as outras. Nesse sentido, há uma forma de política prefigurativa, onde as ideias da sociedade futura são realizadas no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, iniciamos uma pesquisa sobre os Escritos de Prisão de Abdullah Öcalan, produzidos no período entre o seu ano de prisão, 1999, e 2005. Ao definirmos esse recorte temporal, entendemos que é possível compreender a produção de Öcalan nesse período como os anos fundamentais para o desenvolvimento do paradigma do Confederalismo Democrático. Esse processo entretanto, não é direto nem linear. Como todo desenvolvimento teórico, a necessidade de estudo se confrontava diretamente com as limitantes condições que o carcere impunha a Öcalan. Para essa pesquisa, trabalhamos com os escritos de prisão de Öcalan que foram publicados em língua inglesa, compondo, ainda que uma parte significativa de seus escritos, um conjunto de textos menor do que os que foram produzidos por Öcalan. Muitos desses textos ainda estão aguardando ser organizados e traduzidos. Portanto, nessa pesquisa não houve nenhuma pretensão de esgotar a questão, os estudos sobre o pensamento de Abdullah Öcalan ainda são muito insipientes no mundo ocidental, e principalmente no Brasil. Assim, o acesso as fontes é uma das dificuldades desse tipo de pesquisa. Entretanto, foi possível, de acordo com os textos selecionados e que foram publicados em inglês, referentes ao período recortado, compreender um certo desenvolvimento do pensamento de Abdullah Öcalan no carcere.

Após sua prisão, seu primeiro trabalho intelectual será o conjunto de argumentos que compunham sua defesa durante o julgamento de Imrali, em 1999. A sua defesa foi posteriormente publicada como *Declaration of Democratic Solution on the Kurdish Question*, e permite que tenhamos acesso aos principais argumentos contra sua prisão, e a acusação de traidor e separatista. Nesse primeiro texto de prisão, vimos que Öcalan desenvolve as teses para a concepção de uma solução política para a questão curda, passando por modificações na estratégia da guerra popular prolongada, que orientava as ações do PKK desde 1984. Influenciado pelo cientista político norte americano Leslie Lipson, Öcalan irá defender que a melhor forma de encontrar uma solução política para a questão curda, é através da negociação e da paz entre o PKK e o Estado Curdo. Assim, ele apresentou suas ideias sobre a necessidade de transformação democrática do Estado da Turquia. Para Öcalan, era necessário que curdos e turcos, como ambos povos fundadores do país, realizem o pacto nacional de fundação da Turquia, e juntos, realizem a unidade democrática dos povos na Turquia, avançando com reformas estruturais no Estado Turco. Assim, seria possível, segundo Öcalan, construir uma

Republica Democrática da Turquia. Sua posição ainda que inesperada, foi amplamente aceita pelo PKK, e deu início a uma série de transformações nas estruturas organizacionais do PKK.

Após ser sentenciado a morte, e graças a pressão exterior da Corte Europeia de Direitos Humanos para comutar sua execução, Abdullah Öcalan se dedicou a preparar sua submissão, que foi submetida em 2001. Os textos que compõem sua submissão para a Corte Europeia de Direitos Humanos, que ele submeteu no ano de 2001, foram publicados em inglês como *Prison Writings*, sendo os dois primeiros volumes, *Roots of Civilization e The PKK and the Kurdish Question in the XXI Century*, referentes a sua apelação a CEDH. Nesses textos, Öcalan dá continuidade a busca de uma solução política e democrática para a questão, entretanto, nesses textos, ele realiza um estudo sobre as origens das civilizações humanas no oriente médio, e ao retornar a Suméria, em torno de 5000 a.C, ele busca a gênese das hierarquias entre os seres humanos, a formação do patriarcado, a formação da escravidão, a formação do Estado. Em seus escritos, além de uma discussão metodológica referente a análise de longuíssimo prazo da história, trabalhando muitas vezes nos campos diretos da teologia e mitologia, Öcalan compreendeu que o desenvolvimento histórico dessas estruturas hierárquicas não foi nem natural nem a única possibilidade histórica de desenvolvimento. Ao estudar o processo de resistência que as comunidades étnicas apresentaram frente ao processo de expansão territorial dos impérios sumérios e posteriores, Öcalan percebeu que nessas comunidades, que mantinham uma herança cultural e social do neolítico, apresentavam uma possibilidade histórica de um novo modo de organização social da vida, diferente daqueles que se desenvolveram nas civilizações escravistas. A partir dessa análise, Öcalan sente a necessidade de readequar a sua estratégia. Não mais o PKK deve buscar realizar a unidade democrática nas estruturas do Estado turco, ao contrário, devem focar suas atividades políticas no fortalecimento das estruturas e organizações da sociedade civil, que podem indicar caminhos alternativos para o desenvolvimento social. Assim, a republica democrática deve ser alcançada, mas agora por um desenvolvimento autônomo das estruturas da sociedade curda na Turquia e em outras localidades do oriente médio. Ainda que esses textos apresentem um avanço em relação a análise do Estado, se comparada a Declaração de 1999, é possível afirmar que esse primeiro bloco de escritos de prisão submetidos a CEDH são mais um aprofundamento das reflexões anteriores, do que necessariamente uma ruptura radical. Öcalan não exclui totalmente o Estado de sua estratégia, mas ele coloca claramente os limites que esse Estado tem e os entraves que ele pode desempenhar na construção de uma nova civilização. Durante os anos entre 2000 e 2002, o PKK irá se adequar institucionalmente as

novas ideias e posições de Abdullah Öcalan propostas em seus escritos, primeiramente, a tese da República Democrática, e depois, as teses apresentadas no apelo a Corte Europeia de Direitos Humanos.

Entre os anos de 2002 e 2004, Abdullah Öcalan estava estudando e desenvolvendo seu paradigma de acordo com as ideias e visões que ele recebe pela leitura dos livros do anarquista norte americano Murray Bookchin. A partir desses anos, em especial, os anos de 2002 e 2003, é quando Öcalan se transforma em um “aluno” de Bookchin, e sofre uma inflexão teórica importante. Se antes seus escritos mantinham uma crítica, ainda que moderada, ao Estado, a partir desse momento, Öcalan se afastava completamente da noção de Estado. Também é nesse momento que suas reflexões em torno do desenvolvimento da sociedade civil ganha mais corpo. Antes, ao falar sobre a importância de se desenvolver organizações na sociedade civil, Öcalan não era suficientemente claro sobre quais essas organizações, ou o porque de construir elas. Com a leitura de Bookchin, ele passa a traduzir a estratégia do municipalismo libertário para o oriente médio, e as estruturas a serem construídas assumem uma forma mais definida, assembleias e conselhos populares com vistas a construção de uma confederação, que se desenvolve de maneira independente dos Estados-nações.

Em 2004, temos um Abdullah Öcalan que já se considera bem estudado na obra de Bookchin, isso pode ser visto na correspondência que representantes do movimento curto trocaram com o socialista americano e sua mulher Janet Biehl. Nessa correspondência, Öcalan, que transmite a mensagem por seus advogados, se considera um aluno de Bookchin e de que mesmo que tenha discordâncias teóricas, acredita que seja possível realizar as ideias do municipalismo libertário no Oriente Médio. No ano seguinte, em 2005, já encontramos, na Declaração do Confederalismo Democrático, um trabalho de síntese exemplar, do processo de desenvolvimento do seu pensamento no cárcere. Na Declaração, é possível ver com clareza as teses que permaneceram de seus primeiros escritos, até as influências recebidas pela obra de Bookchin. Nesse sentido, não é possível afirmar, de acordo com os escritos de prisão aqui estudados, que Öcalan travou contato com a obra de Bookchin antes de 2002 e de que já estava influenciado por essas ideias. O estudo de Bookchin realmente aparece somente a partir de 2002, e a Declaração do Confederalismo Democrático é o texto síntese que demonstra essa influência realizada.

Por fim, buscamos apresentar e relacionar as noções de confederalismo com a de poder dual e política prefigurativa, buscando compreender como a construção do confederalismo leva a um conflito com as forças opositoras do Estado-nação, assim como essas estruturas são carregadas de uma forma de política prefigurativa pela qual se tornam instrumentos de libertação, prefigurando em sua existência, uma forma de autogoverno.

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. A Comuna de Paris e a Noção de Estado. *In*: BAKUNIN, Mikhail. **O Princípio do Estado e outros escritos**. São Paulo: Hedra, 2011. p.111-136.
- BAYÂK, Cemil. Preliminary Notes. *In*: ÖCALAN, Abdullah. **Prison Writings: Roots of Civilization**. Tradução de Klaus Happel. London: Pluto Press, 2007. p.13-21.
- BIEHL, Janet. Bookchin, Öcalan, and the Dialectics of Democracy. *In*: PAECH, Norman *et al.* **Challeng Capitalist Modernity Alternative Concepts and the Kurdish Quest**. London, Cologne: The International Initiative for the Freedom of Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan, 2012. p.174-187.
- BIEHL, Janet. **Las Políticas de La Ecología Social**. Municipalismo Libertário. Barcelona: Lallevir SL / Virus Editorial, 2009.
- BIEHL, Janet. **Bookchins Libertarian Municipalism**. Rev. Cadernos de Campo, Araraquara , n. 26, p. 63-78, jan./jun. 2019. E-ISSN 2359-2419.
- BOGGS, Carl. Revolutionary Process, Political Strategy, and the Dilemma of Power. **Theory and Society**, v. 4, n. 3, p. 359-393, Autumn 1977a. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/656724?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: Out. 2021.
- BOGGS, Carl. Marxism, Prefigurative Communism, and the Problem of Workers' Control. **Radical America**, 11 (November), 100, 1977b. Disponível em <https://theanarchistlibrary.org/library/carl-boggs-marxism-prefigurative-communism-and-the-problem-of-workers-control>. Acesso em: Dez. 2021.
- BOOKCHIN, Murray. Thoughts on Libertarian Municipalism. Institute for Social Ecology. **Left Green Perspectives**, n. 41, January, 2000. Disponível em: <https://social-ecology.org/wp/1999/08/thoughts-on-libertarian-municipalism/>. Acesso em: Dez 2021.
- BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo, crítica e autocrítica**. Tradução de Felipe Corrêa e Alexandre B. De Souza. Introdução de Felipe Corrêa. São Paulo: Hedra, 2011.
- BOOKCHIN, Murray. **O Significado de Confederalismo**. 1990. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/bookchin-o-significado-de-confederalismo>. Acesso em: Out. 2021.
- BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Mauro José Cavalcanti (Org.). Rio de Janeiro: Achiamé. 2010.
- BOOKCHIN, Murray. O conceito de Ecologia Social. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.129-141.

BOOKCHIN, Murray. Comunalismo, a dimensão democrática do anarquismo. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.55-74.

BOOKCHIN, Murray. Municipalismo Libertário. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.43-54.

BOOKCHIN, Murray. Por um novo Municipalismo. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.31-41.

BOOKCHIN, Murray; ÖCALAN, Abdullah. **Corrêspôndência**. 2004. Disponível em <https://bibliotecaanarquista.org/library/bookchin-ocalan-correspondencia>. Acesso em: Dez. 2021.

CAVALCANTI, Mauro José. Murray Bookchin e o “Anarquismo Verde”. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.7-17.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado** - Investigações de Antropologia Política. Porto: Afrontamento, 1979.

COLOMBO, Eduardo. Uma História Escamoteada. *In*: COLOMBO, Eduardo. **História do Movimento Operário Revolucionário**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo. Imaginário; São Caetano do Sul. IMES, Observatório de Políticas Sociais. 2004. p. 19-31.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A Dualidade de Poderes** - Introdução a teoria marxista de Estado e Revolução. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CAVALCANTI, Mauro José. Murray Bookchin e o “Anarquismo Verde”. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Ecologia Social e outros ensaios**. Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro: Achiamé. 2010. p.7-17.

CORRÊA, Felipe. Introdução. *In*: BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo, crítica e autocrítica**. Tradução de Felipe Corrêa e Alexandre B. De Souza. Introdução de Felipe Corrêa. São Paulo: Hedra, 2011. p.9-42.

CRUZ, C. N. **Confederalismo Democrático - A Proposta de Abdullah Öcalan**. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/43923114/Confederalismo_Democr%C3%A1tico_A_proposta_de_Abdullah_%C3%96calan. Acesso em: Outubro de 2021.

ENCKELL, Marianne. A AIT: A Aprendizagem do Sindicalismo e da Política. *In*: COLOMBO, Eduardo. **História do Movimento Operário Revolucionário**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo. Imaginário; São Caetano do Sul. IMES, Observatório de Políticas Sociais. 2004. p. 35-43.

GRAEBER, David; WENGROW, David. Como mudar o curso da história humana. **Eurozine**, 2019. Disponível em: <https://www.eurozine.com/como-mudar-o-curso-da-historia-humana/#>. Acesso em: Dez 2021.

GUNTER, Michael M. The Continuing Kurdish Problem in Turkey after Öcalan's Capture. *Third World Quarterly*, v. 21, n. 5, 2000, p. 849–869. JSTOR, www.jstor.org/stable/3993622. Accessed 12 Aug. 2021.

HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta Cabeça**. Ideias Radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JONGERDEN, Joost; AKKAYA, Ahmet Hamdi. Democratic Confederalism as a Kurdish Spring: The PKK and a Quest for Radical Democracy. In: AHMED, M.M.; GUNTER, M.M. (ed.). **The Kurdish Spring**: Geopolitical Changes and the Kurds. California: Mazda Publishers, 2013. p.163–185.

LÊNIN, V.L. **Sobre a dualidade de poderes**. 2008. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/09.htm>. Acesso em: ago. 2018.

LÊNIN, V.I. Teses de Abril. In: MARX, Karl *et al.* **Manifesto Comunista. Teses de Abril. Com textos introdutórios de Tariq Ali**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LESSA, Sergio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

LIPSON, Leslie. **A Civilização Democrática. V. 1**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

LIPSON, Leslie. **A Civilização Democrática. V. 2**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

MATIM, Kamran. **Democratic Confederalism and the International: A Sympathetic Critique of Abdullah Öcalan's State Theory**. 2017. Disponível em: http://www.academia.edu/35086541/Democratic_Confederalism_and_the_International_A_Sympathetic_Critique_of_Abdullah_%C3%96calans_State_Theory. Acesso em: ago. 2018.

MARTÍNEZ, Joaquín Martínez. A transformação do PKK. In: DIRIK, D. *et al.* **A Revolução Ignorada: Feminismo, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio**. Traduzido por Paulo Ferraz. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. cap.2, p.55-60.

MCDOWALL, David. **A Modern History of The Kurds**. London: I.B. Tauris & CO Ltd. 2007.

MILEY, Thomas Jeffrey *et al.* **Sua Liberdade e a minha: Abdullah Öcalan e a questão Curda na Turquia de Erdoğan**. Thomas Jeffrey Miley; Federico Venturini (Orgs.); Tradução: Pedro Gomes de Souza Barros. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019. 420p.

MILEY; HAMMI; YILDIZ. O Conflito Turco-Curdo em contexto histórico. In: MILEY, Thomas Jeffrey [*et al.*]. **Sua Liberdade e a minha: Abdullah Öcalan e a questão Curda na Turquia de Erdoğan**. Thomas Jeffrey Miley; Federico Venturini (Orgs.); Tradução: Pedro Gomes de Souza Barros. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019. 420p.

ÖCALAN, Abdullah - **Declaration on Democratic Solution of the Kurdish Question - The Defence Arguments that the Head of the PKK Abdullah Öcalan Presented at "The Trail of the Century"**. 1999. Disponível em <https://theanarchistlibrary.org/library/abdullah-ocalan-declaration-on-the-democratic-solution-of-the-kurdish-question>. Acesso em: Out. 2021.

ÖCALAN, Abdullah. **Prison Writings: Roots of Civilization**. Tradução de Klaus Happel. London: Pluto Press, 2007.

ÖCALAN, Abdullah. **Prison Writings: The PKK and the Kurdish Question in the 21st Century**. Tradução de Klaus Happel. London: Pluto Press, 2011.

ÖCALAN, Abdullah. **Guerra e Paz no Curdistão**. London, Cologne: The International Initiative for the Freedom of Abdullah Öcalan - Peace in Kurdistan, 2008.

ÖCALAN, Abdullah. **Confederalismo Democrático**. Tradução de Coletivo Libertário de Apoio a Rojava. Rio de Janeiro: Rizoma, 2016.

ÖCALAN, Abdullah. **Liberating Life: Woman's Revolution**. London, Cologne: The International Initiative for the Freedom of Abdullah Öcalan – Peace in Kurdistan, 2013.

ÖCALAN, Abdullah. **Declaração do Confederalismo Democrático - Ao Povo Curdo e a Comunidade Internacional**. 2005. Disponível em <https://bibliotecaanarquista.org/library/declaracao-do-confederalismo-democratico-no-curdistao>. Acesso em: Dez. 2021.

ÖZCAN, Ali Kemal. **Turkey's Kurds: A Theoretical analysis of the PKK and Abdullah Öcalan**. London, New York: Taylor&Francies e-Library, 2006.

KROPOTKIN, Piotr. **A Grande Revolução (1789-1793)**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

KROPOTKIN, Piotr. **O Princípio Anarquista e outros ensaios**. São Paulo: Hedra, 2012.

RAEKSTAD, Paul; GRADIN, Sofia. **Prefigurative Politics - Building Tomorrow Today**. Cambridge: Polity Press, 2020.

ROCKER, Rudolf. **Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2007.

SAMIS, Alexandre. Uma Terra Sem Amos: O Federalismo na Comuna de Paris. **Hist. R.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 15-40, jul./dez. 2011.

STRANGERS IN A TANGLED WILDERNESS. O Rio de uma montanha tem muitas curvas, uma introdução à revolução de Rojava. In: BIBLIOTECA TERRA LIVRE; COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTÊNCIA CURDA DE SÃO PAULO. **Şoreşa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2016. cap.1, p.13-47.

TRAGTENBERG, Mauricio. **A Revolução Russa**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2007.

THOMPSON, Edward. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa** - A árvore da Liberdade, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa**. v.1 - A Queda do Tzarismo. Tradução de E. Huggins. Brasília: Senado Federal Editorial, 2017.

UZUN, Adem. Liberdade Viva: A Evolução do Conflito Turco-Curdo e os Esforços para Resolvê-lo. *In*: MILEY, Thomas Jeffrey [*et al.*]. **Sua Liberdade e a minha: Abdullah Öcalan e a questão Curda na Turquia de Erdoğan**. Thomas Jeffrey Miley; Federico Venturini (Orgs.); Tradução: Pedro Gomes de Souza Barros. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019. p. 165-198.

VÁSQUEZ, Jordi. Breve História do PKK. *In*: DIRIK, D. *et al.* **A Revolução Ignorada: Feminismo, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio**. Traduzido por Paulo Ferraz. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. cap.2, p.51-55.

VOLIN. **A Revolução Desconhecida** - Nascimento, Crescimento e Triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global Editora, 1980.

YARKIN, Güllistan. The ideological transformation of the PKK regarding the political economy of the Kurdish region in Turkey. **Kurdish Studies**, v. 3, n. 1, p. 26 – 46, 2015. ISSN: 2051-4883 & e-ISSN: 2051-4891.

YOFFE, Norman. **Mitos do Estado Arcaico**. Evolução dos Primeiros Estados, Cidades e Civilizações. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

**APÊNDICE A – MURRAY BOOKCHIN E ABDULLAH ÖCALAN –
CORRESPONDÊNCIA (2004)**

Tradução de Caio Nunes da Cruz

Reimar Heider⁸¹, Intermediário de Öcalan⁸², para Murray Bookchin⁸³ e Janet Biehl⁸⁴

6 de Abril de 2004

Caros amigos,

por favor deixem-me apresentar: Meu nome é Reimar Heider, e eu sou um dos tradutores alemães dos livros de Abdullah Öcalan, prisioneiro político e o mais influente pensador e político Curdo.

Öcalan tem estado em confinamento solitário pelos últimos cinco anos. Durante esse tempo ele leu as traduções turcas de alguns dos livros de Murray Bookchin, especialmente “*The Ecology of Freedom*” e “*Towards an Ecological Society*” que os influenciaram profundamente. Ele reconstruiu sua estratégia política em torno da visão de uma "sociedade democrática ecológica", e desenvolveu um modelo para construir uma sociedade civil no Curdistão e no Oriente Médio. Ele tem recomendado os livros de Bookchin para cada prefeito em todas as cidades curdas e queria que todos os lessem.

⁸¹Reimar Heider é físico e ativista dos direitos humanos na Alemanha. É porta-voz da Iniciativa Internacional “Liberdade para Öcalan – Paz no Curdistão”. É o principal tradutor para o alemão das obras de Abdullah Öcalan. (NT)

⁸²Abdullah Öcalan é um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), uma organização revolucionária curda formada em 1978 na Turquia. Em 1999, foi sequestrado e preso por um complô internacional coordenado pela CIA, MOSSAD, e Forças Especiais Turcas. Foi primeiro condenado a morte, e atualmente esta em prisão perpétua na ilha de segurança máxima da ilha de Imrali, no mar da marmará, na Turquia. É a maior referência política e intelectual do Movimento de Libertação Curdo. (NT)

⁸³Murray Bookchin (1921-2006) foi um anarquista e ecologista estadunidense. Foi o fundador da Ecologia Social e da estratégia do Municipalismo Libertário. Fundou em 1974 o Instituto por uma Ecologia Social, em Vermont, onde se dedicou a desenvolver a ecologia social e influenciou gerações de movimentos sociais feministas, urbanos, ecológicos, etc... (NT)

⁸⁴Janet Biehl é uma escritora e ativista política estadunidense, durante décadas se dedicou a defender a Ecologia Social no Instituto por uma Ecologia Social, com importantes obras publicadas, e se tornou companheira de Murray Bookchin. Atualmente trabalha como tradutora e jornalista, e é uma das principais divulgadoras no mundo anglófono do Movimento de Libertação Curdo. (NT)

Eu não sei se o Sr. Bookchin está informado sobre isso, mas eu tenho certeza que ele se encantará ao escutar sobre. Seus livros, especialmente “*The Ecology of Freedom*”, são lidos e muito discutidos agora na Turquia e no Curdistão (Eu mesmo li “*The Ecology of Freedom*” em turco e alemão e dei um seminário sobre).

Lamento que ainda não haja disponíveis as traduções em inglês dos últimos livros de Öcalan. Eu gostaria muito de demonstrar a você a influencia do Sr. Bookchin e outros livros sobre ele. Mas se algum de vocês compreende alemão eu posso enviar a vocês algumas paginas de seu ultimo livro.

Infelizmente eu não fui capaz de encontrar o e-mail do Sr. Bookchin. Eu estou certo de que você pode me ajudar com isso se ele tiver um. Se não, eu espero que você possa encaminhar a ele minhas mais calorosas saudações. Eu gostaria muito de poder entrar em contato com ele.

Obrigado por sua ajuda,

Reimar Heider

Murray Bookchin para Reimar Heider

11 de Abril de 2004

Caro Reimar Heider,

Obrigado por sua carta eletrônica de 6 de Abril. Você deve saber que eu sou homem bastante idoso (83 anos) que é virtualmente incapaz de andar por causa da osteoartrite e problemas no coração. Eu te digo isso para explicar porque eu geralmente atraso a responder as cartas, especialmente e-mails. Eu também devo alertar você de que pessoas que professam falar em meu nome, não necessariamente falam por mim - exceto por minha companheira, Janet Biehl, a qual eu divido meu endereço de e-mail e com quem eu moro. (Por favor anote o endereço de e-mail dela)

Como a maioria dos Americanos, infelizmente, eu conheço muito pouco sobre o PKK e Abdullah Öcalan, embora eu me lembre das notícias de sua prisão anos atrás. Graças a nossa imprensa paroquial, os americanos são mal informados sobre os assuntos curdos. (Mesmo os Curdos Iraquianos são muito negligenciados por nossos correspondentes de guerra). Eu aprendi apenas poucos dias atrás que o Sr. Öcalan tem estado sob sentença de morte há cinco anos e atualmente está em confinamento solitário. Eu sinceramente espero que ele esteja lidando com sua situação.

Nós estamos, entretanto, familiarizados com a língua alemã, então você não precisa se preocupar se nós iremos entender a literatura que vocês nos enviou nessa língua. Me envie o que você quiser, embora eu serei obrigado a responder em Inglês. O problema que eu enfrento em escrever rápido é somente uma questão de minha saúde debilitada e os problemas médicos.

Você também deve saber que embora eu fundei o Instituto para uma Ecologia Social, junto a Dan Chodorkoff⁸⁵, há uns 30 anos atrás em Vermont, a escola desde então se tornou muito diversificada e não reflete consistentemente as minhas visões. Parte de sua equipe se direcionou para visões anarquistas que eu considero juvenil e uniformizada, com a qual eu não tenho simpatia. Eu digo isso para pedir a você que escreva diretamente a mim pelo endereço de e-mail de Janet, onde eu posso ao menos aproveitar uma livre correspondência, livre da interferência dessas crianças "libertárias".

Quando a mim, eu tenho estado ativo na esquerda americana por uns 70 anos como um sindicalista e como professor. Em síntese, eu sou a minha própria maneira uma história ambulante do século vinte, e sempre tentei olhar para além das ideias que as pessoas congelam em dogmas. *THE ECOLOGY OF FREEDOM* e *TOWARDS AN ECOLOGICAL SOCIETY*, ambos datam aos anos 1980. Além disso, você deve saber que *THE ECOLOGY OF FREEDOM* foi apenas parcialmente traduzido para o alemão. (eu acredito, entretanto, que a tradução turca esta completa). Eu também tenho escrito livros e artigos sobre o meu conceito de municipalismo libertário, confederalismo, o significado de politica como distinto de parlamentarismo, e as lições a serem aprendidas da tradição revolucionária. (Eu recentemente completei um livro em quatro volumes sobre esse ultimo tópico, o terceiro volume esta para ser publicado no próximo mês pela *Continuum Publishers* em Londres). Esses escritos - especialmente *THE RISE OF URBANIZATION AND THE DECLINE OF CITIZENSHIP*, que foi traduzido para o alemão e o turco - podem ser de seu interesse e do Sr. Öcalan. Esses escritos mais recentes tem provocado um considerável interesse na América Latina, Escandinava e outras partes da Europa, e na Austrália.

Ainda há muito a ser explorado, o que minha saúde e idade me proibem de fazer. Se você quiser continuar a escrever para mim, eu te peço por favor para ser paciente com um antigo radical. Eu desejo expressar minha profunda preocupação pelo Sr. Öcalan.

Cordialmente,

Murray Bookchin

131 Main Street, apt. 301 Burlington, VT 05401 USA tel: (802) 863-4545

jbiehl@together.net

⁸⁵Dan Chodorkoff é antropólogo, cofundador e atual diretor executivo do Instituto por uma Ecologia Social. Ativista nos movimentos ecológicos e urbanos. Professor no Goddard College em Vermont. (NT)

Reimar Heider e Oliver Kontny⁸⁶ para Murray Bookchin

5 de Maio de 2004

Caro Murray Bookchin,

Temos o prazer de informar que após nossa correspondência, informamos os advogados de defesa do Sr. Öcalan em Istambul sobre o conteúdo de sua carta. Um membro do time de defesa, Sr. Aydinkaya, mencionou brevemente a questão ao Sr. Öcalan durante sua última visita legal. Sr. Öcalan estava aparentemente muito satisfeito com a sua preocupação e pediu que seus representantes entrem em contato com você imediatamente. Ele mandou seus calorosos cumprimentos e declarou que os dois escritores com os quais atualmente ele está mais engajado são você e Immanuel Wallerstein⁸⁷. Sr. Öcalan enfatizou que ele pensa ter adquirido um bom entendimento sobre suas ideias; na verdade, ele se referenciou como um bom estudante seu. Ele instruiu seus advogados a enviar para você seu último manuscrito o mais rápido possível. Este é um manuscrito que ele acabou de rascunhar para a audiência de 9 de Junho de 2004 de seu caso diante da Grande Câmara da Corte Europeia dos Direitos Humanos. A tradução do documento para a língua inglesa está sendo feita por uma companhia na Turquia; nós esperamos ser possível presentear você com uma cópia legível do texto em Junho.

O Sr. Öcalan diz que lastima que houve algumas deficiências na tradução turca dos quatro livros seus que ele leu, e de que existem alguns pontos em que ele discorda de suas ideias. O que ele enfatizou especialmente, entretanto, foi que ele está ansioso para seguir seu pensamento e ajudar a torná-lo mais frutífero em termos da sua aplicabilidade nas sociedades do Oriente Médio. Ele gostaria de assegurar que você não precisa se preocupar com a falta de apreciação de alguns de seus jovens seguidores pelas sutilezas e dinâmicas do seu pensamento, visto que o Movimento de Libertação Curdo está determinado a implementar com sucesso suas ideias. Ele acrescentou algo no sentido de que ele acredita que os três livros que ele escreveu na prisão, podem, tomados juntos, oferecer algumas respostas para dilemas

⁸⁶*Oliver Kontny é advogado e tradutor independente, formado em direito e ciências sociais. Traduz do turco para o alemão e inglês. Trabalhou com o time legal de advogados de defesa de Abdullah Öcalan. (NT)*

⁸⁷*Immanuel Maurice Wallerstein (1930-2019) foi um sociólogo estadunidense, um dos desenvolvedores da teoria do sistema mundo. Foi um dos principais críticos do capitalismo global, e uma referência para o movimento antiglobalização. (NT)*

teóricos e práticos que a teoria marxista foi incapaz de entrar em acordo nos últimos 150 anos. Ele afirma claramente que agora pensa ser teoricamente insustentável conceber a formação do Estado na Antiga Mesopotâmia como um desenvolvimento "inexorável" ditado por causalidades históricas e necessárias ao progresso humano. Nesse novo manuscrito, o Sr. Öcalan reavalia algum de seus argumentos anteriores sobre a transição do Neolítico para as primeiras sociedades estatais hierárquicas e fez alguns pontos originalmente incríveis sobre as ramificações epistemológicas da teoria do caos para os estudos sociais e históricos, e para as perspectivas políticas que estão sendo derivadas de conceituações teóricas da história da humanidade. Ele também explora as consequências que isso tem para sua própria concepção da história da Mesopotâmia, e para as conclusões políticas que ele tirou de seu trabalho anterior, assim, abandonando completamente o paradigma da construção de Estados como o objetivo de processos emancipatórios. Ele ainda elabora sobre o conceito de uma sociedade eco-democrática e a implementação prática do municipalismo libertário no Curdistão.

Ele enfatizou, entretanto, de que seu trabalho não é e nunca poderia ser o trabalho de um acadêmico mas de alguém procurando por caminhos práticos para sair da crise que os Curdos e o Oriente Médio enfrentam. Ele expressou algumas críticas impressionantes sobre o discurso científico ocidental e enfatizou que a sua própria abordagem seria sempre informada por uma releitura contemporânea dos discursos tradicionais do Oriente Médio.

Em vista das óbvias dificuldades na comunicação com o Sr. Öcalan, nós estamos mais que do que felizes em ajudar a facilitar a sua comunicação com ele.

Ansioso por saber sobre você,

Atenciosamente,

Reimar Heider

Oliver Kontny

Murray Bookchin para Reimar Heider

9 de Maio de 2004

Caro Reimar,

Obrigado por transmitir os comentários do Sr. Öcalan para mim. Eu estou satisfeito que ele acha que minhas ideias sobre municipalismo libertário podem ser uteis para pensar um futuro corpo político Curdo.

Eu também aprecio os esforços para mediar um diálogo entre o Sr. Öcalan e eu. Eu peço que você entenda que eu sou um velho muito frágil de 83 anos; de que eu não posso mais sentar diante de um editor de textos por horas e escrever artigos ou mesmo cartas; e que mesmo ler por mais de algumas horas no dia é muito difícil para mim. (Mesmo com essa breve carta, eu precisei da ajuda de Janet). Eu sou obrigado a passar muito do meu tempo na cama. Assim, eu não estou em posição de continuar um extensivo diálogo teórico com o Sr. Öcalan, por mais que eu gostaria de fazer, e posso no melhor, prover apenas respostas rápidas e incompletas. Lamento profundamente essa perda, mas tenho cada vez mais chegado a um acordo com a inexorabilidade do envelhecimento e da mortalidade.

O Sr. Öcalan parece preocupado em deixar claro que ele precisa recorrer a outras fontes intelectuais além da minha, especialmente as do Oriente Médio. Ele deve ter a certeza de que eu ficaria profundamente perturbado se também não fizesse uso total dessas outras fontes.

Por favor, dê ao Sr. Öcalan meus melhores votos. Minha esperança é que o povo Curdo um dia estabelecerá uma sociedade livre e racional, que irá permitir seu brilho florescer uma vez mais. Eles são realmente afortunados por ter um líder com os talentos do Sr. Öcalan para guiá-los.

Atenciosamente,

Murray Bookchin

Reimar Heider e Uta Schneiderbanger⁸⁸ para Murray Bookchin e Janet Biehl

10 de Dezembro de 2004

Cara Janet Biehl, caro Murray Bookchin,

Nós gostaríamos de informar vocês que sua gentil carta com suas observações positivas sobre o Sr. Öcalan foi lida na 2ª Assembleia Geral do Congresso do Povo do Curdistão⁸⁹, que aconteceu nas montanhas curdas nesse verão, e foi muito aplaudida.

As condições de aprisionamento do Sr. Öcalan não melhoraram, na verdade, agora ele tem possibilidades ainda mais limitadas de se comunicar como o mundo exterior ou mesmo com seus advogados e sua família. Portanto esta se tornando cada vez mais difícil organizar uma troca de pensamentos através dos muros de sua cela de prisão. Entretanto, em vários, dos raros encontros com seus advogados, ele novamente recomendou os livros de Murray Bookchin, especialmente "*Urbanization without Cities*".

Nós mandamos para você antes, uma parte do livro dele de 2003, onde ele se refere a uma remodelação da comunalidade nas vilas e cidades Curdas. Em seu último livro, que apareceu esse ano em Turco, ele deu muito mais espaço a ascensão da hierarquia na sociedade humana e enfatizou especialmente o caráter patriarcal da hierarquia e da civilização de classes. Ele apresenta um modelo de civilização, que não se concentra apenas na luta de classes isolada, mas que enxerga a "sociedade natural" como a oposição à sociedade de classe através da história. A sociedade "natural" se manifesta na forma de grupos étnicos, movimentos de classe e religiosos, e grupos filosóficos que defendem sua liberdade. Na visão dele, a subjugação da mulher desempenha um papel importante na subjugação dos indivíduos livres. Portanto, ele dá uma ampla descrição do processo do estabelecimento do sistema patriarcal.

⁸⁸Uta Schneiderbanger nasceu na Alemanha em 20/07/1961, em 1980 se tornou uma lutadora da liberdade no movimento de libertação curdo e foi uma ativa defensora dos direitos das mulheres. Seu nome de guerra era Nûdem e pouco meses após essa carta, foi martirizada no dia 31 de Maio de 2005, na cidade de Qeladizê, em Basur (Curdistão Iraquiano). (NT)

⁸⁹O Segundo Congresso do Povo do Curdistão (*Kongra-Gel Kurdistan*) aconteceu entre 16 e 26 de Maio de 2004, em Qandil, região montanhosa de Basur (Curdistão Iraquiano) onde o PKK tem bases. (NT)

Este livro também contém uma bem explícita crítica do marxismo dogmático clássico, no qual o Sr. Öcalan comprometeu-se a aderir em si por muito tempo. Ele especialmente critica a abordagem do socialismo real sobre a violência, o poder e o Estado. Um grupo revolucionário que não difere fundamentalmente de seus oponentes em relação a esses tópicos está danado a ser absorvido pelo sistema, como o socialismo real foi absorvido pelo capitalismo. Ele saúda o movimento das mulheres como o mais importante movimento revolucionário do século 20, porque com a análise do sexismo em todas as esferas da sociedade, e especialmente nas ciências sociais, relevou mais sobre os conflitos essenciais na sociedade do que qualquer outra escola de pensamento fez anteriormente.

Em seus trabalhos, o Sr. Öcalan frequentemente se refere a conceitos como sociedade ecológica e municipalismo libertário, apesar de que ele enfatiza pontos diferentes do seu (Murray Bookchin).

Cara Janet,

Do que nós sabemos de suas publicações, que infelizmente não foram traduzidas para o turco ainda, você também pode estar interessada em discutir ou criticar os pontos de vista do Sr. Öcalan. Nós sabemos que ele aguarda críticas, especialmente por que sua possibilidade de discutir seus pensamentos são extremamente limitadas devido ao seu solitário confinamento, que tem durado pelos últimos 6 anos.

Desde o começo dos anos 80, um movimento de mulheres emergiu no Curdistão, o qual tem ganhado considerável força atualmente. O desenvolvimento do movimento das mulheres é intimamente ligado às lutas de libertação curda e aos esforços do Sr. Öcalan. Seu debate com o movimento de mulheres curdas sobre a posição da mulher na sociedade o influenciou consideravelmente, e os pensamentos citados acima são hoje discutidos mais intensivamente no movimento de mulheres.

Mulheres curdas exiladas na Europa estão muito interessadas em construir uma ponte entre os debates que são conduzidos nas montanhas e cidades do Curdistão e movimentos e ativistas de outras partes do mundo. O movimento de mulheres Curdas na Alemanha, onde a maioria dos exilados curdos vivem, então organizaram o 1º Festival Internacional da Mulher nesse verão, para ampliar a discussão sobre as perspectivas da luta de libertação curda e o papel da mulher na sociedade. Mulheres de diferentes países tomaram parte em discussões

sobre paz e violência contra a mulher. O slogan do festival foi "Mulheres cruzam fronteiras e se unem!". Em 2005 o principal tópico do 2º Festival será a ecologia. Nós gostaríamos de convidar mulheres de todas as partes do mundo e imaginamos em princípio que você possa estar interessada em participar de nossas discussões.

Janet Biehl para Reimar Heider e Uta Schneiderbanger

11 de Dezembro de 2004

Caros Uta Schneiderbanger e Reimar Heider,

É emocionante saber que os comentários de Murray Bookchin foram lidos para a segunda assembleia geral do Congresso do Povo no Curdistão no verão passado, e é gratificante saber que muitos curdos agora veem suas ideias favoravelmente.

Muito obrigada por sua carta de 10 de Dezembro, e por favor aceite minhas desculpas pela demora em responder você. Eu demorei porque Murray disse que queria escrever para você, e eu acredito que sua vontade é genuína, mas até essa data sua saúde o impediu de fazê-lo.

Para nós, continuar uma correspondência com vocês (e com todos) tem sido difícil por que a saúde de Murray esta constantemente declinando. Seu nível de dor da osteoartrite esta aumentando, e sim, ele toma analgésicos, mas é sua escolha os limitar, para que eles não interfiram com seu funcionamento mental. Então ele esta numa constante batalha contra a dor, o que é muito desmoralizante. Ultimamente, como ele se aproxima de seu 84º aniversário, ele frequentemente se torna confuso e desorientado, incapaz de entender muitas conversas simples. Como a sua cuidadora assim como companheira, isto é talvez a coisa mais difícil para lidar. Entretanto ele mantém seu bom julgamento básico, seu espirito ainda é morno, expansivo, e amoroso, e em especial, recentemente ele se tornou fascinado com todas as noticias que ele consegue sobre os Curdos e os assuntos curdos. Vocês se tonaram um farol para ele em seus anos de declínio.

Eu estou muito honrada por seu convite para ser incluída nas discussões sobre ecologia com o movimento de mulheres curdas. Em torno de quinze anos atrás eu escrevi um livro que era critico do "ecofeminismo" por sua natureza reacionaria; desde então o "ecofeminismo" praticamente desapareceu do discurso do movimento (embora eu entenda alguns acadêmicos por aqui que ainda hesitam sobre isso). Desde então eu não me envolvi muito com o movimento feminista, pois eu preferi trabalhar como uma defensora da ecologia social.

Hoje não atuo tanto politicamente, por causa do meu trabalho de cuidar do velho Murray. Conforme ele foi se aposentando da política, eu também diminuí minha atividade para cuidar dele. Então eu não acho que poderia participar de suas discussões frequentemente, ou poder fazer alguma contribuição significativa para elas. Mas eu sou muito grata pelo convite e desejo a vocês uma frutífera troca.

Eu irei transmitir imediatamente qualquer coisa que Murray seja capaz de escrever para vocês e para o Sr. Öcalan. Por favor, envie a ele nossos melhores cumprimentos.

Com calorosas saudações,

Janet Biehl

Burlington, Vermont

APÊNDICE B - DECLARAÇÃO DO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO NO CURDISTÃO⁹⁰ (2005)

Tradução de Caio Nunes da Cruz

AO POVO CURDO E A COMUNIDADE INTERNACIONAL

Nós estamos em uma era histórica que tanto oferece a humanidade imensas oportunidades de desenvolvimento como grandes perigos. O Oriente Médio esta atravessando um período de conflitos e caos o qual tem sido considerado como a Terceira Guerra Mundial, e no centro desses conflitos e contradições esta o Curdistão. Apesar das tentativas de manter um status quo politico formal, e os esforços das forças do capital global para encontrar soluções de acordo com seus próprios interesses, os povos buscam o desenvolvimento de seus próprios sistemas democráticos baseados na liberdade e para superar a situação atual de caos e conflito. Aqui esta um resumo aproximado dos principais pontos:

1. A base para todo o desenvolvimento da humanidade até o século 19 foi a revolução agrícola originada no sistema ecológico das montanhas Zagros⁹¹. O Século 19 levou a segunda grande revolução, a revolução industrial. Essa segunda revolução teve um papel importante no desenvolvimento do estado nação. O sistema de estados nações, entretanto, se tornou uma séria barreira pra o desenvolvimento da sociedade, da democracia e da liberdade desde o fim do século 20.

2. O direito a autodeterminação das nações era interpretado como o direito de estabelecer um estado nação. O modelo das Nações Unidas⁹² baseado nos estados nações não

⁹⁰Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160929163726/http://www.freemedialibrary.com/index.php/Declaration_of_Democratic_Confederalism_in_Kurdistan>. Acesso em Agosto 2020.

⁹¹As montanhas Zagros compõem a cordilheira de montanhas mais altas do Iraque e do Irã. Junto aos montes Tauro, na Turquia e na Síria, compõem a região onde correm os rios Eufrates e Tigre, o chamado crescente fértil, região onde se desenvolveu a revolução agrícola neolítica. (NT)

⁹²Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945 após a segunda guerra mundial. É uma organização intergovernamental criada para promover a cooperação internacional. (NT)

está funcionando. O estado nação é um obstáculo para o seu desenvolvimento. A Guerra do Golfo⁹³ e a atual situação no Iraque serve como prova disso.

3. O único caminho para sair dessa situação é estabelecer um sistema democrático confederal que irá obter sua força diretamente do povo, e não da globalização baseada em estados nações. Nem os estados nações nem a globalização que os substituem são sustentáveis. O imperialismo falha em desenvolver um modelo alternativo sério. Conseqüentemente a crise do sistema esta se aprofundando.

4. Por essa razão, a única alternativa é o confederalismo democrático, que é um modelo piramidal de organização. Aqui são as comunidades que falam, debatem e tomam as decisões. Da base ao topo os delegados eleitos formariam uma espécie de corpo coordenador menos rígido. Eles serão os representantes eleitos do povo por um ano.

5. Um sistema confederalista democrático seria o modelo para a resolução dos problemas do Oriente Médio. Nem o sistema capitalista nem a pressão das forças imperialistas levarão a democracia; exceto para servir seus próprios interesses. A tarefa é auxiliar no desenvolvimento de movimentos de democracia de base. O confederalismo democrático é um sistema que leva em consideração as diferenças religiosas, étnicas e de classe na sociedade.

6. Para o Curdistão, entretanto, o confederalismo democrático é um movimento que não interpreta o direito a autodeterminação como o estabelecimento de um estado nação, mas desenvolve sua própria democracia a despeito das fronteiras políticas. Uma estrutura curda será desenvolvida através da criação de federações de Curdos no Irã, Turquia, Síria e Iraque. E ao se unirem num nível superior elas formaram um sistema confederal.

7. Dentro do Curdistão, o confederalismo democrático estabelecerá assembleias de vilas, municípios e cidades e seus delegados serão encarregados com poder real de tomada de decisão, o que de fato significa que as pessoas e a comunidade decidirão.

Os atuais eventos através do Mundo, incluindo o Oriente Médio, e a situação do Curdistão levou a conclusão que desenvolver e estabelecer o confederalismo democrático é uma tarefa histórica inevitável. Começar a desenvolver, promover e estabelecer o

⁹³A Guerra do Golfo (1990-1991) foi um conflito militar entre o Iraque e as forças da Coalização Internacional formada pelo Kuwait, Reino Unido, Arábia Saudita, liderada pelos Estados Unidos da América e que foi patrocinada pela ONU. Aqui Öcalan também faz referência a ocupação militar no Iraque liderada pelos EUA em 2003. (NT)

confederalismo democrático em um novo dia do Newroz⁹⁴ é historicamente visto como um passo progressivo, excitante e libertador.

O confederalismo democrático no Curdistão não é um sistema estatal, mas um sistema democrático de um povo sem estado. Com as mulheres e juventude na vanguarda, é um sistema em que todos os setores da sociedade desenvolverão suas próprias organizações democráticas. É uma política exercida por livres e iguais cidadãos confederados ao elegerem seus próprios representantes regionais livres. É baseada no princípio de sua própria força e perícia. Deriva seu poder do povo e em todas as áreas, incluindo a economia irá buscar por autossuficiência.

O confederalismo democrático Curdo retira sua força das raízes históricas de seu povo, e da profundamente enraizada, a rica identidade cultura da Mesopotâmia⁹⁵. É baseado na estrutura democrática comunal da sociedade natural. Durante toda sua história curdos favoreceram sistemas de clã e confederações tribais e lutaram para resistir a governos centralizados. O confederalismo democrático é baseado na realidade do povo patriota, a vida livre, e a vasta experiência de estruturas e organizações democráticas pela qual o PKK⁹⁶ tem lutado por mais de 30 anos em todas os campos de batalha, em particular nas prisões e nas montanhas com seus milhares de mártires.

O confederalismo democrático mira e luta para pressionar por profundas reformas a fim de abrir a estrada para a democracia; e remover quaisquer barreiras obstaculizando a democratização. DE agora em diante, três leis irão ser aplicadas no Curdistão: A Lei da UE⁹⁷, a lei do governo nacional e a lei democrática confederal. Enquanto os governos nacionais do Irã, Iraque, Turquia e Síria respeitarem as leis democráticas confederais o povo curdo observará suas leis e assim, buscará um terreno em comum.

O confederalismo democrático é baseado no direito de reconhecimento, e preservação de todas as identidades culturais assim como a promoção do direito de liberdade de expressão.

⁹⁴Também chamado de ano novo persa ou iraniano, tradicionalmente comemorado por muitos povos do oriente médio. Para os curdos, representa a vitória de seu ancestral Kawa, o ferreiro, contra a opressão de um tirano rei Assírio. É associado com a luta pela liberdade, por isso é uma data tão simbólica para os curdos. Geralmente é comemorada no período do Equinócio de Março, entre os dias 18 e 24 de Março. (NT)

⁹⁵Mesopotâmia, ou a região entre dois rios, faz referência a região do oriente médio em torno dos rios Tigre e Eufrates, também conhecida como região do crescente fértil, que permitiu o desenvolvimento da revolução neolítica e das primeiras civilizações, como os Sumérios e Acádios. (NT)

⁹⁶O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), é uma organização revolucionária fundada em 1978 na Turquia. Em 1984 iniciam uma guerra popular prolongada contra o estado turco, e se tornaram a principal organização socialista curda do oriente médio e do movimento de libertação curdo. (NT)

⁹⁷União Europeia. Fundada em 1993, é uma união econômica e política de 27 estados independentes situados majoritariamente na Europa. (NT)

Para esse fim, busca como sua principal tarefa a resolução da questão curda por meios democráticos, o reconhecimento da identidade curda em todos os níveis e o desenvolvimento e a promoção da linguagem e cultura curda.

O princípio do confederalismo democrático promove um modelo ecológico de sociedade. é oposto a todas as formas de opressão sexual e visa superar isso através da luta de libertação da mulher. Busca o estabelecimento da democracia em todas as esferas da vida da sociedade curda que é baseada na ecologia e na igualdade dos sexos e luta contra todas as formas de reação e atraso. Combina direitos e liberdades individuais com o desenvolvimento da democracia. O confederalismo democrático busca resolver os problemas da sociedade sem recorrer a violência e por isso é baseado numa política de paz. Irá usar seu direito legítimo a autodefesa contra qualquer ataque a seu país, seu povo, suas liberdades e contra qualquer violação de seus direitos.

O confederalismo democrático é o movimento do povo Curdo de estabelecer sua própria democracia e sistema societal. É a expressão da sociedade democrática e transcende todas as estruturas nacionais. É baseado nas liberdades e direitos políticos, sociais, econômicos, culturais sexuais e étnicos. Se esforça pela unidade de diferentes organizações comunais e ecológicas e ao mesmo tempo representa a organização governamental como uma expressão da sociedade organizada. Nessa premissa, eu estou convocando todos os setores da sociedade, em particular as mulheres e os jovens, à construir suas próprias organizações democráticas e governarem a si próprios.

O confederalismo democrático é a expressão da unidade democrática dos Curdos que estão espalhados em quatro países e dispersos pelo mundo. Busca a resolução dos problemas internos da nação Curda através da unidade democrática. Enxerga a tendência de criar um estado nação baseada no nacionalismo como a continuação de uma compreensão ultrapassada sobre o estado nação. Como esses modelos não irão resolver a questão Curda ou ajudar o povo Curdo no desenvolvimento da sociedade Curda eu convido essas forças a se abrirem a democratização e se unirem a confederação na base da unidade nacional democrática.

O confederalismo democrático é baseado em uma compreensão democrática profundamente enraizada e em um senso de liberdade, não faz diferença entre povos e defende a igualdade e a liberdade de todos os povos. Substitui o estado nação centralizado baseado em fronteiras. É a base para a unidade dos povos e forças democráticas no Oriente Médio. Estabelece suas relações com países vizinhos na base da igualdade e liberdade de

direitos políticos, sociais e culturais. Para esse fim, eu convido a todos os povos regionais a se unirem dentro da confederação democrática e eu convido os países vizinhos a adotarem uma posição democrática.

O confederalismo democrático se opõe ao imperialismo global e procura a democracia global dos povos. É um sistema em que todos os povos e toda a humanidade deveriam viver no século 21. Isso pavimentara o caminho para um confederalismo democrático global e uma nova era. Eu convoco a humanidade para criar um novo mundo sob a égide de um confederalismo democrático global.

Eu acredito que por anunciar a formação do KOMA KOMALEN KURDISTAN⁹⁸ (KKK), como a expressão do confederalismo democrático e a unidade do povo curdo, nesse dia de Newroz de 2005 nós estabelecemos uma nova filosofia e um novo modo de vida para nosso povo. Eu convoco a todo nosso povo a estabelecer sua própria democracia, se unir e governar a si próprios, sob sua própria bandeira (no fundo verde um sol amarelo com uma estrela vermelha). Eu carregarei essa bandeira orgulhosamente e continuarei a carregar minhas tarefas como líder. Nesse dia de primavera, um dia mais próximo da liberdade do que os dias de primavera do passado, eu desejo a nosso povo e aos povos regionais um feliz Newroz. Com minhas melhores saudações.

Abdullah Öcalan

Koma Komalen Kurdistan

20 de Março de 2005

⁹⁸Em 2005, a organização foi fundada com o nome de Koma Komalên Kurdistan, União das Associações do Curdistão (KKK). Em 2007 mudou de nome para Koma civakên Kurdistanê, União das Comunidades do Curdistão (KCK). É uma organização transnacional que reúne os principais partidos políticos curdos e demais organizações da sociedade civil curda comprometidas com o estabelecimento do programa do confederalismo democrático para o oriente médio. (NT)